U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITETURA

Um Território em Socalcos

Proposta de uma Casa Experimental na Ilha da Madeira

Maria Francisca Perneta Rodrigues Pereira

M

2021

U.PORTO

Maria Francisca Perneta Rodrigues Pereira.
Um Território em Socalcos - Proposta de uma Casa Experimental na Ilha da Madeira

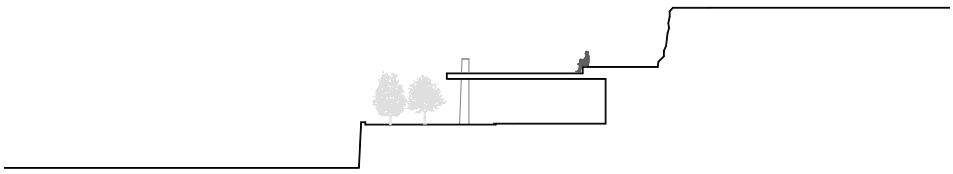
Um Território em Socalcos - Proposta de uma Casa Experimental na Ilha da Madeira
Maria Francisca Perneta Rodrigues Pereira

FACULDADE DE ARQUITETURA

M.FAUP **2021**

Um Território em Socalcos

Proposta de uma Casa Experimental na ilha da Madeira



Maria Francisca Perneta Rodrigues Pereira

Orientação: Professor Doutor Carlos Adriano Magalhães Macedo Prata

Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

FAUP, 2021

- Nota -

A presente dissertação encontra-se dirigida ao abrigo do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todas as imagens e desenhos apresentados nesta dissertação foram redimensionados e editados pela autora da dissertação e têm a respetiva referência no índice de imagens.

As citações transcritas no corpo de texto foram traduzidas para português pela autora, de forma livre, de maneira a facilitar e permitir uma leitura fluída e uniforme.

- Agradecimentos -

Ao Professor Doutor Carlos Prata, agradeço o acompanhamento, empenho e dedicação ao longo do processo desta dissertação. Pelas palavras e por me ensinar a pensar de forma rigorosa.

À Arquiteta Susana Jesus e ao Arquiteto Miguel Malaguerra, agradeço a simpatia e valiosa contribuição que teve a partilha das suas visões sobre o objeto de estudo. Agradeço também a disponibilidade e amabilidade com que me receberam no atelier, e a cedência de levantamentos topográficos do terreno e respetivos registos fotográficos.

Ao chefe Octávio Freitas, agradeço a simpatia e disponibilidade nas visitas ao lugar da intervenção.

A todos aqueles que se foram cruzando no caminho e que contribuiram de alguma forma para a realização desta dissertação.

Aos meus amigos e ao Filipe, agradeço o apoio e entusiasmo constantes.

À minha família, e em especial aos meus pais e irmã, agradeço a presença, compreensão e disponibilidade constante.

A todos, um obrigada.

- Resumo -

Esta é a memória de um projeto pessoal.

A presente dissertação parte de uma vontade e de um desejo pessoal que procura gestos e possíveis enunciados de intervenção, a partir de uma ação experimental num contexto insular, a ilha da Madeira. O crescente ritmo de transformações e mutações a que se tem assistido no território madeirense, têm conduzido ao desaparecimento de valores de uma identidade coletiva, provocando uma vontade por questionar os valores que estão presentes nas tradições, culturas e memórias de uma sociedade, não só na construção de um lugar, mas também na procura por uma relação íntima na conquista de espaços, lugares e paisagens.

O interesse por estes temas acentuou-se ao longo do percurso académico, num constante ir e voltar à *Terra Mãe*, pois são as qualidades particulares e definidoras deste território, que devem ser objeto de um esforço de preservação, para que seja possível uma (re)interpretação. Neste sentido, este trabalho procura (re)conhecer, analisar e (re)interpretar alguns pontos *críticos*, de forma a potenciar a possibilidade de atuar, através de um projeto de caráter experimental, num contexto real: o terreno do Socalco, portador de uma cultura e de uma história, situado no concelho da Calheta.

O lugar, os elementos que o definem e caracterizam, e a procura por entender a relação da ação do Homem na Paisagem e no Território, através da criação de um *espaço-casa*, serão os principais temas analisados ao longo do desenvolvimento das reflexões que serão expostas nesta dissertação. Estes temas surgiram da necessidade de colocar uma postura crítica e consciente perante os problemas, oportunidades e condicionantes, que um projeto pode suscitar num contexto tão peculiar. Deste modo, o projeto surge não só como uma consequência de reflexões e de problemas considerados ao longo do desenvolvimento do trabalho, mas também como o resultado de um conjunto de considerações e possibilidades face a um contexto que envolve um leque de características e fatores que são capazes de caracterizar este território insular. Procura-se a construção de uma postura pessoal, de uma forma de olhar o território da ilha da Madeira, evocando uma arquitetura que procura se libertar das condicionantes formais de forma a permitir a sua adaptação.

Palavras chave: Paisagem, Território, Socalco, Memória, Experimental.

- Abstract -

This is the *memoir* of a personal project.

The present thesis was motivated by the will and desire that seeks attitudes and statements of intervention, based on an experimental action on an island framework, the Madeira Island. The growing pace of transformations and mutations that have been witnessed in Madeira Island, led to the vanishing of values of a collective identity, evoking a desire to question the values that are present in tradition, culture and memories of a society, not only in the construction of a place, but also in the pursuit for an intimate relationship we can achieve with places, spaces and landscapes.

The interest in these themes increased throughout the academic journey, in a constant back and forth to *Mother Earth*, as they are the particular and defining qualities of this territory, which must be the object of an effort of preservation, so that it is possible to (re)construe. In this sense, this work seeks to (re)recognize, analyse and (re)interpret some critical points, in order to enhance the possibility of acting, through an experimental project, in a real context: the landscape of Socalco, which bears culture and history, located in Calheta.

The place, the elements that define and characterize it, and the search to understand the relationship of the action of Man in the Landscape and in the Territory, through the creation of a *space-house*, will be the main themes analysed during the development of the reflections exposed in this thesis. These themes arose from the need to put a critical and conscious stance towards the problems, opportunities and constraints that a project can raise in such a peculiar context. In this manner, the project appears not only as a consequence of reflections and problems considered throughout the development of this work, but also as the result of a set of considerations and possibilities in the context that involves a range of characteristics and factors that are able to characterize this territory. The aim is to build a personal posture, a way of looking at the territory of Madeira Island, invoking an architecture that seeks to free itself from formal conditions in order to allow its adaptation.

Key words: Landscape, Territory, Terrace, Memory, Experimental.

As Ilhas

Juntas, as linhas definem um arquipélago de resíduos – as ilhas – de tamanhos, formas e localizações diferentes, e com diferentes relações entre os bens da natureza e das infraestruturas. Elas são os negativos dos vazios circundantes. Cada ilha pode ser desenvolvida independentemente das outras, de acordo com as exigências específicas do local e do programa. Elas até podem constituir uma antologia de projetos da competição. Serão infinitamente flexíveis para acolher diferentes arquitetos, diferentes estilos, diferentes regimes, diferentes ideologias. Podem ser protegidas pelo estado, pela cidade, pelo desenvolvimento, pelos indivíduos. Acomodam intensidade ou tédio, densidade ou escassez. Elas serão bonitas ou imperfeitas. Elas não serão homogéneas; durante mais de 20 anos de construção de uma cidade, cada ilha será um microcosmo de um intervalo diferente. Os seus perímetros, sempre contaminados pelo toque com a linha do mar, assumirão cores programáticas e especificidades arquitetónicas. O modelo do arquipélago garante que a autonomia máxima de cada ilha reforce a coerência do todo.

Rem Koolhaas, in *Small, Medium, Large, Extra-Large*, 2ª ed. New York, The Monacelli Press, 1998.

- Sumário -

- Nota Introdutória - 017

(Escala Regional)

(I) (re)Conhecer o Território. Uma aproximação à Ilha da Madeira
- Caracterização geográfica e clima - 023
- Orografia e topografia - 027
- Território, Paisagem e Arquitetura - 031

(Escala Local)

(II) O terreno do Socalco
[1] Uma aproximação à Calheta 049
- [sobre a periferia e a disseminação das construções] - 051
- Enquadramento geral do concelho da Calheta - 059
- Ocupação humana e Património Natural - 063
- O Estreito da Calheta e a Costa - 069

[2] O contacto com o terreno 073
- [notas sobre territórios em socalcos] - 075
- Sobre a escolha do lugar - 081
- [notas sobre a construção dos muros dos socalcos] - 091

(Escala do Objeto)

(III) (por) uma Casa Experimental
- A Experiência dos Sentidos - 099

[1] Espaço Experimental: construir (n)a Paisagem 105
- *Habitar o Socalco*: estratégias de intervenção - 107
- Apontamentos sobre o projeto - 111

[2] Produção Gráfica 127

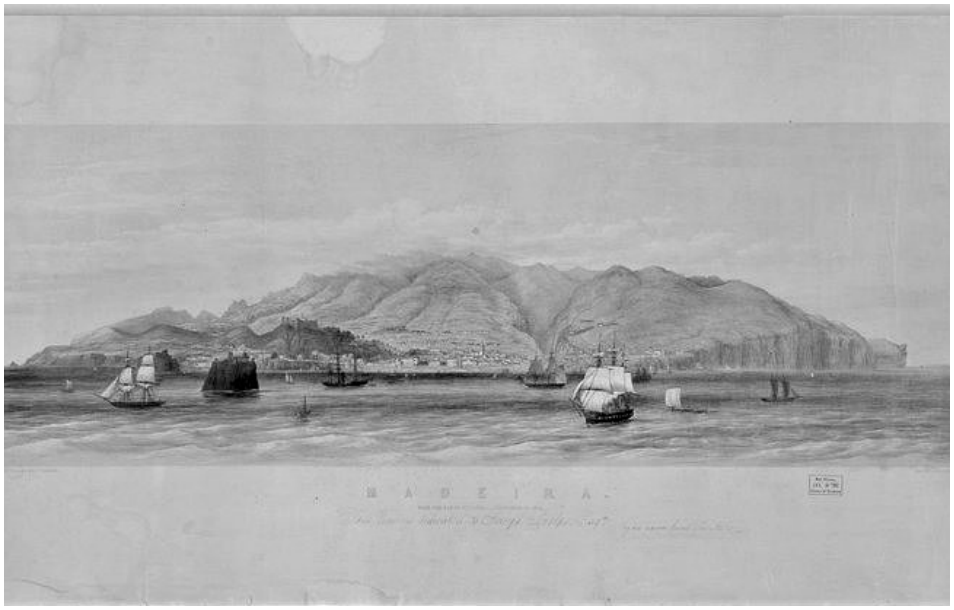
[3] Produção Escrita Complementar 155
- *Habitar*, com Juhani Pallasmaa - 157
- A Casa - 163
- (por) uma Arquitetura Sensorial: *a casa exterior* - 179
- casa-*Mirante* - 189
- [tradição e identidade, memória e permanências] - 195

- Arquitetura *torna* Paisagem - 201

- Bibliografia - 205
- Índice e créditos de imagem - 213

A passagem da Natureza (primordia) à produção de paisagem é um processo de humanização que incorpora um movimento de intemporalidade à temporalidade, do sagrado ao humano, do natural ao cultural. As paisagens são cultura mais do que Natureza.

SALEMA, Rosário, "Quanto (de) tempo tem uma paisagem?", in Jornal dos Arquitectos, nº 229, *Tempo*, Publicação da Ordem dos Arquitectos, Caleidoscópio, Lisboa, 2007, p.18.



1

[Registo 1] Aproximação à ilha da Madeira, Gravura de autor desconhecido, Século XIX, Funchal.

- Nota Introdutória -

Ao longo da vida, escolhemos lugares por razões pessoais e íntimas e voltamos a eles, física ou mentalmente, para nos sentirmos estranhamente "em casa."[1]

Nesta dissertação, a vontade por (re)conhecer elementos identitários do lugar onde nascemos, constitui o pretexto para se entender um possível modo de praticar arquitetura. O presente, cada vez mais global, tem vindo a provocar cada vez mais, uma necessidade de questionarmos o nosso passado numa constante procura por uma intimidade na ocupação de um espaço, lugar ou de uma paisagem.

Na reta final deste percurso académico, numa linha de *espaço-tempo*, regressamos a casa com um olhar atento, informado e intuitivo, numa relação pessoal com o território estabelecida numa formação que sempre procurou valorizar a importância do lugar enquanto razão de projeto. Desta forma, este trabalho final cresce a partir de uma vontade que se foi revelando ao longo deste percurso: construir (n)a paisagem em território madeirense, convocando a memória, o território, a paisagem e o Homem enquanto quatro razões que se intersetam e que se encontram, de forma a construir uma postura pessoal sobre o olhar no território da ilha da Madeira.

Enquanto objetivos do trabalho, procuramos entender a importância do lugar no exercício de projeto, compreender o existente como material de projeto através de uma leitura do lugar que o permita reconhecer. Procuramos também, estudar o *espaço-casa* na sua condição de laboratório experimental, como um programa que condensa várias complexidades na sua caracterização espacial. Como tal, o trabalho resulta de uma junção de duas partes: uma teórica e outra prática, ambas relacionadas com o projeto, tendo-o como base e ponto de partida. Esta relação entre as duas partes, permite que estas se completem, construindo uma postura crítica e tornando esta dissertação num leque de reflexões e de conhecimentos mais consciente e precisa.

---

[1] DA SILVA, João Gomes, "Paulo David: la arquitetura del mundo en cada lugar", in *2G – Paulo David* nº 47, Barcelona, 2008, p.68.

O processo construtivo desta dissertação organiza-se numa estrutura dividida em três momentos principais. O primeiro momento, referente a uma escala regional – *(re)Conhecer o território. Uma aproximação à ilha da Madeira* – rege-se pelo *regresso a casa*. Expõe uma leitura do lugar de origem, feita de aproximações e recuos, que procura comunicar este território, de forma breve, naquilo que o define para depois transformar parte destes conhecimentos, em princípios de desenho de projeto.

Uma ilha pode ser considerada como um lugar *estranho* onde se vive numa solidão rodeada pela infinidade de um oceano, e onde, apesar desse isolamento, existe constantemente um olhar sobre o mar que é movido por um desejo de chegada e pelo conforto de se poder sentir *em casa*. Deste modo, este primeiro momento remete para uma primeira análise de um (re)conhecimento deste território, para permitir um melhor entendimento na identificação de padrões e condicionantes a que esta ilha nos expõe, numa relação entre *Território, Paisagem e Arquitetura*.

O segundo momento, já numa escala local – *O terreno do Socalco* – reconhece o existente como material de projeto. Neste sentido, é feita uma aproximação em direção ao terreno do Socalco, localizado no concelho da Calheta, avaliando-o e reconhecendo-o com base nos padrões anteriormente analisados, que permitiram o estudo do lugar de intervenção, potenciando uma melhor noção e compreensão de como nele intervir. O terreno do Socalco torna-se assim, no nosso *espaço experimental*.

O concelho da Calheta é o mais extenso de todos os concelhos do arquipélago e está situado entre o Sul e o extremo Oeste da ilha da Madeira, e é caracterizado essencialmente por uma paisagem rural. A Calheta guarda em si, memórias de uma circunstância de insularidade inscritas em noções de saudade, de paisagem, de culturas de sobrevivência, moldadas em elementos que constituem uma relação simbiótica entre natureza e arquitetura – os socalcos. O terreno do Socalco, possuidor de uma paisagem de cultura, parece-se quase como um conjunto de sedimentos que mostram a evolução da população nos seus saberes agrícolas e nos saberes *da gente*, desenhado pelos socalcos resultantes de um processo coletivo do *pensar e agir*.

A descoberta do lugar de intervenção gerou uma postura crítica e uma inquietação que não ficaria completa nem verdadeiramente consciente, sem um estudo acerca destes territórios tão particulares construídos em socalcos. Assim, após o conhecimento destes territórios, procurámos ter em conta alguns elementos que fomentassem uma ação de projeto que pro-

cura (re)interpretar referências culturais, de forma a preservar uma memória e a estabelecer um diálogo harmonioso entre *Paisagem* e *Arquitetura*.

O terceiro e último momento, a partir de uma escala do objeto – *(por) uma Casa Experimental* – estabelece uma relação direta com o projeto de arquitetura, procurando identificar e compreender as *provocações* do real e estabelecer princípios de continuidade num exercício experimental de projeto. Neste sentido, este momento aborda também alguns temas que se tornaram de extrema importância no desenvolvimento do projeto, e na relação com a construção do *espaço-casa*. Estes elementos escritos, querem ser entendidos como uma informação complementar, mas que é essencial para a total compreensão das intensões de projeto, formando uma espécie de *guião em aberto* sobre o projeto da Casa Experimental.

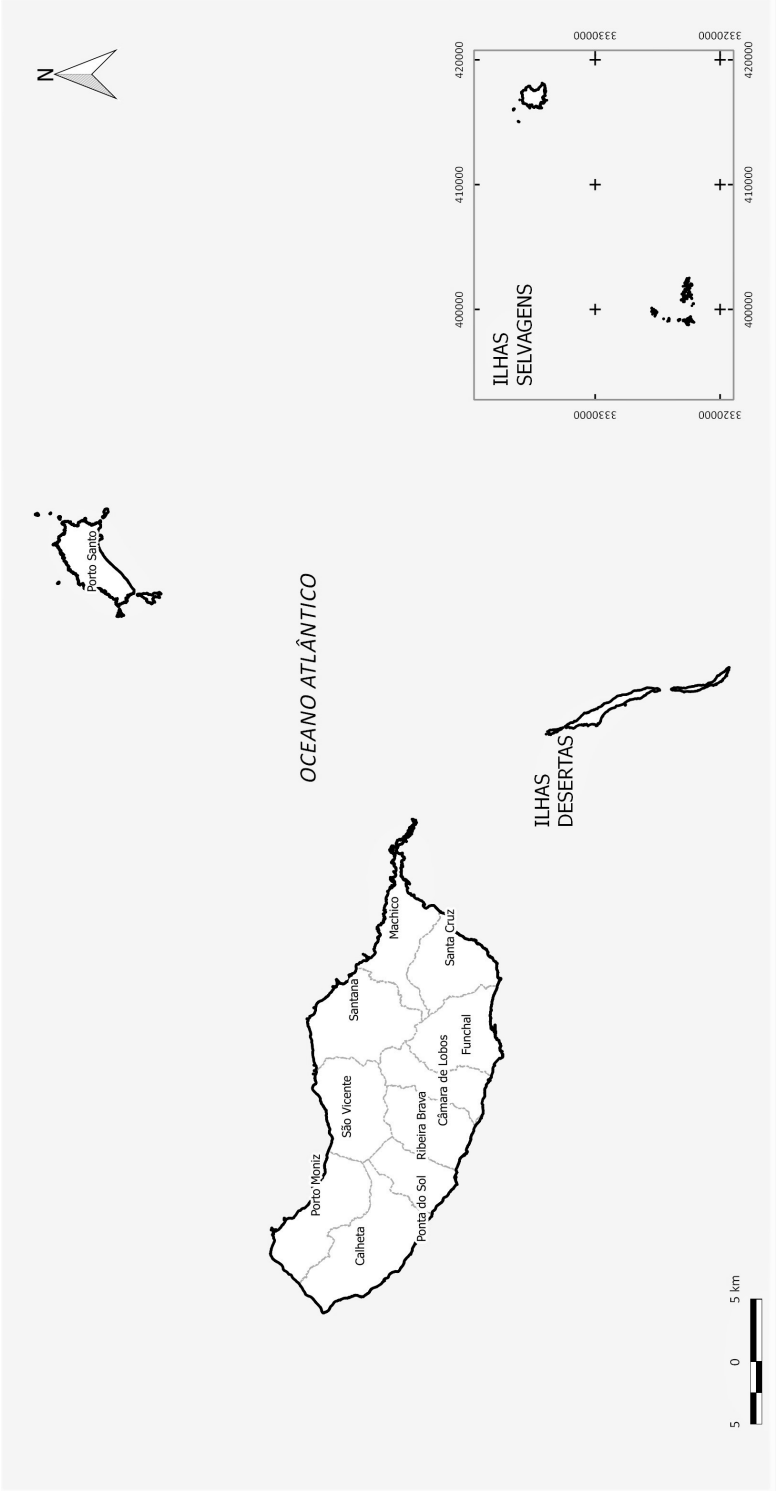
Propõe-se uma condição experimental que procura extrair do terreno, os princípios que permitam explorar uma arquitetura que se possa tornar presente das características do lugar. O projeto procura um confronto com o real, num gesto que repensa o real e o transforma através de uma reunião de elementos que são convocados para a ação no lugar. Como tal, a proposta procura apontar uma estratégia de pensar o lugar, na vontade de lhe dar uma nova possibilidade. Pretende-se uma arquitetura que pede uma atitude reflexiva e persistente perante uma natureza poderosa com que não só temos de conviver, como também potencia novas experiências numa paisagem singular, onde o artificial poderá ser algo que, na sua verdade, é natural. Trata-se de um exercício de projeto que também procura converter a arquitetura, em acontecimentos paisagísticos, catalisadora de novas formas de entender os recursos que o terreno oferece, e de que forma é possível transportá-los para uma arquitetura que só pode ser valorizada na sua justa dimensão, através da experiência pessoal *in loco*.

É importante notar que esta dissertação não procura estudar de forma exaustiva, os temas aqui abordados. Procura antes, ser uma aproximação de um estudo considerado pertinente, apontando uma intenção de projeto que represente um incentivo para a ação daqueles que se encontrem disponíveis na valorização e preservação da paisagem. O que se pretende com este trabalho, é a construção de um espaço de projeto experimental, que utiliza a história e a cultura de uma parcela do território da Madeira, conformando e consolidando a identidade do Homem enquanto pessoa, cidadão e arquiteto.

(I) (re)Conhecer o Território.
Uma Aproximação à ilha da Madeira

(...) terá no Arquipélago da Madeira nascido o "Homem Novo" com o surgimento do "Novo Mundo".

Victor Mestre in *Arquitetura popular da Madeira,* Lisboa, Argumentum, 2002, p.29.



2

[Registo 2] Enquadramento do arquipélago da Madeira.

- Caracterização geográfica e clima -

A ilha da Madeira é a maior ilha do arquipélago da Madeira e situa-se no Oceano Atlântico, a 796km da Costa Africana e a 978 km do Sudoeste de Lisboa. De origem vulcânica, o arquipélago é formado por duas ilhas habitadas, a Madeira com uma superfície de 736km^2, e o Porto Santo com uma superfície de 43km^2, e por um conjunto de ilhas e ilhéus inabitados formados pelas Desertas, com uma superfície de 14km^2 e as Selvagens, com uma superfície de 4km^2, constituindo as reservas naturais do arquipélago.

O arquipélago está situado na Macaronésia[2] sendo que a ilha da Madeira desenvolve-se longitudinalmente, no sentido de NO-SE, atingindo um comprimento máximo de 58km que vai desde a Ponta de São Lourenço, a Sudeste, até à Ponta do Pargo, no extremo oposto. Por outro lado, a Madeira atinge a sua maior largura no seguimento de um eixo com um sentido quase Norte-Sul com cerca de 23km, que vai desde a Ponta de São Jorge, a Norte, até à Ponta da Cruz, a Sul.

Devido à sua latitude e situação geográfica, a ilha da Madeira apresenta muitas características de uma ilha subtropical, principalmente na costa Sul, enquanto que a costa Norte apresenta características de ilhas temperadas. O clima da ilha resulta da influência de vários fatores, uns de caráter geral e outro à escala local, definindo-o como um clima subtropical oceânico, em que as temperaturas médias anuais atingem os 20ºC em alguns pontos da costa Sul, sendo Agosto o mês mais quente e Fevereiro o mês mais frio. Contudo, existem variações térmicas mais acentuadas nos pontos mais altos da ilha, chegando a nevar no Inverno que, em contraponto com as zonas que estão sob a influência de outros fatores, apresentam temperaturas baixas e neblinas cerradas.

É devido ao clima e, por sua vez, à sua posição geográfica, que a Madeira carrega um conjunto de características que a torna diferente. A regularidade térmica da Madeira é uma consequência da sua posição no Oceano Atlântico que permite manter em torno da ilha, temperaturas moderadas durante o Inverno e apenas nos pontos mais altos é que se poderá sentir uma maior diferença e contraste de temperaturas.

---

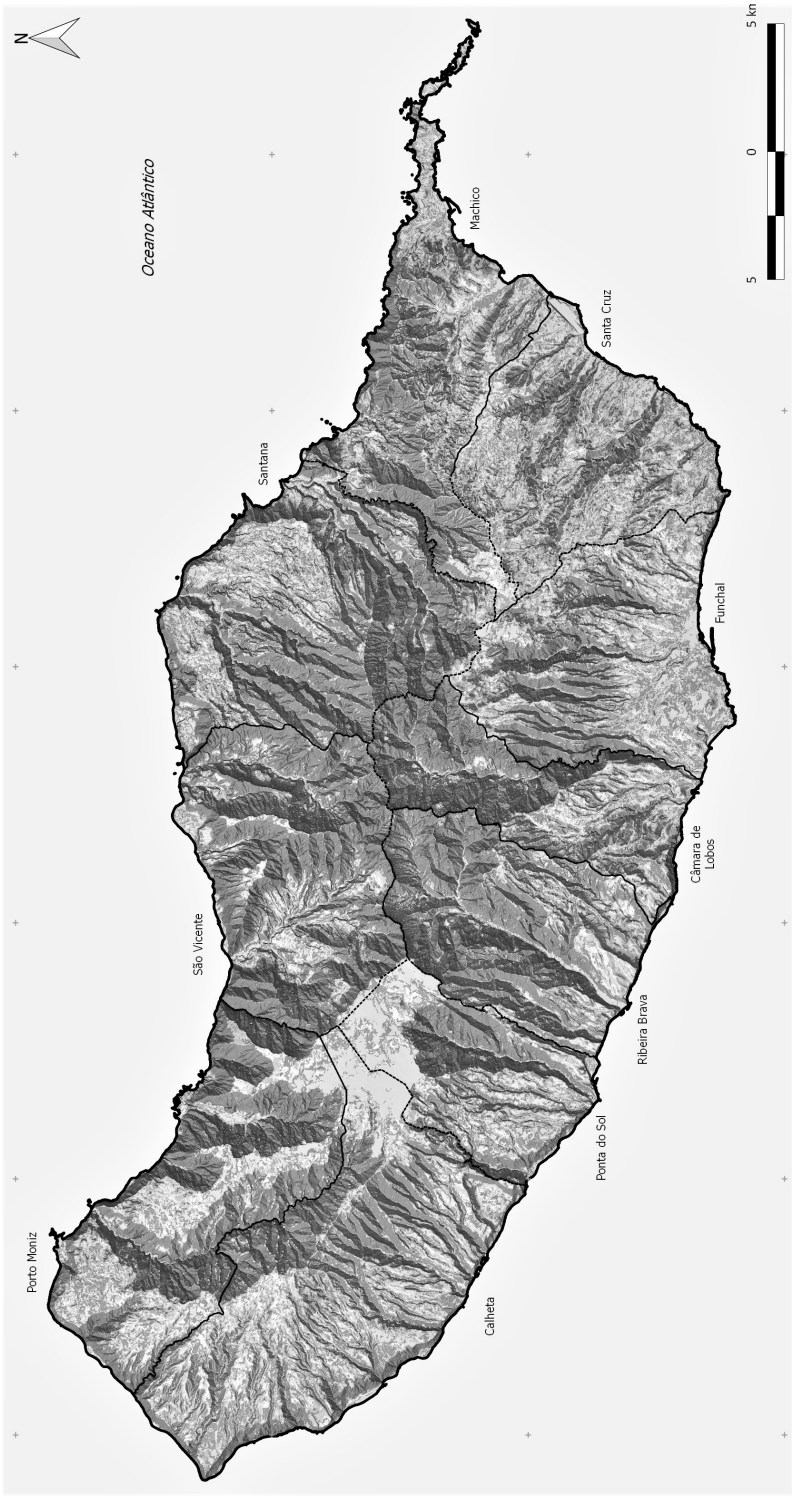
[2] Composta pelos arquipélagos dos Açores, Madeira, Cabo Verde e Canárias.



3

[Registo 3] Maciço rochoso central, Pico Ruivo.

Como consequência do seu relevo, a ilha da Madeira acaba por apresentar muitos microclimas onde a conjugação de fatores como a luz, a temperatura, a humidade e o vento, vêm constituir um meio ambiente próprio da ilha. Para além da conjugação destes fatores, a oposição que está marcada entre as duas encostas da ilha, em que uma se encontra exposta à ação do vento dominante e a outra que acaba por estar protegida devido à posição e localização de um maciço rochoso central, que faz com que a vertente Sul esteja mais protegida dos ventos de Nordeste e que, consequentemente, acaba por ser mais amena e com maior exposição solar enquanto que a vertente Norte, acaba por ser mais agreste e fria, sujeita a uma maior afluência de ventos. O maciço central tem como ponto mais alto o Pico Ruivo, com 1861m de altitude, destacando-se também os picos das Torres com 1851m, Areeiro com 1811m, Cidrão com 1802m, Cedro com 1758m e Grande com 1654m, entre os mais elevados. A interseção de várias circunstâncias relativas ao clima faz com que a Madeira apresente em quase todo o seu território, uma massa verdejante que constitui um dos seus verdadeiros encantos, e que é o principal e mais importante fator de atração para o turismo da ilha.



4

[Registo 4] Mapa dos declives da ilha da Madeira.

- Orografia e Topografia -

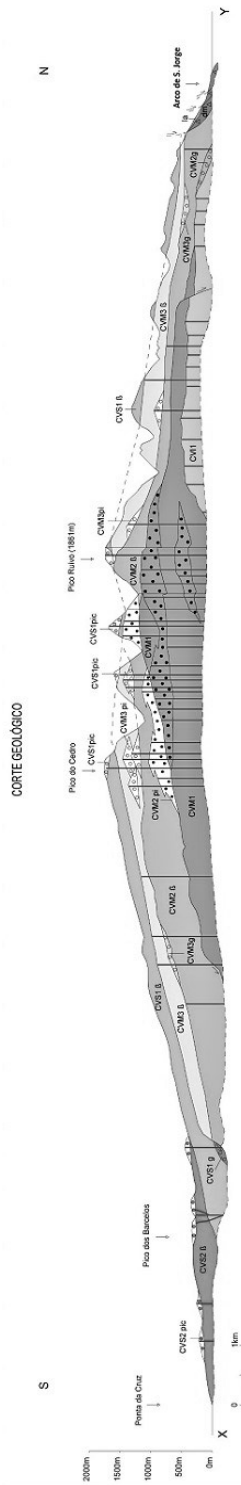
A ilha da Madeira teve origem há cerca de 5,6 milhões de anos, como resultado da acumulação e sobreposição de camadas de massa provenientes de sucessivas erupções que ocorreram pela subida do magma. Foi devido às várias ações vulcânicas na ilha, juntamente com os fatores de erosão e dos movimentos tectónicos, que foi possível moldar a orografia da Madeira com a orientação Nordeste-Sudeste, coincidente com o movimento da placa africana onde se insere. Os principais focos de erupção localizam-se na zona central da ilha, onde se formou uma cadeia de altas montanhas que atravessam a ilha quase de uma ponta à outra, no sentido do seu maior comprimento. Esta cadeia de montanhas é caracterizada por dois grandes maciços rochosos que se separam pelos grandes vales da Ribeira Brava e São Vicente, e que constituem o principal acesso entre o Norte e Sul da ilha. O maciço mais alto e mais acidentado é o do Pico Ruivo de Santana, localizado no lado Este e quase a meio da ilha, e é neste maciço que se encontram os principais centros vulcânicos que desempenharam um papel fundamental no processo de formação do território madeirense na sua fase inicial. Do lado Oeste, localiza-se o maciço do Paúl da Serra, o pico da Urze com 1418m, o pico Gordo com 1264m, o pico do Remal com 1320m.

Nos tempos em que havia ausência de atividades vulcânicas, a erosão ia esculpindo, de forma progressiva, o relevo da ilha, aprofundando os vales[3] e recuando as arribas[4] que, devido aos processos de erosão, por vezes tornaram-se instáveis provocando grandes desmoronamentos que originaram as localmente conhecidas e chamadas fajãs. Tal como acontece nos vales, as fajãs constituem os únicos locais de povoamento em contacto com o mar.

A Madeira apresenta características naturais de orografia com um relevo bastante acidentado, em que ¼ da sua superfície localiza-se aci-

---

[3] Característica importante da orografia da ilha da Madeira. Consequência das torrentes da chuva, foram cavados nas montanhas e encontram-se incrustados entre os picos mais altos e as falésias, tornando a topografia do território madeirense de relevo "perigoso" e "assustador". São zonas estratégicas escolhidas para a implantação das principais vilas e cidades da Madeira, devido à estabilidade topográfica e ao contacto com o mar, permitindo um acesso mais fácil à ilha.
[4] Realidade da costa da ilha que ocupa cerca de 80% do seu contorno, sendo apenas interrompidas pelos vales onde desaguam as ribeiras.



5

[Registo 5] Corte geológico da ilha da Madeira.

ma dos 1000m de altitude, integrando os profundos vales e as arribas de elevada altitude, cortadas a pique no contacto com o mar e constituídas pela rocha basáltica de cor escura. Orlando Ribeiro refere que *apesar do relevo contrastante e dos vales profusamente incisivos, o aspeto geral da ilha, vista do mar, a certa distância, é o de escudo achatado, dissecado pela erosão vertical e cujos bordos tivessem sido quebrados pela ação das vagas*.[5] De facto, um dos traços que mais caracteriza a costa da ilha é o corte que modela e desenha as arribas. A sua orografia bastante acidentada, que varia entre as altas escarpas da costa Norte, os planaltos do interior e os vales abertos sobre o mar, marca profundamente a ocupação humana no território, constituindo um conjunto de acontecimentos que foram os principais fatores nos tempos de colonização, resultando numa ocupação dispersa pelo território, onde os assentamentos populacionais se concentram principalmente à beira-mar.

[5] NEPOMUCENO, Rui Firmino, *A Madeira Vista por Escritores Portugueses (Séculos XIX e XX)*, Funchal: Empresa Municipal Funchal 500 anos, 2008.



6



7

[Registo 6] Curral das Freiras, 1900 (?)
[Registo 7] Paisagem Humanizada, Curral das Freiras, ilha da Madeira.

- Território, Paisagem e Arquitetura -

A Madeira é tão rica de passado como de Paisagem.[6]

Para que fosse possível o desenho do projeto desenvolvido nesta dissertação, tornou-se fundamental fazer um breve enquadramento do território *à priori* para um melhor posicionamento e compreensão das leituras que se irão desenvolver ao longo deste trabalho. Assim, algumas das observações e estudos que surgem nesta dissertação, têm um caráter genérico que procura informar apenas o essencial e o mais oportuno para o caso em questão.

Apesar da ação do Homem, durante mais de 5 séculos, ter alterado e transformado a natureza fazendo surgir uma *paisagem humanizada*[7] , uma paisagem cultural profundamente identificadora deste *lugar do mundo*[8[, Victor Mestre afirma que foi a partir deste contacto que se fez desenrolar um conjunto de relações entre o Homem e o território, *gerando muitos dos valores da sociedade desde então estabelecida nestas paragens*.[9] Nos seus primórdios, o Homem procurava apenas proteção e sobrevivência, e as suas primeiras intervenções no território foram de baixo impacto paisagístico. Contudo, devido à evolução do ser humano e, consequentemente, à evolução das suas necessidades, surgem grandes intervenções de impacto paisagístico em que muitas delas já não permitem identificar pequenas partes de uma *paisagem natural*[10], tornando-se apenas possível ter uma ideia da topografia do terreno por ser um elemento natural difícil de se alterar.

As paisagens, enquanto sistemas complexos de várias acumulações ao longo do tempo das marcas da vida do Homem e da natureza são, em cada momento singular, a realidade física e concreta resultante deste longo

---

[6] Agostinho Casimiro in MENDONSA, Maria, *A Ilha da Madeira vista por intelectuais e artistas Portugueses*, 2ª ed. Funchal, Eco do Funchal, 1969, p.7.
[7] A paisagem humanizada é o resultado da ação do homem sobre a natureza. É a identidade mais pronunciada de um lugar, uma vez que são paisagens que transportam uma cultura. Neste sentido, todo o lugar que sofre intervenções por parte do Homem, é portador de cultura, onde está embutido o conhecimento do ser humano, os seus costumes, as suas tradições, a sua história.
[8] MESTRE, Victor, *Arquitetura popular da Madeira*, Lisboa, Argumentum, 2002, p.25.
[9] MESTRE, Victor, Op. Cit. p.38.
[10] É na paisagem natural que predominam os elementos naturais e trata-se de uma paisagem que não sofreu marcas ou alterações por parte do Homem.



8



9

[Registo 8] Apropriação do Homem no Território, Vale da Serra de Água, ilha da Madeira.
[Registo 9] Domínio do Homem no território madeirense em zona costeira, Ponta Delgada.

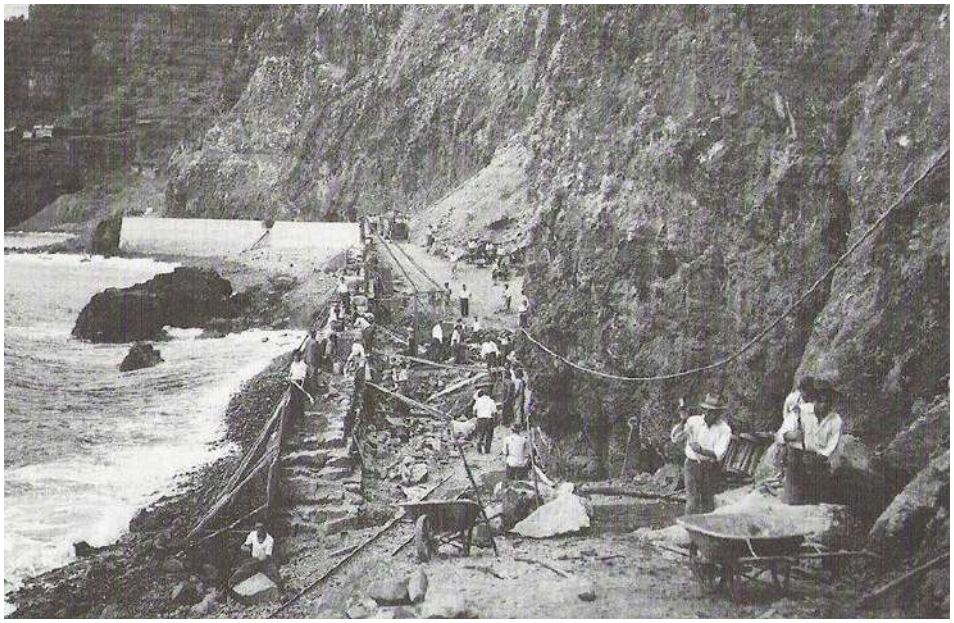
processo. De facto, a paisagem da ilha da Madeira está profundamente marcada pela relação dos gestos do Homem no território, uma realidade instável que vai mudando de forma inconsciente através de diferentes fatores, uns de caráter passageiro e outros que se encontram vinculados ao território. Neste sentido, a paisagem significa um processo contínuo de inscrição e registo da vida num sentido coletivo, capaz de gerar novos espaços, domínios e gestos, como consequências físicas das nossas necessidades.

Enquanto obra do Homem, as paisagens contêm uma forte componente antropológica que revela as diversas marcas deixadas de forma sucessiva, pelas transformações e mutações que foram acontecendo ao longo do tempo. A paisagem é, portanto, património cultural e natural, um elemento fundamental da identidade de um povo. Como afirma Liliana Neto, *a paisagem evolui conforme as necessidades da comunidade, refletindo a sua organização, a sua economia e os seus valores. Exprime a singularidade de cada lugar, denuncia a sua evolução natural e cultural e, apesar de estar em constante mudança, ela é específica de cada lugar. O território mede-se em metros quadrados ou hectares, enquanto que a paisagem se mede em obra, uma obra coletiva de uma comunidade.*[11] De facto, o modo como nos posicionamos perante o contexto de uma paisagem e a maneira como reagimos em contacto com a natureza, seja ela natural ou humanizada, define quem somos enquanto seres humanos. Neste seguimento, Leonel Fadigas descreve a paisagem como uma unidade geográfica, que *representa um território e a sua dimensão física*[12], sendo ao mesmo tempo, *o resultado de um processo histórico e cultural num quadro geográfico preciso.*[13]

É no deslumbre do território, dos seus fenómenos naturais e da relação intrínseca do Homem com a ilha, onde vai imprimindo as suas marcas, mais ou menos presentes, que se origina a paisagem madeirense, cruzando o cenário infinito que é transmitido pelo oceano e as montanhas que emergem de forma majestosa. Como já constatámos, a natureza foi a primeira a se apropriar do espaço, tendo o Homem que aprender a adaptar-se a ela e na ilha da Madeira, um dos exemplos deste domínio sábio do

---

[11] NETO, Liliana, "O Património Construído na Paisagem Madeirense", in *ILHARQ nº6*, 2006, P.21.
[12] FADIGAS, Leonel, *Fundamentos ambientais de ordenamento do território e da paisagem*, Lisboa, Edições Sílado, 2006, p.127.
[13] Idem.



10



11

[Registo 10] Abertuta da estrada entre o Seixal e o Porto Moniz, de data desconhecida.
[Registo 11] Construção da estrada regional que faz a ligação ao Curral das Freiras, de data desconhecida.

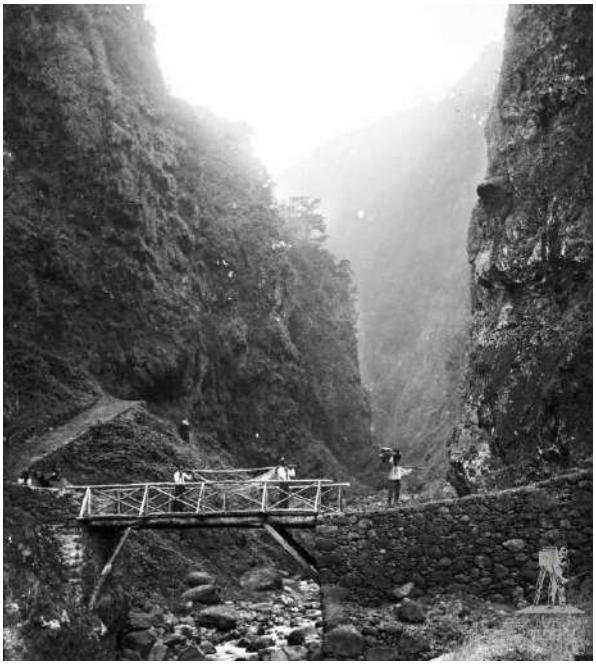
território, são as estradas regionais que, ausentes de geometrias regulares, ganham a sua forma e estrutura através da topografia, numa *luta* contra a natureza.

Como refere Juhani Pallasmaa, *a cidade contemporânea é crescentemente a cidade do olho, separado do corpo pelo movimento motorizado rápido.*[14] O percurso pela procura de conhecer a *volta à ilha* só foi possível em 1955 com a construção e conclusão de estradas, túneis e pontes, em que os caminhos acabaram por se ramificar, de forma sinuosa, estreitos e íngremes, cortando as arribas à medida que as populações se foram fixando. De facto, tornou-se evidente que no território madeirense, o Homem sempre trabalhou em conformidade com os meios culturais que foi desenvolvendo como resposta às necessidades e condicionantes naturais, capaz de dar sequência aos meios de subsistência que a terra lhe proporcionou, a partir de inúmeras características do território que iam servindo de cenário da paisagem. Efetivamente, e pelas palavras de Álvaro Domingues, *se a paisagem é um registo de transformação da sociedade será normal que se a sociedade mudar, mude com ela a paisagem.*[15]

Uma vez que o relevo da ilha da Madeira é bastante acidentado, sem planícies litorais, e que atravessa os vales profundos, tornou-se difícil a abertura e a construção de vias de comunicação entre o litoral e o interior, e entre a vertente Norte e a vertente Sul. Este fator tornou impossível, numa fase inicial, a construção das estradas, fazendo com que as comunicações neste território ficassem sempre longe das necessidades. Tal como afirma Victor Mestre, *neste território e provavelmente mais do que qualquer outro território continental ou mesmo insular, surgiu um fator que condicionou a troca de valores socioculturais e o desenvolvimento por contacto constante.*[16] Nesta sequência, a construção das estradas tornou-se numa tarefa extremamente complexa, dispendiosa e perigosa, uma vez que era necessário partir rochas com a ajuda de uma picareta. As estradas eram depois abertas em forma de ziguezague entre as rochas e os precipícios, e a maioria delas eram estreitos caminhos que em muitas zonas nem permitiam a circulação de quaisquer meios de transporte, e ainda dificultavam a passagem a pé ou a cavalo. Victor Mestre conta-nos que *no interior,*

---

[14] PALLASMAA, Juhani, in *Os Olhos da Pele. A arquitetura e os sentidos,* Porto Alegre: ARTMED Editora S.A, 2005, p. 30.
[15] DOMINGUES, Álvaro, "paisagem e identidade: à beira de um ataque de nervos", in *duas linhas*, Lisboa, 2009, p.30.
[16] MESTRE, Victor, Op. Cit. p. 42.

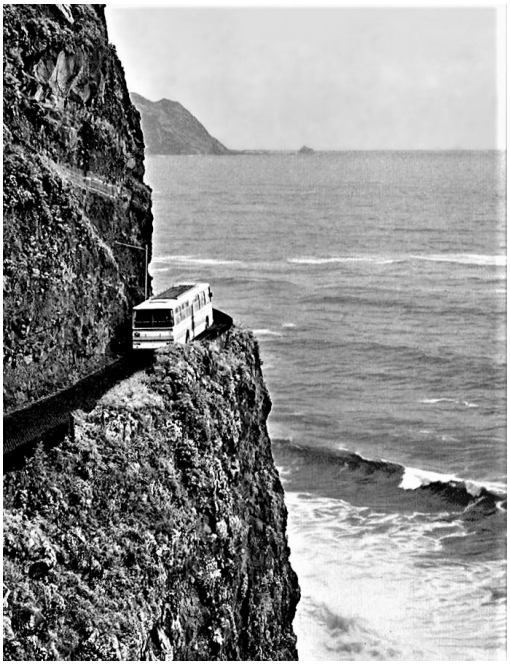


12

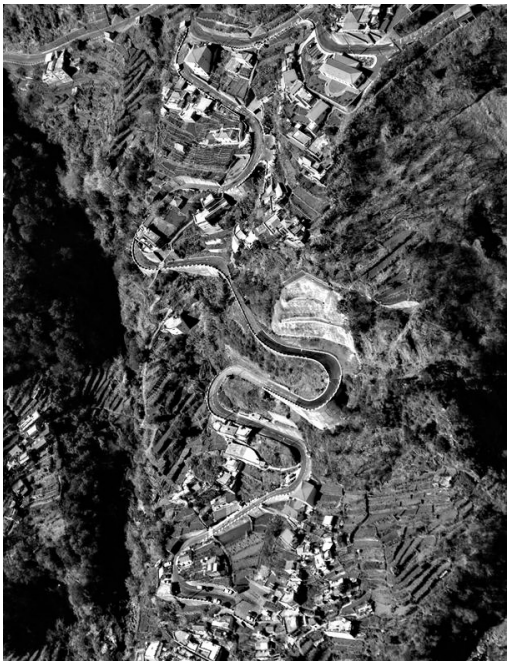


13

[Registo 12] Ponte de madeira e caminho rural sobre a ribeira do Inferno, linha limite entre os concelhos de São Vicente e do Porto Moniz.
[Registo 13] Cabo Girão, por Hans Tschida, Funchal, 1930.



14



15

[Registo 14] *Entre duas vilas*, São Vicente e Porto Moniz.
[Registo 15] Estrada regional em ziguezague, Curral das Freiras.



16



17

[Registo 16] *Os Poios Agrícolas*, ilha da Madeira.
[Registo 17] Paisagem agrícola, ilha da Madeira.

à força de longas caminhadas, tudo se carregou às costas, ao ombro, ou numa rede, porque na maioria das vezes não era possível a ajuda de animais (...). É esta a saga do homem rural, o "vilão", como é localmente conhecido.[17]

Para que fosse possível o desenvolvimento e entendimento do que seria o projeto de uma Casa Experimental, num contexto insular, foi necessário compreender a transformação da *matéria* em *material*. Entendamos matéria como um conjunto de conhecimentos próprios que caracterizam e configuram um território, de modo a tornar possível a sua apropriação em matéria formal de uma ação de projeto. Neste sentido, é através da observação e conhecimento das diversas apropriações existentes no território madeirense, que é possível entender os possíveis gestos do habitar. Construir de forma a dominar e controlar o território, implica transformar e neste sentido, produzir lugares e objetos. A tarefa da arquitetura não pode limitar-se apenas a construir, mas sim a relacionar a tarefa de projetar com a sua construção de forma a criar a conceção e imagem do *habitar*.[18]

Como já foi referido, povoamento na ilha da Madeira começou por ocupar os vales e as zonas mais férteis do território. Com o consequente aumento da população, o Homem procurou conquistar e dominar as zonas mais altas que até à altura, permaneciam intactas, ocupadas pela densa massa verdejante. Como resultado deste domínio e apropriação das zonas altas, e para que pudesse surgir a possibilidade do habitar, surgiram as plataformas em socalcos, localmente conhecidos como *poios*[19]. Estes socalcos eram construídos a partir de paredões em alvenaria de pedra (basalto), fazendo-se erguer em terrenos difíceis, fixando terras e tornando estes terrenos estáveis e regulares de forma a permitir a exploração agrícola. Nestes muros, detentores de um *saber construir*, integram-se escadas para o vencimento das diferenças de cota entre as várias plataformas, ou então, recorrem a uma solução de degraus pendurados nos muros em consola. Estes elementos desenham uma paisagem caracterizada por um grande esforço do Homem sobre a natureza, desde as zonas à beira-mar até às zonas

---

[17] MESTRE, Victor, Op. Cit. p. 42.
[18] O conceito de habitar está diretamente relacionado com a própria existência do Homem, sendo essa a intenção da arquitetura - criar condições para que o Homem habite, dando-lhe significado e vida. Norberg-Schulz cria assim o conceito de dimensão existencial. Este conceito compreende as relações básicas entre o Homem e o seu meio envolvente.
[19] Poios: nome local para as plataformas que representam a pirâmide interminável de exploração agrícola madeirense, in MESTRE, Victor, Op. Cit. p. 26.



18



19

[Registo 18] Construção da Levada do Norte, décadas de 40/50, Séc. XX, Serra de Água.
[Registo 19] Levada dos piornais, de data desconhecida.

mais altas. Contudo, para que esta exploração agrícola fosse possível, o Homem para além de dominar estes terrenos, teve de pensar numa forma de fazer chegar a água aos seus cultivos. Foi assim que surgiram as *levadas*[20], que representam um dos maiores marcos da ação humana sobre o território. As levadas eram esculpidas nas rochas, levando até aos socalcos este bem essencial, construindo um sistema de irrigação vital para a ilha. Estes canais conduzem a água desde as nascentes, situadas em maior número na zona Norte, para os terrenos agrícolas dessa zona, mas principalmente para a zona Sul da ilha. Constituíram desde o início, os primeiros caminhos de contacto por via terrestre entre os locais de difícil acesso, o Norte e o Sul da ilha, que podem ser percorridas através das *veredas*[21] que lhes são contíguas. *Este foi um empreendimento que se prolongou por séculos, revelando a persistência infinita do madeirense sobre a natureza. A partir deste contacto direto, desencadeou-se certamente um conjunto de relações entre o Homem e o meio natural gerando muitos dos valores da sociedade rural desde então estabelecida nestas paragens.*[22]

Estas marcas impressas no território são a prova de um saber construir nas encostas íngremes da ilha, que contribuíram profundamente para a caracterização desta paisagem madeirense, onde está presente e bem visível o grande esforço do Homem para dominar e controlar a natureza, adaptando-a às suas necessidades. Assim, entendemos a paisagem como o próprio território portador de tudo o que lhe está inerente, caracterizando-o e tornando-o único.

O património arquitetónico madeirense caracteriza-se essencialmente pelo conjunto de pequenos elementos construídos, as casas rurais, que são uma presença constante na paisagem devido ao seu vasto número e à sua dispersão pelo território. As casas rurais encontram-se implantadas quase sempre separadas umas das outras, voltadas para a paisagem ou até mesmo para o mar, criando vazios entre si que têm como objetivo serem ocupados por terrenos agrícolas. As mais comuns, com as paredes caiadas e o telhado vermelho, fazem parte de uma tela que o Homem organizou e fez crescer. As veredas, caminhos e estradas, fazem-se por entre as casas e os terrenos, passando quase despercebidos. O desenho desta malha de

---

[20] "Levada" deriva da palavra "levar" tratando-se, portanto, de um canal que leva a água.
[21] Vereda: Caminho estreito, atalho, carreiro, in Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa, Porto, Porto Editora, 2003-2019.
[22] MESTRE, Victor, Op. Cit. p. 38.



20



21

[Registo 20] Casa de pedra com cobertura de colmo à beira de caminho rural, ilha da Madeira, 1905.
[Registo 21] Retrato de homem numa vereda com uma casa rural ao fundo, ilha da Madeira, 1905.

acessibilidades vai surgindo consoante o desenho dos terrenos e adaptando-se à topografia em função das necessidades do ser humano. Todavia, é nos centros que surgem os aglomerados de casas mais perto umas das outras, chegando a formar frentes de rua, mas à medida que o povoamento se foi afastando destes centros, a construção no território foi adquirindo um caráter disperso, formando uma espécie de *poeira de casas* que vão trepando pelos terrenos até onde é possível a prática da agricultura em terreno estável e regular.

A arquitetura de tradição, popular ou vernacular, são uma expressão no território fortemente marcado por uma economia agrária, muitas vezes diferenciada consoante o sítio onde são implantadas, mas sempre com o mesmo princípio: a preocupação em integrar os elementos construídos de forma harmoniosa na natureza. De facto, *estas arquiteturas surgem, desenvolvem-se e aperfeiçoam-se a partir de uma economia rural e revelam, na arte da construção, o engenho dos homens em criar tecnologias de tratamento e utilização dos materiais disponíveis quase sempre recolhidos nos próprios locais e na sua compatibilização com a criação de espaços, ambientes e escalas harmoniosas, pretendidos ou tão somente resultantes de um processo espontâneo repetitivo.*[23] Apesar disso, são estes *toques* entre o construído e a natureza que representam a grande exigência com que um arquiteto se pode deparar ao longo do seu trabalho, desenvolvendo a sua capacidade de inserir, sem ferir, uma obra contruída no desenvolvimento de uma história com pequenas e grandes transformações que resultaram do modo como a terra acolheu o Homem ou resistiu às adaptações dele, para que pudesse surgir a noção do habitar.

Todavia as adaptações e reinvenções dos modelos ao longo do tempo terão dado origem a uma identidade muito própria, fruto das novas raízes que se fixaram na terra do "Novo Mundo" sendo assim também possível que tenham surgido modelos espontâneos provenientes das novas necessidades, de novos equilíbrios económicos e sobretudo da combinação entre materiais disponíveis, o engenho de os moldar, e a arte de fixar modelos com proporções e espacialidades facilmente reproduzíveis.[24]

Hoje em dia assistimos a *cópias* de modelos tradicionais que não demonstram uma preocupação na reinterpretação e transformação das for-

---

[23] MESTRE, Victor, Op. Cit. p.38.
[24] Idem, p. 27.



22

[Registo 22] Adaptação da construção das casas no território, Campo da Barca, ilha da Madeira.

mas que contribuem para a construção de edifícios novos sob o ponto de vista arquitetónico. Infelizmente, são poucos os casos que manifestam algum cuidado neste sentido, e que procuram revelar que ainda é possível continuar a testemunhar a herança de uma arquitetura popular, ainda que numa perspetiva contemporânea ligada à condição de uma arquitetura que procura manter uma forte ligação com o lugar onde se insere. Luís Santiago Baptista menciona que a paisagem *já não pode remeter como antes para uma imagem idílica da natureza ou para uma representação visual de uma realidade estável. Pelo contrário, são os fenómenos estruturantes da modernização, manifestando-se inexoravelmente no território, que enquadram o entendimento atual da paisagem, englobando num mesmo plano as suas dimensões naturais, rurais e urbanas. Já não é a pura expressão de uma natureza primordial ou de um modo de vida campestre, a paisagem torna-se essencialmente um reflexo direto do funcionamento das sociedades contemporâneas, assumindo-se como o resultado da contínua ação humana sobre o território. Por natureza, a atividade projetiva do arquiteto exige não uma contemplação passiva desses fenómenos, mas um papel ativo na definição da paisagem contemporânea. Por isso, a paisagem é disciplinarmente cada vez mais apropriada como um conceito operativo que não só procura perceber, mas principalmente atuar sobre a nossa realidade em mutação acelerada. Podemos afirmar que passámos da ideia de paisagem como imagem estética de uma determinada realidade física para um conceito de paisagem como instrumento de perceção e atuação sobre o território.*[25]

Através desta aproximação à ilha da Madeira, é possível entender uma ilha que é ocupada, na maioria dos casos, de forma sensível e equilibrada, ainda que com os seus espaços vazios, percebemos uma ilha que se funde na natureza e que se adapta ao seu território, repleta de enquadramentos pontuais que os miradouros potenciam. A procura pelo conhecimento desta ilha, permite a criação de diferentes formas de a ver, observar e entender, para depois ser possível questionar o próprio território, e agir e intervir de maneira sensata e respeitadora, sem pôr em causa a identidade dos lugares.

---

[25] BAPTISTA, Luis Santiago, "Paisagens sintéticas: RCR Architects e Paulo David", in *ARQ/A nº 50*, Lisboa, 2007, p.10.

(II) O terreno do Socalco

[1] Uma aproximação à Calheta

- [sobre a periferia e a disseminação das construções] -
- Enquadramento geral do concelho da Calheta -
- Ocupação humana e Património Natural -
- O Estreito da Calheta e a Costa -

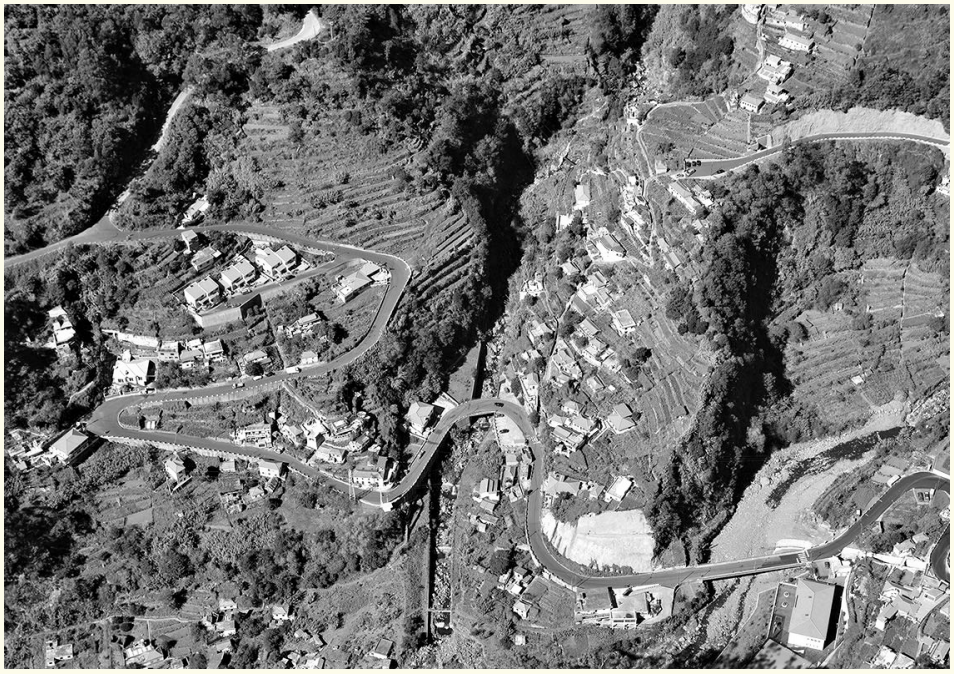
[2] O contacto com o terreno

- [notas sobre territórios em socalcos] -
- Sobre a escolha do lugar -
- [notas sobre a construção dos muros dos socalcos] -

[1] Uma aproximação à Calheta

Do vale à montanha e do mar à serra,
Teu povo humilde, estóico e valente
Entre a rocha dura te lavrou a terra,
Para lançar, do pão, a semente:
Herói do trabalho na montanha agreste,
Que se fez ao mar em vagas procelosas:
Os louros da vitória, em tuas mãos calosas
Foram a herança que a teus filhos deste.

Excerto do Hino Regional da Região Autónoma da Madeira
Letra: Ornelas Teixeira



23



24

[Registo 23 e 24] Disseminação das construções. Paisagem rural em socalcos, Curral das Freiras, ilha da Madeira.

- [sobre a periferia e a disseminação das construções] -

A paisagem da Madeira está profundamente relacionada com a disseminação dos domínios e assentamentos no território ao longo da periferia e das zonas mais altas da ilha, uma vez que são dos principais aspetos presentes na caracterização do património cultural construído e na caracterização da paisagem. Como já foi analisado anteriormente, a maneira como o homem se apropria, ao longo do território madeirense é, tendencialmente dispersa, e tem na arquitetura vernacular e nas suas tipologias, uma ligação à exploração agrícola, conferindo um equilíbrio à paisagem humanizada.

A forma como a sociedade organiza o espaço territorial é, em grande parte, uma consequência do sistema e do meio de transportes e da sua respetiva evolução. O território acidentado da Ilha da Madeira condicionou a construção de uma rede de estradas para servir toda a população que se encontra dispersa por entre montanhas e vales. Só a partir da construção de estradas, túneis e pontes é que os caminhos se foram ramificando, de forma sinuosa, estreitos e íngremes, cortando as arribas à medida que as populações se iam fixando. Antes deste desenvolvimento, as famílias viviam isoladas e só conviviam, exclusivamente, com os vizinhos mais próximos ou em alturas mais específicas do ano. O desenvolvimento destes meios de comunicação e de transporte, no século XX, originou uma nova dinâmica do centro e da periferia da cidade, através de profundas transformações na organização e na expansão do território. As vias criadas, dispersaram o povoamento para lugares cada vez mais distantes, contribuindo para o aparecimento de novas centralidades. Atualmente, com o rápido crescimento populacional e de urbanização, a população procura, cada vez mais, espaços para se instalarem, muitas das vezes em risco, suscetíveis a catástrofes naturais que afetam toda a população que lá habita.

Se evitarmos a utilização da via rápida na deslocação até ao concelho da Calheta, constatamos que é um percurso que se torna mais lento, entre curvas e contracurvas, pontuado com as *estruturas mirante,* que são um importante instrumento na contemplação e consequente análise do território e da dispersão urbana. Entendamos as periferias como locais onde se pode redefinir o território através da ação arquitetónica, dando continuidade à paisagem, e aproveitando estas áreas para crescer de forma mais ordenada e sustentável.



25



26

[Registo 25] Disseminação das construções, Campanário, ilha da Madeira.
[Registo 26] Aglomerados populacionais em zona de encosta, Ribeira Brava, ilha da Madeira.

Na periferia onde está localizada a Calheta, é possível observar o engenho humano individual na resolução de problemas concretos, em exercícios de liberdade, muitas vezes a partir de meios muito precários. Existe uma possível reinterpretação da arquitetura popular, com o uso de novos materiais de construção e com gestos onde atua uma liberdade que origina arquiteturas incomuns, muitas vezes resultado da falta de soluções alternativas e de uma pobreza extrema.

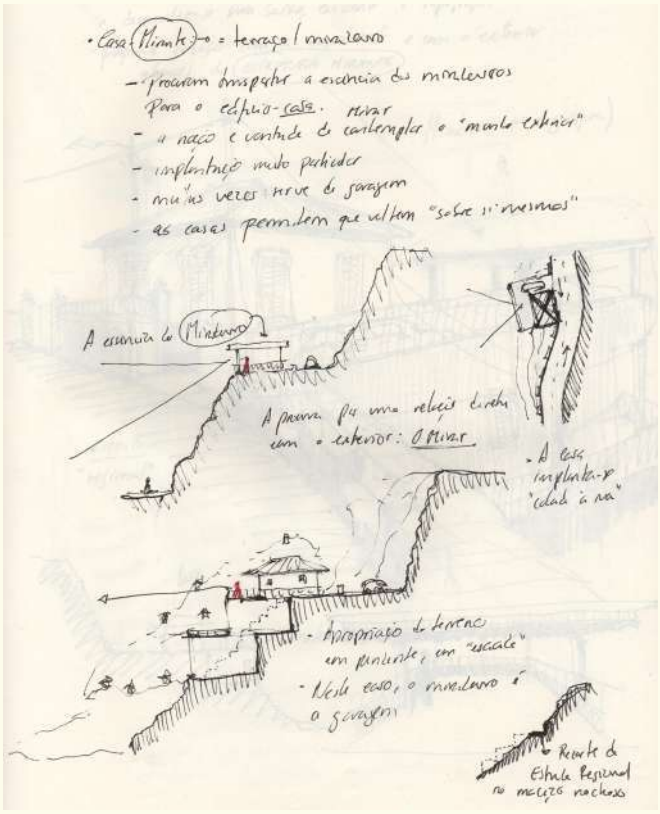
Os novos edifícios não se relacionam com os mais antigos, que eram construções ligadas às unidades de produção, aos caminhos, às levadas – surgem como volumes soltos, com implantações muito marcadas no território. Como afirma Victor Mestre, *(...) deste fenómeno terá surgido algo novo que, no nosso entender, não se enquadra na arquitetura popular tradicional por – principalmente – representar uma aparente rejeição da tradição em todos os domínios, respetivamente nos materiais, na escala, na tipologia, nas proporções e nos métodos construtivos. Os proprietários destas casas pertencem a uma "nova cultura popular" com forte raiz urbana, industrial e televisiva, do mesmo modo que quem as pensa e executa não está na linha de aprendizagem dos mestres construtores. Antes são, na sua maioria, pessoas com formação técnica, obtida através de escolas industriais, e detentores de cursos médios de formação, que desenham, mas não constroem com as "próprias mãos"*.[26]

A escassez de terrenos disponíveis e acessíveis para a construção, teve como consequência o surgimento de aglomerados dispersos em veredas e penhascos, muitas vezes sem condições adequadas, com difíceis acessos que relembram a vida do homem *de outros tempos que tudo carregava às costas*. Os aglomerados de novas casas dispersas, ultrapassaram qualquer ideia e forma de planeamento ou de uma regra urbanística que, consequentemente, resultou num território polvilhado de construções.

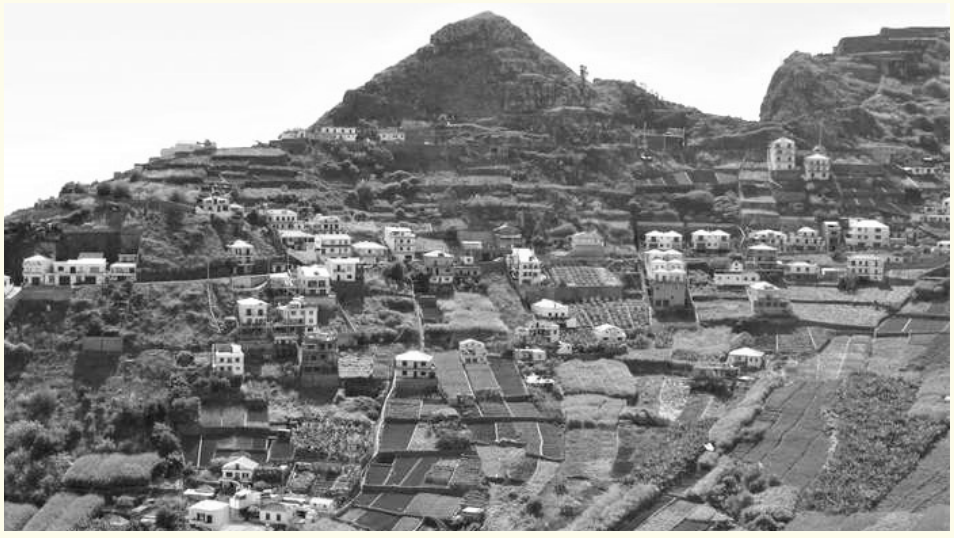
Nas casas rurais, visíveis ao longo da Calheta, é possível verificar um valor formal importante, uma tipologia que não surge por mão do arquiteto, mas sim de uma cultura do saber comum de ler o território. Como afirma Victor Mestre, estas *arquiteturas aparentemente espontâneas têm as suas raízes na própria fundação da tradição de uma comunidade, nos seus costumes, na ação desta sobre a terra de onde tira o seu sustento. Surgem, desenvolvem-se e aperfeiçoam-se a partir de uma economia rural*

---

[26] MESTRE, Victor, *Arquitectura Popular da Madeira*, Argumentum, Lisboa, 2002, p.286.



27



28

[Registo 27] Caderno de registos. Apontamentos sobre a apropriação das construçoes em Paisagem rural, ilha da Madeira.
[Registo 28] Dispersão das casas rurais com os respetivos terrenos agrícolas, Câmara de Lobos, ilha da Madeira.

e revelam, na arte da construção, o engenho dos homens em criar tecnologias de tratamento e utilização dos materiais disponíveis, quase sempre recolhidos nos próprios locais, e na sua compatibilização com a criação de espaços, ambientes e escalas harmoniosas, pretendidos ou tão-somente resultantes de um processo espontâneo repetitivo (...). Surgem assim, soluções testadas e aceites por sucessivas gerações que dão continuidade a esta herança comum, com que se identificam.[27]

Uma das características mais comuns destas casas, é o espaço em frente à rua coincidir com o topo da casa, que serve muitas vezes como local de estar e de contemplar o território, sendo em alguns casos, o espaço destinado à garagem, devido à inclinação do terreno e à impossibilidade de ter a garagem na cave da casa. Estes terraços podem albergar funções de estar, como *estruturas mirante - miradouros* e, em alguns casos, de receber.

A sabedoria destas arquiteturas anónimas não se resume a uma simplicidade, mas sim a algo diferenciado que está na origem e na cultura que é da terra e do homem. Contudo, as adaptações e (re)desenhos destes elementos vernaculares submetidos a um processo de evolução e transformação ao longo do tempo, terão dado origem a uma identidade muito própria, criando modelos espontâneos, provenientes de novas necessidades e de novos meios económicos. Deste processo resultou uma adaptação da casa às necessidades dos moradores, através de uma ciência da construção que existe e que perdura sem estar escrita, como um testemunho que passa de geração em geração, e que resulta num *leque* variado de tipos de construções. Verifica-se assim, a presença de um saber construir, apesar da ausência de conhecimentos mais avançados ou de possibilidades económicas, de técnicas e de materiais. Surge uma forma de fazer arquitetura, consciente dos modelos à sua volta e que nasce das alterações às necessidades do homem, que é construída como elemento integrante de um lugar e que, consequentemente, resulta numa riqueza criativa em que a necessidade de resolver um programa conduz a soluções que talvez só com o pensamento não teriam sido alcançadas.

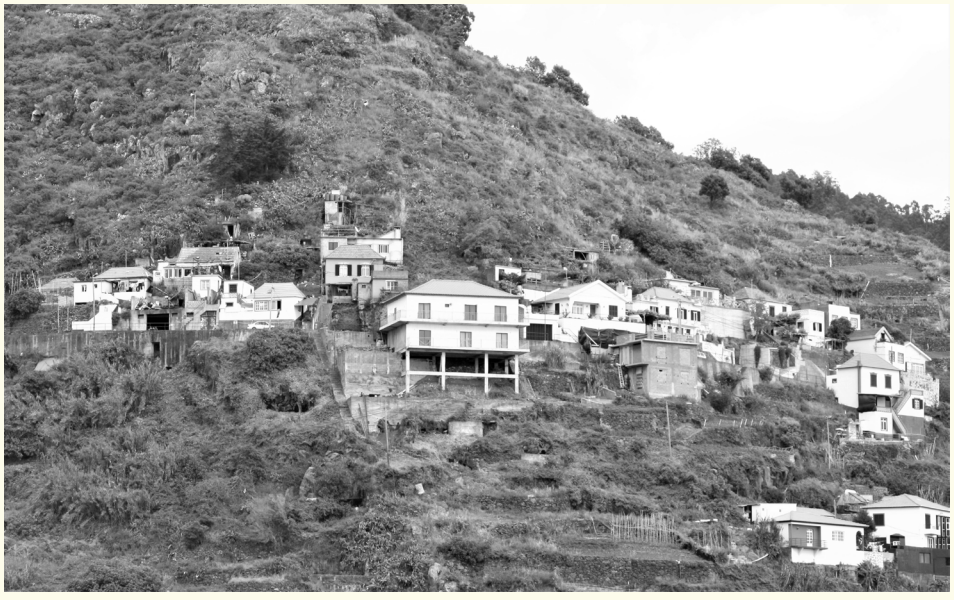
Porém, ao longo do tempo, estas construções foram adquirindo características próprias, consequentes das características do terreno, de fatores económicos ou até de uma influência de outros modelos presentes

---

[27] MESTRE, Victor, *Arquitectura Popular da Madeira*, Argumentum, Lisboa, 2002, p.33



29



30

[Registo 29] Novas construções em terrenos agrícolas, Calheta, ilha da Madeira.
[Registo 30] Novos *modelos*, desligados da cultura da terra, Campanário, ilha da Madeira.

na região, revelando a capacidade que a ilha tem de gerar modelos arquitetónicos próprios, por aperfeiçoamento ou alteração dos seus padrões de origem. Os novos ideais da sociedade contemporânea, juntamente com circunstâncias socioeconómicas e respetivas necessidades, e ainda, com o regresso dos emigrantes, podem estar na origem destes novos modelos construtivos *desligados da cultura da terra* e da atividade rural, mas que evoluíram de uma necessidade e que, se perduram até hoje, é porque se adaptam à forma de *habitar* este território. Contudo, o escasso conhecimento relativo às origens destas construções e, ou, à possibilidade de recorrerem a referências de outros modelos arquitetónicos, são temas que colocam alguma dificuldade no seu entendimento, devido à escassez e à imprecisão de informações disponíveis sobre estes tipos de assentamentos na ilha. Por este motivo, cabe a nós, enquanto arquitetos, estudá-los e reinterpretá-los de modo a estimular outras qualidades arquitetónicas.

As periferias parecem, de forma geral, apresentar circunstâncias e meios necessários para questionar o terreno e para fazer descobrir novos campos de ação, aparentam ser zonas que escondem dentro de si, a possibilidade de regeneração de construções que são elementos naturais e que fazem parte integrante da paisagem, imprimindo a sua marca no território, transformando-o ou destruindo-o, como feridas que o homem marcou na natureza.



[Registo 31] Localização do concelho da Calheta e respetiva divisão em freguesias.

- Enquadramento geral do Concelho da Calheta -

Por entre lombos, vales, achadas e fajãs, num olhar sob o mar e enquadrado pela serra, o concelho da Calheta está muito marcado na sua identidade pela elevada densidade do património natural. A *Calheta*[28] está situada na zona ocidental da ilha da Madeira, delimitada a Este pelo concelho da Ponta do Sol, a Noroeste e a Norte pelo concelho do Porto Moniz e a Nordeste pelo concelho de São Vicente. É o maior concelho da Madeira que abrange cerca de 16% da área total do território madeirense e que dele fazem parte 8 freguesias: Arco da Calheta, Calheta, Estreito da Calheta, Jardim do Mar, Prazeres, Paúl do Mar, Fajã da Ovelha e Ponta do Pargo.

Pelo facto de se encontrar num território insular e de origem vulcânica, esta zona da ilha distingue-se por uma paisagem natural que é a consequência de profundos contrastes climáticos e geomorfológicos. Posicionada na vertente meridional com a orientação Este-Oeste do relevo da ilha, a Calheta comporta-se como uma espécie de *espinha dorsal* [29] que estrutura o território insular onde o relevo torna-se num elemento que determina e desenha esta paisagem natural, condicionando inteiramente as condições climatéricas, a vegetação e a ocupação humana no território. A morfologia acidentada é constituída por relevos salientes dispostos perpendicularmente à definição da ilha *–os lombos* [30]- que são interrompidos pelo encaixe dos vales devido às ribeiras, e que se prolongam até à costa onde acabam cortados em imponentes falésias, beneficiando sempre do amplo horizonte preenchido pelo atlântico. As formas do relevo são também marcadas pela rede hidrográfica onde são formados os vales que muitas vezes apresentam um perfil em V e que são o resultado de uma fase ativa de erosão vertical, como é o caso das chuvas.

O concelho da Calheta apresenta padrões de um clima mediterrâneo marcado por uma estação estival bem definida, que se vai alterando

---

[28] Designação utilizada pelos primeiros exploradores para denominar o assentamento populacional que hoje corresponde à Vila da Calheta, pelo facto de muitas praias na zona da Calheta beneficiarem de uma configuração costeira em forma de pequenas baías, protegendo-se da maior agitação marítima.
[29] FIGUEIREDO, Albano, Calheta: património natural, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008, p.12.
[30] Toponímico; zona plana em cumeeiras, terreno em crista que se encontra orientada no sentido perpendicular à costa.



32



33

[Registo 32] Vista sobre o Arco da Calheta, Calheta e Estreito da Calheta, de data desconhecida.
[Registo 33] VIsta sobre a costa da Calheta, ilha da Madeira.

numa passagem da costa para a serra em que os principais fatores que exercem influência na variação climática são a orientação das vertentes e a altitude que acabam por se refletir nas condições da vegetação e no uso do solo, marcando consequentes e importantes diferenças na paisagem deste território. O planalto do Paúl da Serra funciona como uma barreira que abriga a zona sul de ventos e nevoeiros que se dissipam na passagem do lado Norte para o lado Sul. Uma vez que a Calheta está predominantemente exposta a Sul, e por isso, com maior incidência solar, torna-se numa zona mais propícia à atividade agrícola principalmente nas zonas mais baixas.

As condições climáticas, outrora suporte de uma agricultura particular no contexto nacional, são agora um fator de grande importância no setor do turismo. Apesar da forte intervenção humana na paisagem, é ainda possível encontrar alguns lugares onde a vegetação se aproxima das características e condições primitivas.



34



35

[Registo 34] Ocupação do povoamento nas zonas mais baixas, Campanário, de data desconhecida.
[Registo 35] Ocupação do povoamento nas zonas altas da encosta da Eira do Mourão, século XIX.

- Ocupação humana e Património Natural -

Grande parte do território é ocupado por zonas naturais e florestais que abrangem as áreas de maiores declives, as zonas de *encumeadas*[31] e as zonas junto às falésias.

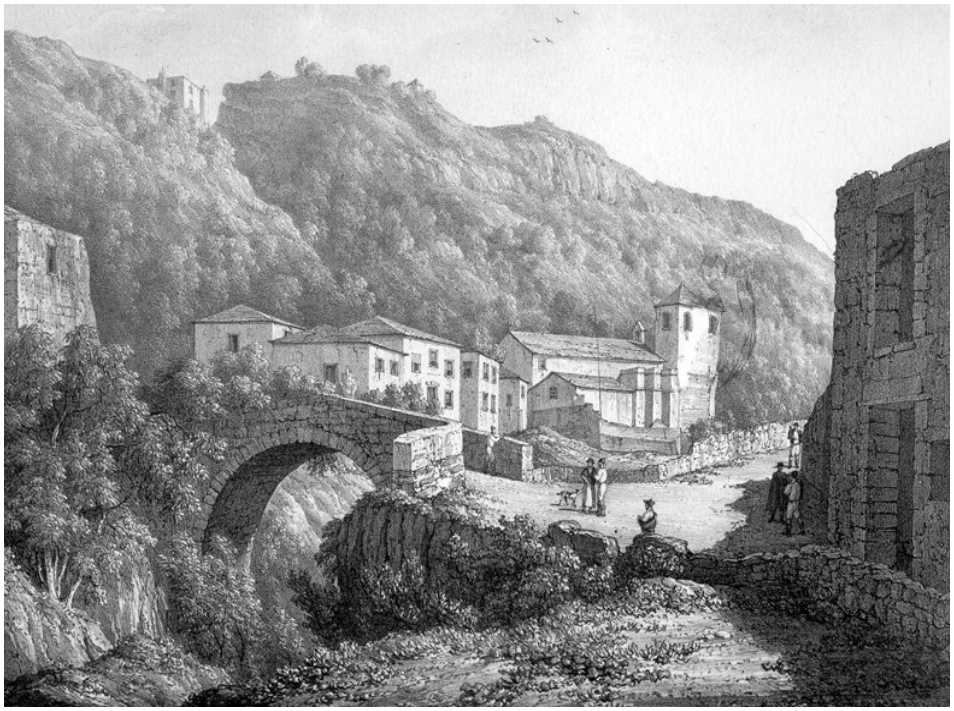
A intensa intervenção humana contribuiu para uma profunda alteração da paisagem natural desde a vegetação primitiva até à própria topografia da ilha, através da construção de *poios*[32]. A construção destes terraços agrícolas garantia um aumento da área agrícola e uma facilidade na apropriação do terreno devido ao relevo acidentado da ilha. Torna-se então possível a prática de uma agricultura que utiliza culturas nascidas em terras da encosta norte, que beberam da água da serra transportada em estreitos canais conhecidos como as levadas. Até onde o esforço do Homem pôde, trabalhou-se a dureza da rocha e fizeram-se erguer os muros dos socalcos, como degraus sustentados por muros basálticos encaixados na quase verticalidade das vertentes. Alterou-se completamente o perfil dos lombos, transformando o seu dorso numa espécie de escadaria suspensa que marca profundamente o espírito e a imagem destes lombos hoje me dia. São a prova da modificação das condições naturais e do difícil trabalho em prol das necessidades do Homem na adaptação a condições topográficas adversas. A forte utilização deste modo de apropriação do território e da água como um recurso natural, possibilitou o desenvolvimento da vida humana ao longo do concelho da Calheta e a consequente atividade agrícola, tornando a ilha mais produtiva a nível económico.

Devido à posição subtropical da ilha, introduziram-se culturas associadas a ambientes tropicais como é o caso da produção da cana de açúcar que acabou por sustentar a ilha no seu primeiro ciclo de desenvolvimento. No entanto, a sua produção foi-se tornando cada vez mais escassa porque o Homem começou a se interessar por outros tipos de produção agrícola, como é o caso do vinho e da banana.

Toda a alteração da paisagem da Calheta cresceu a partir dos as-

---

[31] Linha formada por uma série de cumes: pontos mais elevados, cimos, topos.
[32] Designação local dada aos socalcos das encostas escavados e agricultados, que durante séculos moldaram a paisagem da Ilha; muros, contrafortes de contenção de terras seguindo a tecnologia tradicional.



36



37

[Registo 36] Litografia da Vila da Calheta, de James Bulwer, 1827.
[Registo 37] Povoamento no cimo dos lombos, Calheta, ilha da Madeira.

sentamentos populacionais onde o património construído contribuiu para uma crescente humanização da paisagem. Os socalcos permitiram chegar a locais praticamente inacessíveis, integrando-se em vertentes abrutas que caem sobre o mar. Esta apropriação do terreno permitiu a construção de pequenas casas fazendo crescer as intervenções do Homem até às zonas mais altas, criando uma continuidade e ligação entre estas zonas altas e as zonas costeiras.

Porém, o abandono de algumas zonas da Calheta associado à emigração, levou à diminuição da produção agrícola essencialmente sentida em territórios mais distantes. As consequências da emigração para a paisagem não se limitam apenas à atividade agrícola, os muros dos socalcos outrora construídos por árduo esforço, deixam-se ruir esquecidos pelo Homem, humilhados pelo abandono. Até a evolução da população residente na Calheta tem sido genericamente irregular uma vez que perdeu grande parte dos seus habitantes devido a esta forte corrente de emigração. Esta tendência de decréscimo da população, deve-se também a migrações internas na ilha assim como à redução global da natalidade fazendo da Calheta, o concelho com a densidade populacional mais baixa do território madeirense. Contudo, as consequências da emigração proporcionaram maior disponibilidade de recursos financeiros, resultando numa grande alteração na arquitetura, motivada pela construção de grandes casas que alteraram o equilíbrio que a casa tradicional madeirense mantinha com a paisagem agrícola em que se inseria.

Na Calheta e à semelhança da ilha da Madeira, a ocupação populacional começou por ser junto às áreas costeiras, nomeadamente na Vila da Calheta, no Paúl do Mar e no Jardim do Mar. Os aglomerados populacionais são visíveis onde os declives são menos acentuados, alguns em vales completamente expostos aos movimentos de vertente, ou no cimo dos lombos. As casas rurais têm uma presença significativa na Calheta, são um elemento essencial desta paisagem devido ao seu vasto número e à sua dispersão no território. Encontram-se implantadas quase sempre separadas umas das outras, criando vazios para futuramente serem ocupados com terrenos agrícolas. Estas casas surgem alinhadas e quase empoleiradas numa linha que desenha a crista do lombo desde a frente mar até à serra, beneficiando sempre do amplo horizonte preenchido pelo oceano.

O interesse pelo património natural do concelho da Calheta remonta ao século XIX, numa altura em que os visitantes desembarcavam na Vila da Calheta e eram transportados para as zonas mais altas, permitindo uma experiência diversificada que vive das particularidades associadas às



38



39

[Registo 38] Desembarque de turistas na praia da Calheta, 1934.
[Registo 39] Turistas a caminho das zonas altas da Calheta, 1934.

condições climáticas, ao contexto insular e ao comportamento do território que vai sofrendo alterações numa linha de espaço-tempo entre a costa e a serra.

A costa é uma das zonas que mais oferece potencialidades do património natural para além da diversidade ao nível das condições morfológicas que se reduz nos lombos uma vez que correspondem ao setor de maior intervenção humana. De facto, a agricultura em socalcos permitiu que a ocupação humana assumisse formas de intervenção muito distintas, contribuindo para a consequente desvalorização do caráter natural primitivo do território. Praticamente toda a paisagem foi tocada pelo Homem de tal forma que, os únicos vestígios existentes localizam-se em locais pouco acessíveis ou até mesmo inacessíveis. Por outro lado, as serras transportam um maior interesse do património natural no que toca à possibilidade de fazer uma caminhada tranquilamente ao longo de levadas, onde a dureza do basalto presente nos muros dos socalcos passa despercebida e camuflada pela vegetação natural.



40



41

[Registo 40] Calheta vista a partir do Mar, 1940.
[Registo 41] Vista sobre o Paúl do Mar, 1940.

- O Estreito da Calheta e a Costa -

As casinhas lá em cima, bem na crista da montanha, os campos a seus pés, rendidas ao trabalho persistente do homem…o cheiro a terra fresca, a horta e a fartura…. É este o Estreito da Calheta, autêntico, verdadeiro, solarengo. À espera de um visitante sensível que saiba apreciar[33].

Uma vez que o terreno do Socalco se localiza na freguesia do Estreito da Calheta, torna-se relevante nesta dissertação um estudo e conhecimento das condições e características da zona onde esta freguesia se insere – a *costa* – de forma a permitir uma melhor compreensão do lugar onde o terreno do projeto habita.

Como uma montanha que se faz erguer da massa oceânica, a ilha da Madeira apresenta uma costa predominantemente escarpada que se mantém na frente mar da freguesia do Estreito da Calheta. Dominada por paredes rochosas que só se interrompem pontualmente pelos vales, a costa torna-se pouco acessível por terra onde as arribas transportam uma ideia de contacto abruto entre o mar e a terra.

Esta separação rigorosa entre o manto de água e o manto terrestre está reforçada pela quase inexistência de plataformas ao longo do território tornando brusca esta transição e relação entre a superfície rochosa e a linha do oceano. A noção desta separação torna-se ainda mais visível com a escassez de praias que se resumem à acumulação de *calhaus*[34] onde o tempo e a força do mar rebatida nas ondas vão moldando e reduzindo àquele que é o desenho da pedra da calçada madeirense.

Contudo, existem ocasiões em que é a terra que avança sobre o mar sob a forma de plataformas de acumulação de sedimentos resultantes do desabamento da massa rochosa dando origem às *fajãs*[35].

---

[33] Freguesia do Estreito da Calheta, História, Câmara Municipal da Calheta, 2015, in https: www.cmcalheta.pt.

[34] Designação popular em alusão à dimensão dominante do material constituinte das praias madeirenses.

[35] É uma característica das ilhas com costas altas e rochosas e que favorecem o povoamento e a atividade agrícola por beneficiarem de condições climáticas mais favoráveis. A altitude a que se desenvolvem e a proximidade ao mar proporcionam uma assinalável regularidade térmica e temperaturas médias anuais mais elevadas.



42



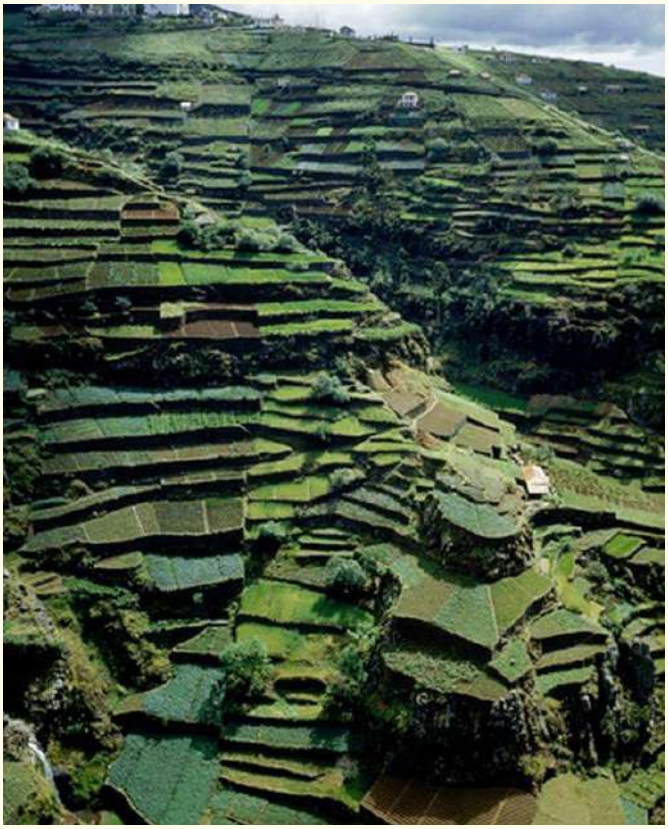
43

[Registo 42] Vista sobre o povoamento na Vila da Calheta, 1940.
[Registo 43] Povoamento nos lombos até às zonas costeiras de frente-mar, Estreito da Calheta, ilha da Madeira.

A frente mar do Estreito da Calheta apresenta-se como uma das zonas mais quentes e secas da ilha e uma das zonas onde se registam os mais baixos níveis de precipitação. Neste sentido, a chuva tem pouca eficácia ecológica uma vez que a sua retenção pelos solos é muito fraca, sendo assim canalizada para as ribeiras. A secura é de facto o elemento de mais ênfase das condições ecológicas da Calheta, que se agrava com a escassez e irregularidade da precipitação e com a existência de solos pouco espessos que contribuem para uma fraca retenção das águas das chuvas, que por sua vez condicionam a disponibilidade dos recursos de água para a agricultura.

O Centro das Artes: Casa das Mudas, obra do arquiteto Paulo David, e também situada na freguesia do Estreito da Calheta, é um ponto fulcral a partir do qual é possível ter uma vista panorâmica sobre a Vila da Calheta e a costa. Este local oferece ao espectador uma vista privilegiada sobre aquele que foi o primeiro assentamento populacional concelhio e que ainda hoje constitui a sede político-administrativa do concelho, a Vila da Calheta. A partir deste ponto estratégico na paisagem, é possível observar uma grande intervenção na costa onde o Homem foi o responsável pela conquista de alguns metros ao mar, transformando o branco do mergulhar das ondas no negro do calhau.

[2] O contacto com o terreno



44



45

[Registo 44] *Camadas de socalcos exuberantes esculpidos à mão em encostas íngremes,* Câmara de Lobos, 1959.
[Registo 45] *Agricultores conduzem uma novilha numa estrada de paralelipípedos que passam por socalcos*, Câmara de Lobos, de data desconhecida.

- [notas sobre territórios em socalcos] -

Os socalcos são paisagens, pistas e sinais da cultura dos povos que os habitam. São a herança – tangível e intangível- transportada de geração em geração ao longo da história.[36]

Notas sobre territórios em socalcos trata-se de uma curta aproximação de um entendimento e análise que procura alertar sobre aspetos, fatores, condições e história das paisagens em socalcos que, nesta dissertação, se tornam essenciais para uma consciência e valorização destes territórios. Como referência neste estudo, recolheram-se várias ideias e argumentos estudados com base no projeto internacional *ITLA*[37] (Aliança Internacional de Paisagens em Socalcos), fundado em 2010 e que se trata de um encontro internacional que envolve um conjunto de populações locais, herdeiras de culturas camponesas, com profissionais cientistas e especialistas de diversas áreas desde arquitetura, geografia, agronomia e antropologia, onde são efetuadas experiências de trabalhos e explorações do grupo de ilhas que compõe os arquipélagos das ilhas Canárias, Madeira, Açores e Cabo Verde.

O objetivo deste evento internacional foi promover a discussão sobre a recuperação de territórios em socalcos, trabalhando contra o abandono destas paisagens de forma a experimentar novas políticas e ferramentas específicas para estas áreas, potencializando uma nova vida e acima de tudo, recuperar uma memória coletiva da sua história. Perceber, representar e agir em socalcos significa entender o significado de *construir uma paisagem* onde os territórios estão intrinsecamente ligados à sua população e às suas consequentes condições de vida. Como consequência, foram recolhidas algumas *palavras-chave* que permitem criar uma noção de alguns aspetos a considerar aquando uma intervenção nestas paisagens. *Estabelecer*[38] uma estrutura de entendimento comum de forma a abordar os socalcos na ilha, permitindo um diálogo com os produtores, com os construtores destes socalcos e com o povo que os habita, desenvolvendo propostas conjuntas que incorporem visões futuras para a valorização des-

---

[36] IV ITLA Terraced Landscapes World Congress, "Re-Enchanting Terraces", ITLC MAC 2021, in http://terracedlandscapes2019.es.
[37] ITLA: International Terraced Landscapes Alliance, fundado em 2010.
[38] Verbo transitivo; dar principio a (coisa que se torne firme e estável); organizar, instituir, fundar; criar; ordenar, mandar, determinar; dar modo de vida a.

tas paisagens. *Selecionar*[39] um novo uso de terras abandonadas de acordo com as exigências da sociedade, desde benefícios para a saúde e o próprio bem-estar do ser humano, como potenciais lugares para refúgio. *Melhorar*[40] as questões de proteção contra riscos naturais como o deslizamento de terras, inundações, colapsos), uma vez que atualmente as estruturas e funções ecológicas dos socalcos estão a regredir numa consequente e importante mudança no valor e na consciência da paisagem. *Adaptar*[41] métodos e técnicas às circunstâncias dos socalcos bem como às situações locais, gerando círculos de ideias onde possam ser partilhadas novas visões de uma possível (re)apropriação destes territórios em socalcos. *Gerar*[42] conclusões e propostas para a manutenção, conservação e valorização destas paisagens insulares com base em projetos específicos.

Uma das principais preocupações envolve uma recuperação da memória coletiva, uma reconstrução de experiências de outras gerações e uma recriação de condições que apelam pelo contínuo desenvolvimento e valorização da existência física destas paisagens, num processo que é contínuo e que é feito e vivido por todos.

O desafio nestes territórios em socalcos passa por encontrar novas maneiras de viver neles e cultivá-las, implicando um bom uso dos seus recursos.[43]

Relembremos que estes territórios eram geralmente criados com dois objetivos principais: aumentar a superfície disponível das terras agrícolas e neutralizar os processos de degradação das terras nas encostas mais íngremes. Atualmente, embora a exploração dos socalcos na atividade agrícola seja cada vez mais rara e limitada a poucos tipos de culturas específicas como o vinho e a banana, a contribuição para a proteção do solo e para o controlo do escoamento tem vindo a adquirir uma importância crescente. No entanto, este papel é seriamente comprometido em caso de abandono dos terrenos de socalcos. As medidas implementadas pelo Homem para manter a estabilidade destes terrenos tem vindo a implicar um novo equilíbrio artificial através de novas intervenções e de novos meios de in-

---

[39] Verbo transitivo: fazer a seleção de = escolher; marcar as opções pretendidas.
[40] Verbo transitivo: tornar melhor; fazer prosperar; fazer melhoramentos em.
[41] Verbo transitivo: fazer com que uma coisa se combine convenientemente com outra = acomodar, ajustar, apropriar.
[42] Verbo transitivo: dar existência a; procriar; conceber; produzir, dar; ter; causar, originar.
[43] IV ITLA Terraced Landscapes World Congress, "Re-Enchanting Terraces", ITLC MAC 2021, in http://terracedlandscapes2019.es.

tervir nestes territórios. Contudo, o abandono destes socalcos pode levar ao desencadeamento de processos de erosão potenciando grandes danos como o colapso dos muros de contenção destes socalcos, desabamentos de terras que levam à perda dos solos e consequentemente à imagem de uma certa desordem no território.

Notifiquemos também, que as paisagens de socalcos nasceram através de uma condição, de um conhecimento e de uma habilidade do Homem de trabalhar a terra agrícola, de forma a possibilitar a produção agrícola nas zonas mais altas e nas encostas mais íngremes. No entanto, com o aumento de emigrações e migrações internas na ilha para o centro, estas paisagens começaram a cair em desuso do ponto de vista da agricultura para passarem a ser consideradas como meros elementos contemplativos e paisagísticos. Apesar disso, é possível reconhecer uma lenta recuperação e preocupação com estas paisagens ainda que de uma forma desigual e dispersa pelo território devido a fatores como a posição geográfica e as próprias condições dos terrenos. Para isso, torna-se importante analisar as premissas que permitiram certas terras desenvolver uma agricultura autossuficiente, porque de facto, existem muitos casos que ainda estão a evoluir na produção agrícola em comparação com aquelas terras onde o abandono persiste. Existe, portanto, uma preocupação e uma vontade em garantir uma sustentabilidade territorial, de acordo com a realidade de cada território.

Entenda-se que a manutenção destes socalcos não representa apenas uma contribuição para a preservação da paisagem contra certos fatores de risco influenciados pelo abandono ou pela força da natureza, mas também para a proteção da biodiversidade. Por este motivo, é necessária a criação de um pensamento proativo destinado a tentar manter não só as estruturas físicas destas paisagens, mas também o seu valor e funções para as quais foram criadas. Neste sentido, é essencial a interpretação das origens dos territórios em socalcos. Talvez a abordagem que se aproxima àquilo que é estudado e desenvolvido ao longo desta dissertação, seja uma abordagem antropológica que procura uma interpretação para cada técnica de construção como uma resposta a uma necessidade social precisa. Desta forma, cada tipologia de construção pode ser lida de acordo com a finalidade para a qual foi concebida e a sua respetiva função – de um elemento de irrigação ao muro de contenção ou de um muro de contenção ao abrigo de pessoas e animais – percebendo a relação entre o uso real e o valor histórico nos dias de hoje.

O desenvolvimento turístico pode também ser um aspeto relevante na valorização destas paisagens, uma vez que a promoção turística do



46



47

[Registo 46] Paisagem agrícola em socalcos, Crista do Galo, Serra de Água, de data desconhecida.
[Registo 47] *Jardins suspensos*, Ilha da Madeira, de data desconhecida.

território está necessariamente ligada ao processo de reapropriação da paisagem tradicional e ao fortalecimento do sentido de identidade territorial das comunidades locais. Talvez possa passar pela criação de ferramentas que promovam uma revitalização destes territórios através de uma consciencialização sobre a sua importância, considerando estas paisagens, não apenas como um elemento natural, mas como um resultado de mudanças determinadas principalmente pelas atividades humanas, procurando entender o conhecimento tradicional da gestão destes territórios, redescobrindo o grande valor que as técnicas antigas utilizadas possuem em termos de sustentabilidade. Esta maneira diferente de encarar uma nova função para estas paisagens em socalcos, pode ser útil para fundar um novo relacionamento com a sociedade atual, com o propósito de fazer crescer uma valorização e uma perceção pública destes lugares a nível global, de forma a potenciar um equilíbrio entre uma proteção e um desenvolvimento necessários na sustentabilidade destas paisagens.

Apela-se assim, a um entendimento que passa por experimentar e considerar novas visões, estratégias e propostas conscientes para estes territórios e para os seus habitantes. Cuidar destas paisagens fomenta um reconhecimento onde elas podem responder a uma série de preocupações da sociedade atual no que toca à preservação do valor histórico e cultural, da melhoria das condições de vida e das necessidades intrínsecas que o ser humano transporta ao pertencer a um território que procura um desenvolvimento sustentável, uma vez que estas paisagens são portadoras de *uma beleza que alimenta a vida, que se reconecta com a natureza e com as suas mensagens metafóricas, uma coexistência social e solidária com a existência de seres vivos, para que todos possamos continuar a viver.*[44]

[44] IV ITLA Terraced Landscapes World Congress, “Re-Enchanting Terraces”, ITLC MAC 2021, in http://terracedlandscapes2019.es.



48



49

[Registo 48] Localização e identificação do terreno do Socalco.
[Registo 49] Vista sobre a casa-mãe e identificação do socalco da intervenção.

- Sobre a escolha do lugar -

Como já foi referido ao longo desta dissertação, a paisagem da ilha da Madeira é profundamente marcada pela relação da obra do Homem com o território, uma realidade instável e transitória. Paisagem essa, que significa um processo contínuo de impressão e registo de uma vida coletiva, geradora de espaços, de gestos e de consequências físicas das necessidades do homem. Como refere Liliana Neto, *a paisagem evolui conforme as necessidades da comunidade, refletindo a sua organização, a sua economia e os seus valores. Exprime a singularidade de cada lugar, denuncia a sua evolução natural e cultural e, apesar de estar em constante mudança, ela é específica de cada lugar. O território mede-se em metros quadrados ou hectares, enquanto que a paisagem se mede em obra, uma obra coletiva de uma comunidade.*[45] A paisagem é, assim, património cultural, elemento imprescindível da identidade de um povo, pontuada por um conjunto de elementos *casa* construídos, que possuem características singulares que contemplam o espaço e que *ordenam* a paisagem da orla costeira da ilha como um exemplo de continuidade.

O terreno do Socalco localiza-se numa zona periférica da cidade, a Calheta, que funciona quase como um refúgio do centro e que, como já vimos, é muito caracterizada por lotes agrícolas e pontuada de forma dispersa pelo casario. Este terreno está implantado sobre uma das encostas da Calheta onde toda a natureza se enquadra muito bem e onde é transportada a essência do povo madeirense. Como refere Octávio Freitas, *o Socalco é a experiência que tínhamos, enquanto miúdos, cá na Madeira.*[46] É, portanto, um terreno que potencia e que evoca diversas experiências e sensações locais. Trata-se de um terreno de grande dimensão e que é lido através de grandes plataformas protagonizadas pelos socalcos, que transportam características muito particulares.

É através do íngreme Caminho do Lombo do Salão que é possível se aceder ao lugar da nossa intervenção. O terreno, de difícil acesso, é composto por uma casa-mãe que foi recuperada a partir de um edifício brasonado de 1685 e que abarca um conjunto de características e de fatores

---

[45] NETO, Liliana, *O Património Construído na Paisagem Madeirense*, in ILHARQ nª6, 2006, p.21

[46] Alusão ao chefe Octávio Freitas num momento de recordação do lugar que é, o terreno do Socalco.



50

[Registo 50] Levantamento fotográfico de elementos que caracterizam o terreno do Socalco.

que são sensíveis e que transportam, através da sua impressão no terreno, uma cultura e um saber da forma como o homem se apropriava do território com base nas suas necessidades de sobrevivência que, neste terreno, estão bem visíveis nos socalcos que preservam, ainda hoje, um carácter agrícola.

Torna-se pertinente a pergunta, *porquê a escolha deste terreno e não de outro?* A resposta vai de encontro a uma preferência pessoal que reúne uma série de elementos que não foram escolhidos numa lógica aleatória, mas sim de forma a permitirem, por meio de uma ação, a criação de um *espaço experimental*. A escolha deste terreno prende-se, portanto, por este ser lido como um *corpo* onde vivem nele as demais particularidades que são imediatamente reconhecíveis e tangíveis à ilha da Madeira. Particularidades essas como a existência de poços e de levadas que promoviam a produção agrícola através deste bem essencial que é a água, a própria topografia do terreno que originou a construção de socalcos extraordinários e singulares, podendo atingir os cinco metros de altura, a criação de grutas para o abrigo dos animais, o próprio clima desta zona da Calheta como uma das melhores situações atmosféricas em toda a ilha e a vantagem de se poder ter o *melhor dos dois mundos* – a envolvência da natureza com a linha de costa projetada sobre a vastidão do oceano. A escolha destes elementos pertence, portanto, a um processo de (re)conhecimento do território, que procura identificar e estudar aquelas que são as características do habitar, através da possibilidade de experimentar, interagir, analisar um território e o seu povo permitindo ampliar o conhecimento sobre esta realidade. A procura por valorizar e (re)conhecer as particularidades do terreno do Socalco traduziu-se na procura de fortalecer uma relação, enquanto arquiteto, com a paisagem. A importância concedida ao lugar, enquanto razão da intervenção, é uma das condições permanentes e essenciais na construção de um diálogo aberto com os elementos naturais e nunca de costas para eles. O contacto direto com o terreno permitiu um confronto com a sua realidade através de experiências e percursos no lugar. Um confronto que, cruzado com memórias de uma infância vivida na ilha, reforçou a sensibilidade com o lugar e com a vivência entre as pessoas.

Apesar da grande dimensão do terreno e com base em algumas condicionantes que lhes estão adjacentes, foi escolhida uma parcela em particular para intervenção no terreno que não comprometesse a privacidade da casa-mãe e de todo o espaço que a envolve mas que, ao mesmo tempo, pudesse reunir todos estes elementos naturais que caracterizam este lugar. A área de intervenção destina-se, portanto, a toda a zona mais







51

[Registo 51] Levantamento fotográfico de elementos que caracterizam o terreno do Socalco.





52

[Registo 52] Levantamento fotográfico de elementos que caracterizam o terreno do Socalco.



53



54

[Registo 53] A Sul, vista sobre a praia e Vila da Calheta.
[Registo 54] A Poente, vista sobre o Centro das Artes-Casa das Mudas, do arquiteto Paulo David.

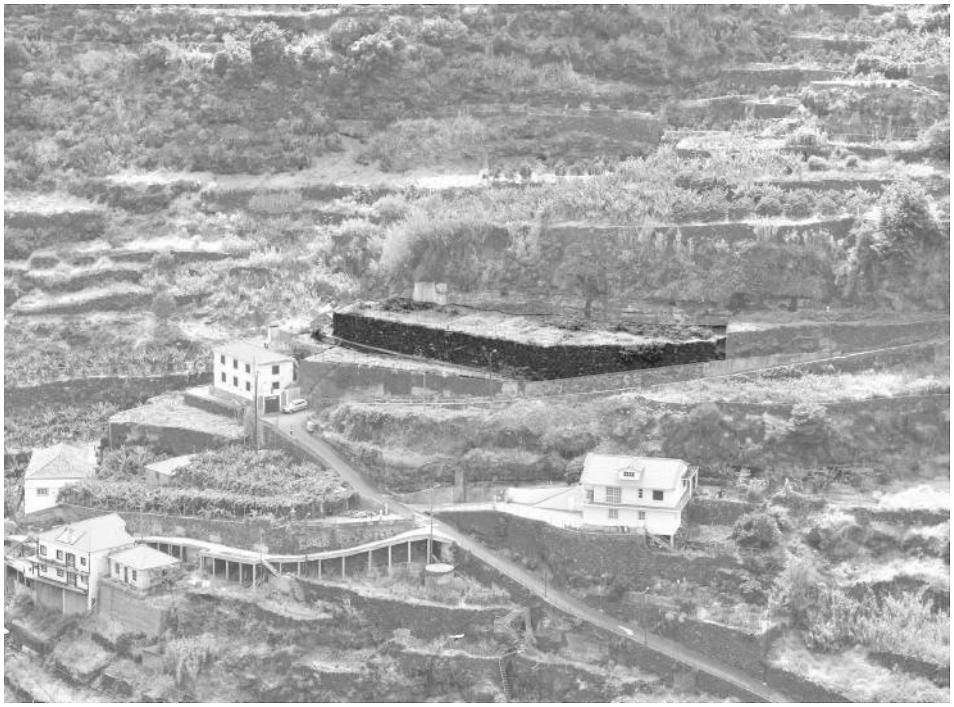
elevada do terreno, mas que é parte integrante da paisagem costeira deste lugar fortemente marcado pela presença do mar e por uma costa bastante irregular. Trata-se de uma plataforma com uma frente exposta a Sul, inclinada sobre a costa bastante irregular da ilha da Madeira, da praia da Calheta e da própria vila da Calheta, e outra frente exposta a Poente, curvada sobre a densidade da vegetação e com um ponto de vista particular sobre uma encosta que se espelha e que é redefinida no território pelo Museu de Arte Contemporânea da Madeira – Casa das Mudas, obra do arquiteto Paulo David. Toda esta área do terreno é uma espécie de varanda sobre a paisagem em forma de plataformas debruçadas sobre o azul do céu e do Oceano. O cenário é, portanto, o grande protagonista deste terreno.

Na intervenção no terreno, procura-se ter em conta fatores fundamentais como a valorização do contexto e a interpretação das características do lugar, resultando numa proposta que procura viver da paisagem, do contexto, unindo os verdadeiros protagonistas deste lugar. O grande laço entre o homem, enquanto arquiteto, e a intervenção neste terreno, conformam uma certa singularidade a esta paisagem costeira numa relação entre elementos naturais e construídos. Intenciona-se uma arquitetura onde a topografia do terreno fomente várias experiências sensoriais ao longo de um percurso em que a presença do mar impõe uma direção do olhar, difundindo os limites entre o natural e o artificial. Procura-se que a intervenção neste terreno reúna um conjunto de relações de permanência, de proximidade, com vínculos locais e de uma aprendizagem pessoal, de uma evocação da memória do lugar através de associações visíveis e invisíveis. Como defendia Fernando Távora, a arquitetura deve procurar *o essencial desse passado que recordamos com saudade e tal essencial chama-se unidade, coesão, equilíbrio e integração*.[47]

Propõe-se que a imagem deste lugar possa ser compreendida através de três elementos: identidade, construção e significado. A identidade é encarada como um significado de uma individualidade ou particularidade. A construção é entendida como uma relação da obra com quem a habita, e o significado carrega um lado prático e emocional de reações perante a nossa posição no espaço. O contacto com o terreno permitiu abrir um espaço experimental para ensaiar um gesto de projeto que ao mesmo tempo promoveu uma intensa experiência do lugar, estabelecendo uma relação de

---

[47] TÁVORA, Fernando, *Da Organização do Espaço*, Porto, FAUP Publicações, 2007, p. 67.



55

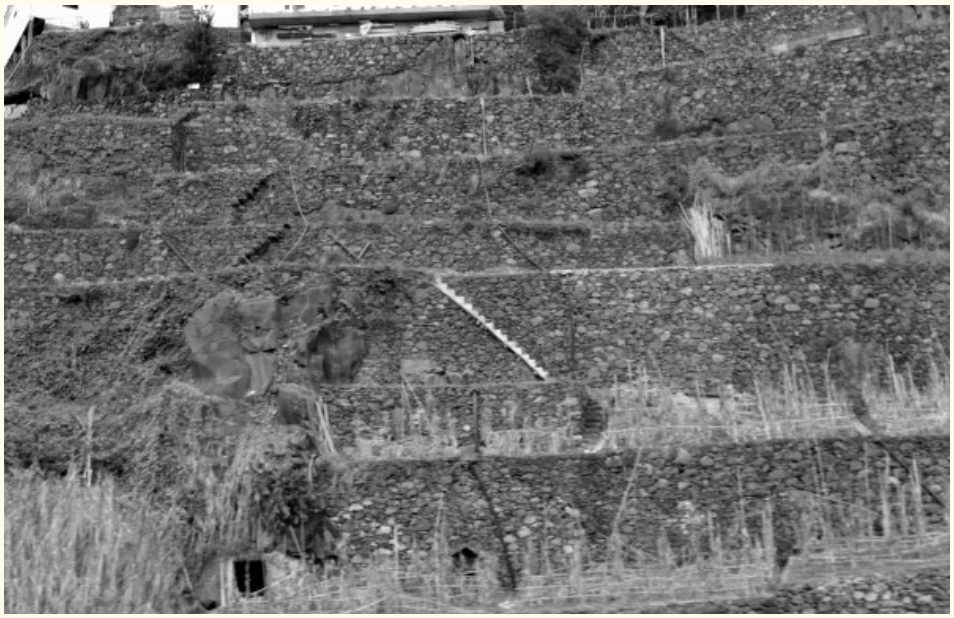


56

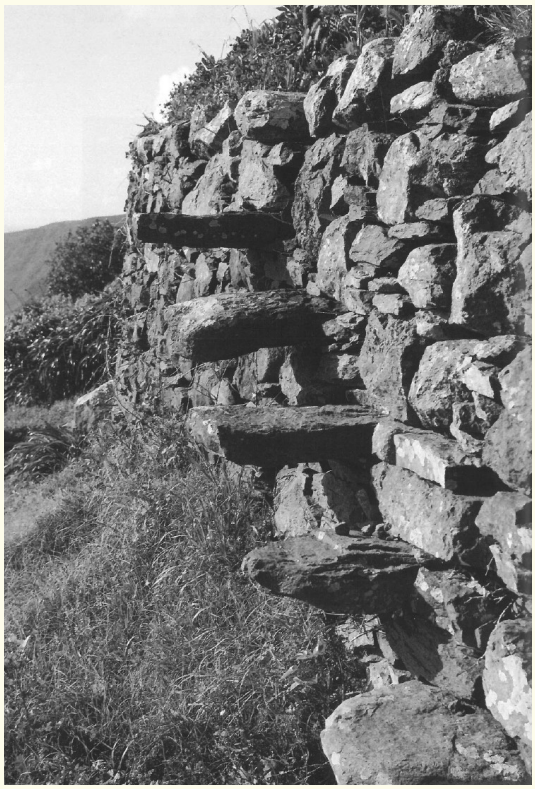
[Registo 55] A Sul, vista sobre a área de intervenção.
[Registo 56] A Poente, vista sobre a área de intervenção.

intimidade entre o homem e a paisagem.

Se até aqui procurou-se entender e conhecer algumas características da ilha e formas de apropriação e de intervenção no território, agora, através de uma ação de projeto, procura-se uma intervenção atenta à qualificação da paisagem e do território em linha de costa, caracterizando uma forma do homem habitar na proximidade deste limite e, consequentemente, como é que esta forma de habitar se relaciona com a paisagem e com o território.



57



58

[Registo 57] Muros dos socalcos.
[Registo 58] Muro do socalco com a integração das escadas em consola.

- [notas sobre a construção dos muros dos socalcos] -

Escassez, abnegação e coragem não são suficientes para explicar o esforço humano que, desafiando o abismo, foi capaz de moldar tal paisagem.[48]

Notas sobre a construção dos muros dos socalcos, também conhecidos como muros de pedra seca, representam o testemunho do engenho e do esforço de muitas gerações de agricultores que desde o início do povoamento, tiravam o seu sustento das vertentes da montanha. Subjacente a esta paisagem moldada, estava uma agricultura de escassez e subsistência praticada por uma população que vivia no limiar da pobreza e do analfabetismo, mas, contudo, herdeira de saberes ancestrais que, infelizmente, se estão a perder. Saberes que permitiram construir sólidos muros de pedra que sustentavam solos estáveis e produtivos, resistentes à erosão e à violência das chuvas torrenciais da ilha.

A morfologia dos socalcos embora irregular e aparentemente aleatória, segue uma lógica complexa e coerente em que as linhas dos muros são quase sempre perpendiculares à pendente. Neste sentido, entende-se que a construção dos socalcos surge não só para segurar o solo e neutralizá-lo da erosão, mas também como uma forma de criar espaços de aproveitamento agrícola em sítios onde as condições rochosas do solo jamais permitiriam a produção e exploração agrícola.

Esta forma de apropriação do terreno pode ser entendida como uma técnica de *horizontalizar* o terreno, onde a gravidade é um fator importante na composição dos elementos permitindo a domesticação do declive e o redesenho da topografia do terreno. Muitas vezes é construído no próprio muro uma escada em balanço, em que os degraus são pedras encaixadas na estrutura da parede. Assim, os limites do muro servem muitas vezes como área de circulação entre os socalcos. Esta técnica de *horizontalizar* o terreno, permitiu a organização do território em que a área para a produção agrícola teve de se tornar menos íngreme e a água deixou de correr numa posição praticamente vertical para ser levada a um ritmo lento e horizontal. Os socalcos também foram pensados para funcionar em conjunto com um sistema de irrigação através das levadas, revelando uma técnica que

[48] CAMPOS MATOS, Rui, "Os poios agrícolas da Madeira" in Diário de Notícias.

o povo assumiu no território através do acerto das cotas do terreno e dos percursos traçados, com o objetivo de trazer água do Norte ao Sul da ilha. Neste sentido, as levadas representam uma linha que corta o território, que o reestrutura e redesenha delimitando um eixo horizontal.

A construção deste tipo de muros baseia-se em quatro regras básicas que se adaptam a qualquer circunstância - colocar as pedras maiores na base, exceto as pedras de capeamento, desencontrar ou quebrar as juntas, manter o interior preenchido e compactar o muro, utilizando o recurso mais correto para cada tipo de pedra, neste caso, terra e pedras de menores dimensões uma vez que se trata de um muro em pedra basáltica. Neste sentido, é necessário ter em consideração dois aspetos: a rigidez do basalto e a ausência de irregularidades ou ranhuras na sua superfície. Desta forma, evita-se que o terreno sofra movimentos de massa consideráveis e ao mesmo tempo permite o escoamento e o fluxo de água, impedindo a consequente acumulação.

Considerando que a estabilidade e resistência destes muros é a condição primária para a subsistência dos terrenos, é fundamental garantir que a largura da sua base seja consideravelmente superior à do seu topo. As bases fracas são a origem dos colapsos mais graves e nenhum cuidado na construção do muro para cima, consegue corrigir os problemas da fundação. Na Madeira é frequente a presença de grandes afloramentos rochosos nas fundações dos muros, que depois acabam por se incorporar na estrutura do muro. Para além disso, muitas das pedras que compõem os muros são trazidas de ribeiras e apresentam uma forma arredondada, consequência do desgaste provocado pela força das águas. Estas pedras são engenhosamente sobrepostas umas às outras com outras pedras de menores dimensões, as *pedras de aviamento*[49], que preenchem os espaços intersticiais. Embora não haja nenhum tipo de cuidado especial no corte das rochas, procura-se que o seu tamanho seja relativamente uniforme, economizando pedra e tempo, ou seja, como não existe uma preocupação iminente em cortar e alisar as pedras, há uma redução significativa de tempo, de trabalho e do desperdício de matéria-prima.

Em primeiro lugar procede-se à remoção de plantas e tufos de vegetação do alinhamento do futuro muro não sendo necessário, no entan-

---

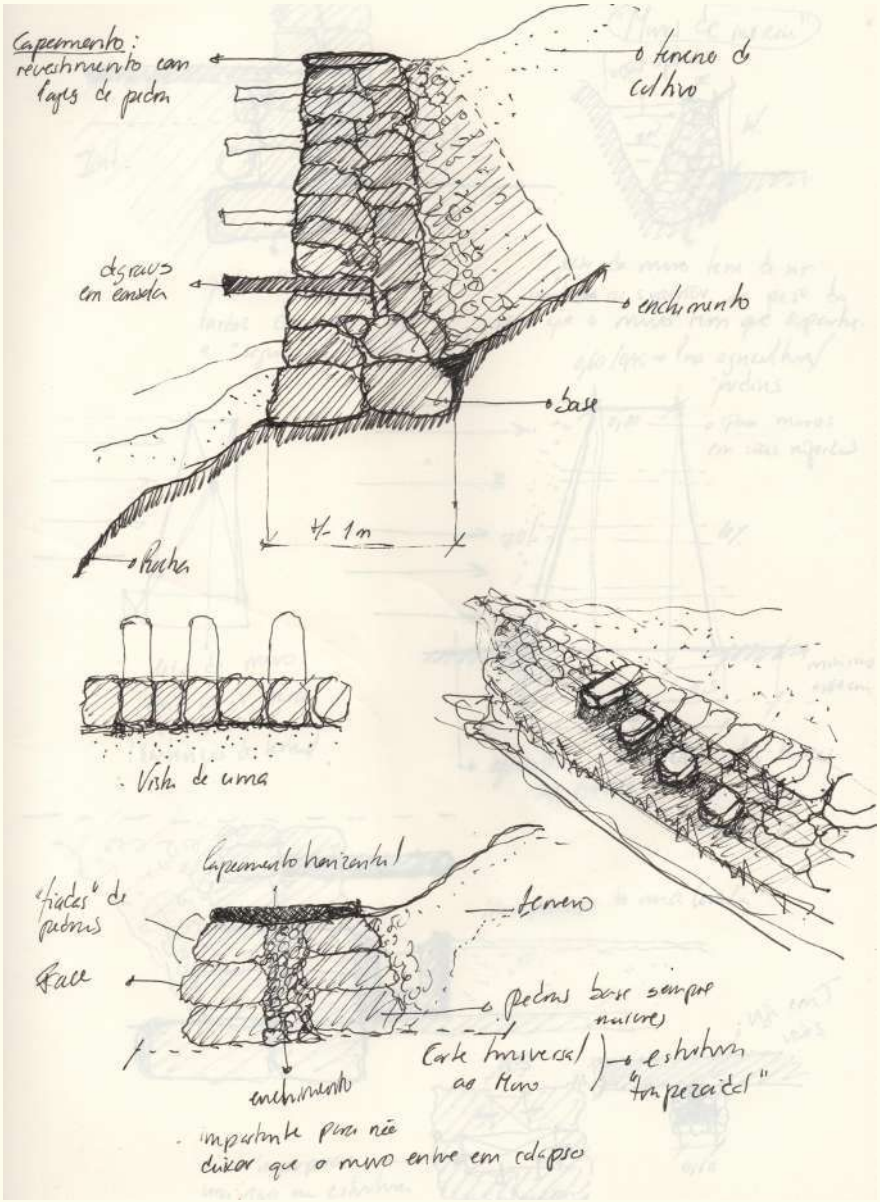
[49] As pedras de aviamento são pedras mais pequenas que são fixadas entre os espaços das pedras maiores que as estabilizam.

to, remover os pedregulhos solidamente assentes no terreno. Escava-se a trincheira até ao subsolo firme ou até à rocha. As pedras de base devem aproximar-se, mas não sobressair, do nível do terreno. Caso o fundo da trincheira seja um leito rochoso irregular, constrói-se primeiro um leito regular para as pedras da base. Mas se o leito rochoso estiver a poucos centímetros abaixo do nível do terreno, não é necessário usar pedras de base grandes, podendo assentar a primeira fiada de pedras diretamente no leito preparado, que funciona neste caso como uma fundação.

Assentam-se as pedras da base em duas linhas paralelas ao longo da trincheira, com os respetivos lados mais compridos virados para o interior do muro e nunca ao correr da face deste. Assim, as pedras dificilmente se deslocam quando tiverem carga em cima, enquanto que se as pedras forem colocadas ao correr do muro podem rodar facilmente para fora da sua posição. No entanto, as pedras de base muito grandes devem ser colocadas ao correr da face do muro de forma a evitar interferência com as pedras da base do outro lado. Como não se verifica o cuidado em acertar as pedras e, tal como acontece ao longo das margens do rio Douro, é utilizado um saber empírico de emparelhar as pedras de forma correta. Uma das técnicas utilizadas de forma a assegurar uma certa uniformidade da parede é o *faceamento*, que consiste em alinhar cada pedra em função da aresta da pedra anterior e assim sucessivamente, conferindo uma maior homogeneidade ao conjunto.

Existe, também, outra técnica para solidificar o muro utilizando um reforço no seu interior, o enchimento, através da utilização de terra e de pedras de menores dimensões. Os enchimentos são invisíveis, mas essenciais em todos os muros de pedra seca por não deixarem que as pedras da face do muro deslizem para o interior do mesmo e, como consequência, entrem em colapso para o centro. Devem-se usar sempre enchimentos em todas as fiadas de forma a ajudar na ligação e estabilidade das pedras da face, permitindo a drenagem e criando uma base para as fiadas superiores. O objetivo dos enchimentos é proporcionar uma estrutura robusta que vai apertando conforme o muro vai assentando.

O remate superior do muro pode ser capeado, uma técnica que implica a colocação de lajes frequentemente de espessura reduzida e dispostas horizontalmente sobre a última fiada de pedras, uniformizando o muro e protegendo-o de infiltrações de água. Esta solução também permite a circulação em cima do muro que, juntamente com as escadas em balanço, possibilitam um maior aproveitamento da área do terreno. Sem capeamentos, os muros tendem a desfazer-se, fiada a fiada, podendo criar lacunas



59

[Registo 59] Caderno de registos. Apontamentos sobre a construção dos muros dos socalcos.

e, por isso, correspondem à parte do muro que necessita de uma inspeção e reparação mais frequentes. Os tipos mais comuns de capeamento encontrados na Madeira são o acabamento liso e horizontal e o acabamento irregular. O acabamento liso acaba por ser uma forma de se utilizarem pedras excedentes, para além de que é uma técnica rápida de se construir. O acabamento irregular, para além de ser rápido, utiliza qualquer tipo e dimensão de pedras encontradas ao acaso e conforme as circunstâncias.

Existem, portanto, várias técnicas para a construção dos socalcos que são o resultado de uma adaptação às especificidades do lugar, dos seus recursos e da mão de obra disponível. Cada muro de pedra é uma obra única e não existem regras fixas porque cada lugar é, na sua essência, inigualável.

(III) (por) uma Casa Experimental

Motivação

- A Experiência dos Sentidos -

Proposta

[1] Espaço Experimental: construir n(a) Paisagem

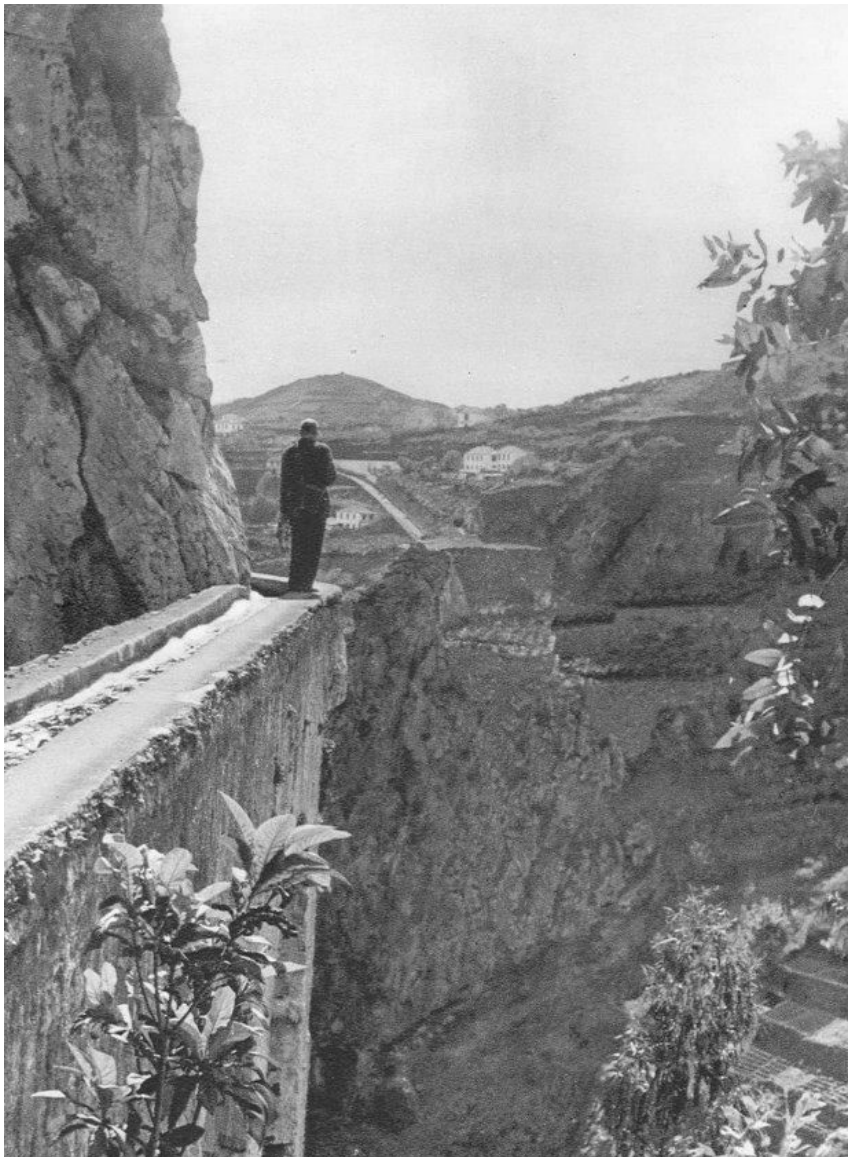
- *Habitar o Socalco*: estratégias de intervenção -
- Apontamentos sobre o projeto -

[2] Produção Gráfica

- Lista dos Desenhos -

[3] Produção Escrita Complementar

- *Habitar*, com Juhani Pallasmaa -
- A Casa -
- (por) uma Arquitetura Sensorial: *a casa exterior* -
- casa-*Mirante* -
- [tradição e identidade; memória e permanências] -



60

Quando entramos em contacto com lugares que proporcionam experiências ricas e revigorantes, todas as esferas sensoriais interagem e fundem-se na imagem do lugar que guardamos na memória.[50]

[Registo 60] *Levadas Vertiginosas*, Caminhada na Levada dos Piornais, data desconhecida.

[50] PALLASMAA, Juhani, in *Os Olhos da Pele. A arquitetura e os sentidos,* Porto Alegre: ARTMED Editora S.A, 2005, p. 45.

- A Experiência dos Sentidos -

A arquitetura é a arte de nos reconciliar com o mundo, e esta mediação dá-se por meio dos sentidos.[51]

A arquitetura está intrinsecamente envolvida com as questões da existência humana no espaço e no tempo, expressando e relacionando a condição humana no mundo. Parece existir uma necessidade mental de sentir que, de certa forma, o ser humano está preso a uma continuidade do tempo, onde a arquitetura procura ser o principal instrumento desta relação do Homem com o *espaço-tempo*, domesticando um espaço ilimitado e um tempo infinito, tornando-o habitável e compreensível para a humanidade. Neste sentido, a experiência entre o espaço externo e interno, físico e espiritual, material e mental, tem um papel essencial na arquitetura.

Contudo, não se deveria falar de arquitetura e consequentemente de criação de espaços sem ter em conta o corpo que os habita e os transforma. Ora isto implica falar, inevitavelmente, dos modos de habitar o território e da relação que o Homem tem, enquanto ser sensível, com a paisagem, uma vez que é ele que *ocupa o lugar central nos ambientes e nas experiências paisagísticas [...] como o centro e a condição de possibilidade das experiências da paisagem.*[52] A experiência dos sentidos é instável e ligada à perceção natural. As experiências sensoriais nascem por meio da própria constituição do corpo e do modo humano de ser, em que o próprio movimento do nosso corpo está em constante contacto e interação com a arquitetura, com a paisagem e com o mundo.

A valorização concedida à existência de paisagens em socalcos está associada a um valor estético, histórico, cultural e emocional, pelo facto de estimularem uma consciência para a compreensão e intervenção do Homem no mundo. A relação entre a composição e construção dos socalcos, juntamente com o diálogo que estabelecem com o meio envolvente, materializam um modo de ser e um modo de se apropriar de um território com as suas particularidades, mas ao mesmo tempo, possibilitam uma interação

---

[51] PALLASMAA, Juhani, in *Os Olhos da Pele. A arquitetura e os sentidos,* Porto Alegre: ARTMED Editora S.A, 2005, p. 68.
[52] TAVARES, Gonçalo M., Atlas do Corpo e da Imaginação, Alfragide: Editorial Caminho, 2013.



61

[Registo 61] Construção da Levada do Norte, décadas de 40/50 do século XX, Ribeira Brava.

física e sensorial com os seus habitantes, transformando estes territórios – outrora banalizados e esquecidos – em lugares que adquirem um valor especial de atração, intensificando experiências que ficam gravadas na memória e no corpo de quem os vive e habita. *O corpo não é uma entidade física; ele é enriquecido pela memória e pelos sonhos, pelo passado e pelo futuro.*[53]

Torna-se pertinente, a pergunta: *como é que a arquitetura do "imaginário " pode se relacionar com a experiência de um espaço?* Afirmando que a arquitetura permite representar e estruturar uma ação e um poder, uma interação e uma separação, uma identidade e uma memória, a resposta vai de encontro com a necessidade de estimular experiências sensoriais e de fomentar uma compreensão devida do lugar, onde a relação que está intrínseca entre o homem e o espaço habitado deve ser vivida fisicamente nesse lugar, através da deslocação do próprio corpo sobre o espaço. *O meu corpo é o verdadeiro umbigo do meu mundo, não no sentido do ponto de vista da perspetiva central, mas como o próprio local de referência, memória, imaginação e integração.*[54] Cria-se assim, uma experiência individual de sentidos que nasce da pessoa que vê o espaço e que o habita, uma experiência única que pode exprimir maior ou menor significado consoante a recetividade e a pré-disposição que cada pessoa carrega.

A idealização e criação de espaços permite que estes funcionem como dispositivos que produzem uma experiência física e sensorial, na qual o corpo é o protagonista e, como tal, é convidado a participar numa ação motora e sensorial de forma a estabelecer uma relação com o espaço e com a paisagem. Esta relação funde-se essencialmente a partir de um cruzamento estabelecido entre a perceção, a memória, os sentidos, as experiências do real e a imaginação formada no subconsciente de cada um, permitindo a construção de um universo pessoal e daquilo que o rodeia. Esta premissa torna possível a criação de uma noção de que o princípio da arquitetura pode residir no contacto do corpo com o espaço e na experiência que ele estimula, de forma a que não seja visto como um espaço independente e sem significado. O seu valor depende assim, de uma intimidade entre a conceção e construção do objeto e o ser que o habita, capaz de *adereçar todos os sentidos simultaneamente e fundir a nossa ideia de nós próprios com a nossa experiência no mundo.*[55]

---

[53] PALLASMAA, Juhani, Op. Cit, p. 43.
[54] Idem, p. 11.
[55] Idem.



62

[Registo 62] *A via fluvial também serve como caminho para o agricultor que caminha das terras altas até ao mercado,* Levada dos Piornais, de data desconhecida.

Seguindo esta linha de pensamento, procura-se uma prevalência na valorização sobre o entendimento da construção dos socalcos como um exemplo, num contexto insular, de uma ação pensada e construída de forma sensível, para uma experiência pessoal entre o Homem e o *território-paisagem* que ele habita e constrói, incitando uma *relação íntima com a natureza da qual é parte integrante, de uma natureza povoada de outras vidas, onde o que é som, cheiro, cor, crepúsculos, tempestades se confundem e realçam com os seus mistérios nos fenómenos transcendentes e telúricos.*[56] Surge a vontade de sustentar e enriquecer uma arquitetura que se quer emocional, e que não se assume apenas como um momento visualmente sedutor, como também permite a criação de ambientes e significados definidos pelo contacto físico e sensorial do corpo sobre o espaço por onde deambula. São estes ambientes que, como refere Peter Zumthor, *comunicam com a nossa perceção emocional, isto é, a perceção que funciona de forma instintiva e que o ser humano possui para sobreviver.*[57] A arquitetura é, assim, a projeção do corpo humano e do seu movimento no espaço.

Contudo, a necessidade de preservar a história do terreno do socalco, não impede que o novo objeto adquira um caráter próprio da *arquitetura do seu tempo*. A intervenção do projeto procura assumir a sua própria circunstância de integração e de relação com a paisagem, estabelecendo um equilíbrio entre a tradição e a contemporaneidade, e entre aquilo que resultou de experiências passadas do Homem sobre o território. Como afirma Juhani Pallasmaa, *a tarefa mental essencial da arquitetura é acomodar e integrar, articulando a experiência de fazer parte do mundo e reforçando a nossa sensação da realidade e identidade pessoal.*[58] A arquitetura permite perceber e entender a noção de permanência e de mudança, de inserção no mundo e de posicionamento no *continuum* da cultura e do tempo.

---

[56] COSTA, Marcelo, "A Nossa Cidade (ou a etopia urbana)", in *Islenha* nº12, 1993, p.55.
[57] ZUMTHOR, Peter, *Atmosferas*, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2006, p.13.
[58] PALLASMAA, Juhani, Op. Cit, p. 67.

[1] Espaço Experimental: construir n(a) Paisagem

(...) Projetar, planear, desenhar, não deverão traduzir-se para o arquiteto na criação de formas vazias de sentido, impostas por capricho da moda ou por capricho e qualquer outra natureza. As formas que ele criará deverão resultar, antes, de um equilíbrio sábio entre a sua visão pessoal e a circunstância que o envolve e para tanto deverá ele conhecê-la intensamente, tão intensamente que conhecer e ser confundem.

Fernando Távora in *Teoria Geral da Organização do Espaço. Arquitetura e Urbanismo. A Lição das Constantes*, Porto: FAUP Publicações, 1993.



63

[Registo 63] Vista sobre o terreno do Socalco.

- *Habitar o Socalco:* estratégias de intervenção -

O capítulo *Espaço experimental: construir n(a) Paisagem*, dedica-se à exposição da parte prática do trabalho. Esta separação resulta da necessidade de organização da informação uma vez que, como foi exposto antes, o projeto foi a grande premissa para a elaboração e desenvolvimento deste trabalho. Deste modo, o projeto é apresentado neste terceiro capítulo, como um resultado de todas as reflexões desenvolvidas até aqui por ele suscitadas. Para a total compreensão dos temas tratados e das opções tomadas no projeto, torna-se ainda necessário expor um conjunto de ideias complementares, fundamentais para o *guião do projeto* - com base em alguns autores que se tornaram essenciais pela sua capacidade de informar um pensamento mais consciente e deliberado sobre os temas do trabalho com que nos confrontamos - que serão abordadas mais à frente, na *Produção Escrita Complementar*.

Durante o processo de projeto, o arquiteto envolve-se sobre a paisagem, sobre todo o contexto e todos os requisitos funcionais, formalizando-o em movimento, equilíbrio e escala que posteriormente interagem com o corpo de quem o vivencia, onde a experiência reflete-se nas sensações corporais de quem por ele caminha.

O lugar é não só o suporte, mas também um elemento integrador da própria arquitetura que se expande no desenho do projeto que, na sua forma, posição, tamanho e materialidade, confere qualidades espaciais que são definidas pela exploração das características topográficas e matéricas do lugar, particularmente da presença da água e de uma natureza que se assume quase como uma arquitetura complementar de contemplação. Álvaro Siza defende que uma arquitetura que procura uma interseção com o lugar *não termina em ponto algum, vai do objeto aos espaços e por consequência à relação entre os espaços até ao encontro com a natureza.*[59] De facto, é possível afirmar que a arquitetura nasce da circunstância do lugar onde está inserida, adquirindo a sua identidade e singularidade quase como uma nova topografia que transporta um desejo de dominar ou de organizar.

A intenção de testar uma hipótese surge como um gesto da anterior reflexão, de forma a torná-la operativa num processo entre pensamento e

---

[59] SIZA VIEIRA, Álvaro, *Imaginar a Evidência,* Lisboa: Edições 70, 2013.

ação. Assim, procura-se materializar uma vontade com base na relação entre o Homem e o lugar, e na premissa estabelecida na relação da arquitetura com o lugar, onde a primeira ação tida em conta no arranque do desenho projetual, é o reconhecimento das características do lugar, do seu *genius loci*, uma vez que o objeto do projeto é antes de tudo o seu próprio lugar, o seu lugar físico. *O projeto começa por fazer parte da história do lugar e, fazendo parte dela, reescreve-a. É esta a responsabilidade do projeto, a sua responsabilidade mais complexa.* Procurou-se concentrar a experiência emocional do ser humano, estabelecendo uma interação contextual entre o corpo e o contexto e permitindo uma experiência que envolve tempo, consciência e pensamento.

Parte-se com a necessidade de notar que, embora o projeto apresente um caráter experimental, pode e deve compreender-se que pretende ter a capacidade de ser habitado, logo, deve ter a capacidade necessária de responder às exigências básicas da habitação. O projeto surge como uma estratégia experimental reveladora de novas potencialidades na criação de vários espaços, percursos e ambientes que implicam uma perceção, uma compreensão e consequentemente uma experiência da paisagem e do meio natural que o envolve e do qual o projeto procura ser parte integrante da composição. Uma narrativa por meio do espaço, sensibilizando a natureza e cultura do lugar e formalizando uma consciência de proporção baseada nos detalhes, na escala, nos ambientes e na cor e textura dos materiais. Pretende-se uma arquitetura para ser lida como parte de uma paisagem com *peças de arquitetura*.

De um terreno entregue ao esquecimento e abandono dos seus socalcos, surge um gesto experimental de intervenção e integração de um projeto despertador de memórias e experiências. A procura de um lugar que pudesse servir como um refúgio que tranquilizasse o ritmo acelerado de uma vida urbana, promovendo uma (re)aproximação com a natureza e cultura de um lugar.

A atitude de valorizar o lugar como um princípio de ação de projeto, permite criar uma consciência que cada lugar tem uma identidade particular que o qualifica e que permite construir um leque de significados e sensações que definem a atmosfera desse lugar. A noção e entendimento destas atmosferas nas suas características físicas, na sua história e na sua memória, traduzem-se numa analogia entre o sítio e uma arquitetura capaz de sintetizar as suas características e aproximá-las do Homem. Este gesto espelha uma sociedade que procurou, através da arquitetura, a valorização da cultura e identidade do lugar para a transformação da sua paisagem,

levantando preocupações com a complexidade do contexto, preservando a sua essência e testemunhando que é possível gravar novos gestos na paisagem sem ferir a sua identidade, *(...) em verdade há que defender, teimosamente, a todo o custo, os valores do passado mas há que defendê--los com uma atitude construtiva, quer reconhecendo a necessidade que deles temos e aceitando a sua atualização, quer fazendo-os acompanhar de obras contemporâneas.*[60]

[60] TÁVORA, Fernando, Da Organização do Espaço, Porto, FAUP Publicações, 2007, p.70



64

[Registo 64] Maquete do terreno do Socalco. Escala 1/200.

- Apontamentos sobre o projeto -

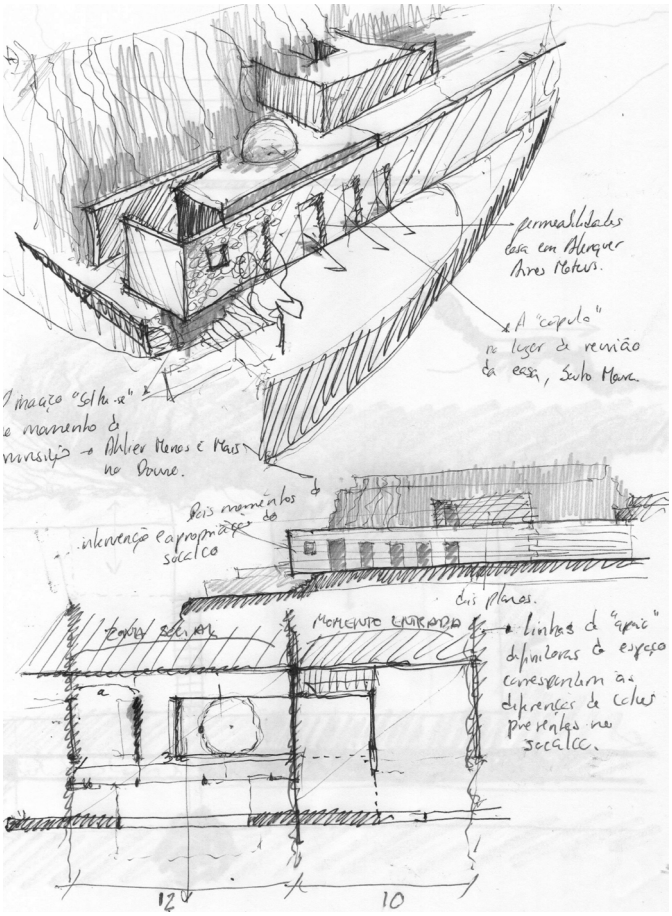
Há escritores que passam a vida a escrever sempre o mesmo livro, lembra Souto Moura. Há escritores que consideram que todos os seus livros são autobiográficos. Há arquitetos que passam a vida a desenhar sempre a mesma casa. Há arquitetos que passam toda a vida à espera do mesmo cliente: ele próprio.
Há 14 anos, desde o "meu" primeiro projeto que continuo sempre a desenhar a mesma casa, como se de uma obsessão se tratasse.
Embora sempre iguais, as casas são diferentes, porque os sítios e as pessoas assim merecem. Começo sempre por projetar a mesma casa, para a mesma pessoa, embora com vários pseudónimos, e se possível, como dia Aldo Rossi, "sem jamais me distrair com pessoas ou coisas que considero inúteis", considerando que o progresso na arte e na ciência dependem desta continuidade e firmeza, as únicas que permitem a mudança.[61]

Seguindo o pensamento de Eduardo Souto de Moura, torna-se complicado esclarecer ou entender aquilo que possa separar uma *casa ideal* de qualquer outra. Como refere, começa sempre por desenhar a mesma casa para a mesma pessoa: ele mesmo. Neste sentido, e essencialmente no caso de uma habitação, acreditamos que qualquer arquiteto deixa algo de si em cada projeto. Neste caso em concreto, do projeto desta dissertação, o cliente sou eu, a Autora. Trata-se de uma habitação unifamiliar, num lugar que prende memórias, e que responda a um futuro em aberto. Desta forma, serão as memórias da Autora, as suas ideias de casa enquanto habitante, que construirão uma hipótese de casa, que em conjunto com os mesmos princípios enquanto estudante de arquitetura, desenharão os espaços a ser ocupados. Apesar desta relação entre *cliente-arquiteto* se realizar na primeira pessoa, existirá em certos momentos, um distanciamento de um e de outro, quase como uma espécie de esquecimento momentâneo, que permitirá um fundamento para a capacidade experimental do projeto.

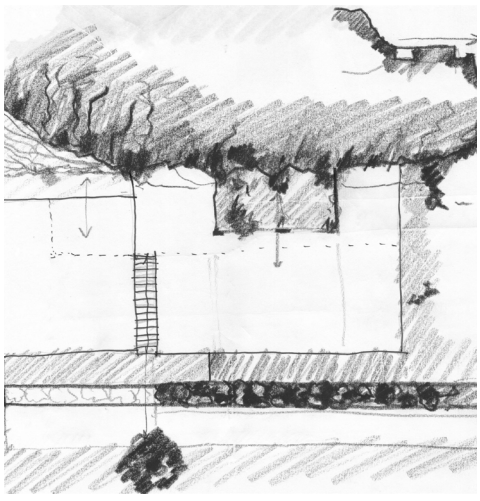
O desenvolvimento do projeto, desde o início do trabalho, conduziu a tempos de incerteza, feito de avanços e recuos que resultaram, por vezes, em propostas ingénuas. Contudo, não consideremos uma des-

---

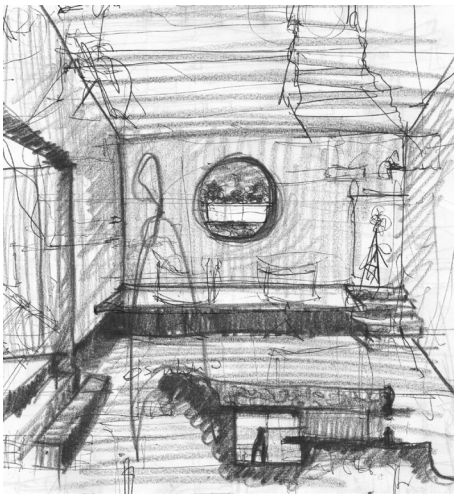
[61] Souto de Moura e Aldo Rossi, cit. In José Miguel Rodrigues, O Mundo Ordenado e Acessível das Formas em Arquitetura, Tradição Clássica e Movimento Moderno na Arquitetura Portuguesa: dois exemplos, Porto, Edições Afrontamento, 2013, p.321.



65



66



67

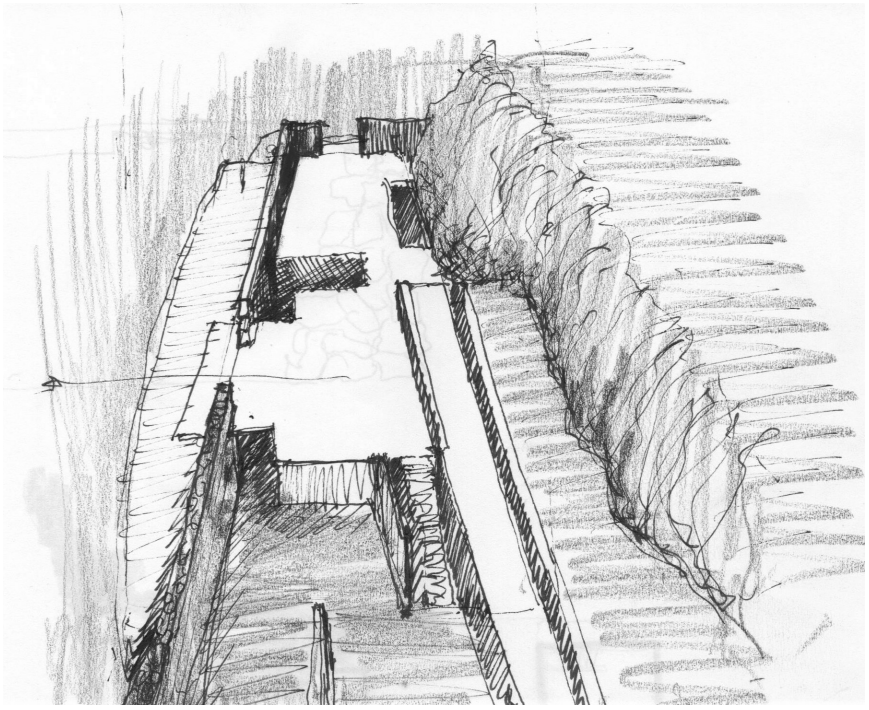
[Registo 65, 66, 67] Caderno de registos. Apontamentos sobre o desenvolvimento do projeto.

vantagem pois, foram todas estas incertezas que conduziram o trabalho e que possibilitaram diferentes *problemas-oportunidades* de projeto. Este percurso, no seu conjunto, levou a que o projeto e a sua reflexão através da teoria, traçassem um mesmo percurso, influenciando-se mutuamente nas decisões tomadas ao longo do processo de trabalho.

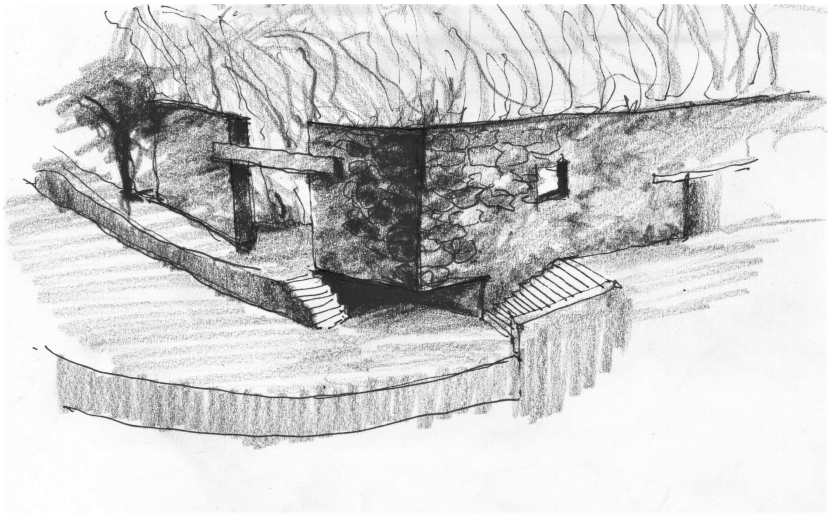
A interpretação desenvolvida no segundo capítulo demonstra, mais do que a condição em que o terreno se encontra, a capacidade de, através da sua identidade, das suas memórias e das características que lhe estão intrínsecas, receber novas vidas que (re)apropriem e transformem estes territórios. A incerteza inicial quanto à estratégia de intervenção, conduziu os temas de projeto no sentido de tentar perceber e (re)conhecer a importância da tradição e memória, e da paisagem na construção do território. Todo este processo foi moldando uma postura crítica, várias vezes questionada, como uma tentativa de colocar *em cima da mesa* hipóteses e ideias de projeto, com base na procura de uma ação de caráter experimental.

Uma vez que a parcela da nossa intervenção ocupa toda a extensão do terreno, procurámos que o projeto pudesse ser lido em três momentos ligados entre si, de forma a apropriar toda a extensão da parcela e ocupar os pontos que considerámos estratégicos e oportunos. O projeto quer ser lido como uma narrativa por meio do movimento do corpo sobre o espaço, sensibilizando a paisagem e cultura do lugar, com diferentes atmosferas espaciais e ambientais, permitindo uma absorção de diferentes sensações. Neste sentido, optámos por dividir o programa do projeto em três partes: a *Casa Experimental*, localizada no socalco de entrada no terreno; o *Percurso*, que permite a ligação entre os dois momentos situados em extremos opostos; e a *Casinha de Prazeres*, que procura ser o remate final do projeto. Contudo, e como já foi referido anteriormente, o grande propósito para a elaboração desta dissertação, foi a vontade por abrir um *espaço de projeto* possibilitando o desenvolvimento de uma casa experimental e, como tal, procurámos desenvolver este programa com maior cuidado, rigor e atenção, enquanto que os outros momentos do projeto desejam ser entendidos como uma aproximação, um gesto que pretende antecipar um entendimento e uma perceção de como poderia ser (re)conhecido e vivenciado todo aquele espaço do terreno, tendo em consideração todas as características que lhes são inerentes.

A ocupação de vários pontos singulares e estratégicos do terreno, permitiu a observação e um maior contacto, direto em algumas situações, com os vários elementos que protagonizam este lugar e que desenham e



68



69

[Registo 68, 69] Caderno de registos. Apontamentos sobre o desenvolvimento do projeto.

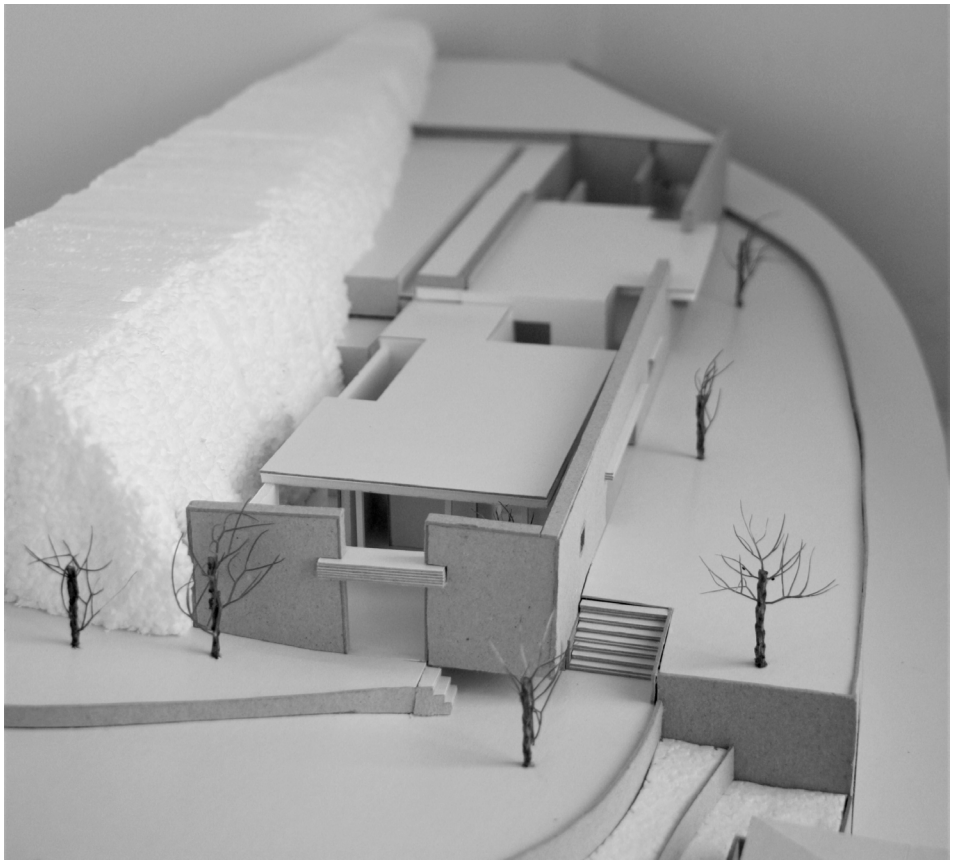
caracterizam a paisagem deste lugar. O programa é organizado dentro da paisagem e não em torno dela, uma consideração tectónica que permite que o espaço construído se torne num *espaço mental voltado para dentro*[62], cruzando a intemporalidade do tradicional com o conforto da modernidade, sem pôr em causa o passado e a história do lugar. Como refere o Arquiteto Paulo David, *pensar a arquitetura como prática ecológica, que subtrai mais do que acrescenta, que tem a capacidade de veicular um pensamento em negativo, de trazer o vazio para o centro da reflexão.*[63]

O programa da casa é algo que temos como tão pessoal e próximo e, como tal, a casa é um objeto de identificação pessoal e de construção no tempo, por parte de quem a vivencia, na qual o arquiteto tem o importante papel de enunciar possibilidades para que posteriormente possam ter lugar. O acesso à nossa casa faz-se de forma direta, através do Caminho do Lombo do Salão, e o seu programa desenvolve-se dentro do socalco, numa sucessão de espaços que seguem uma linha horizontal num sentido de Nascente para Poente, respetivamente, com um momento de chegada à casa e que termina com um pátio exterior que culmina os espaços da casa e que, ao mesmo tempo, antecipa o corpo para o seu movimento ao longo do *Percurso*. A proposta de uma sequência de variados espaços pretende ser potenciadora de um habitar próprio, pessoal e único, através de diferentes experiências, sensações e consequentes apropriações das diferentes atmosferas que existem dentro de uma habitação, ligando a arquitetura aos seus habitantes, ao lugar, à história e às memórias. Cabe à arquitetura projetar um conjunto de espaços distintos que, possibilitando o habitar, transcendam a noção do tempo, seja pelas memórias que evoca, seja pela experiência que provoca, num constante confronto com o real.

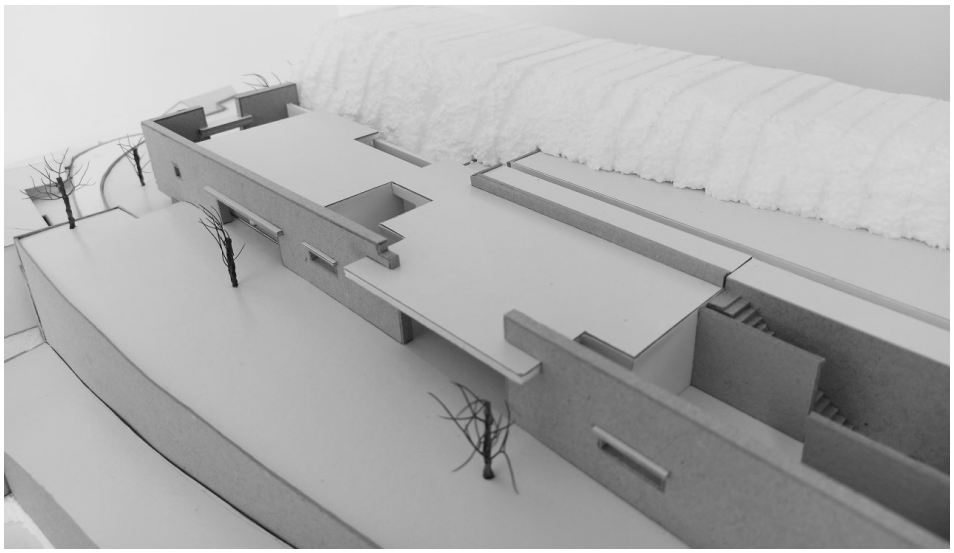
A escolha deste socalco para o desenho do volume da casa, foi motivada por uma simbiose entre preexistência – o muro do socalco -, natureza e construção, que revela também uma clara intenção de direcionar o olhar para o grande panorama paisagístico costeiro da ilha da Madeira. As próprias particularidades do socalco (desenho 3), como a sua dimensão e altura, sugeriam inserir o programa da casa no seu interior, contudo, com uma ocupação sensível, de forma a estar em constante diálogo com o socalco, ambicionando pertencer àquele sítio.

---

[62] Alusão ao Arquiteto Tadao Ando em *Genius Loci.*
[63] DA SILVA, João Gomes, "Paulo David: la arquitetura del mundo en cada lugar", in 2G – Paulo David nº 47, Barcelona, 2008.



70



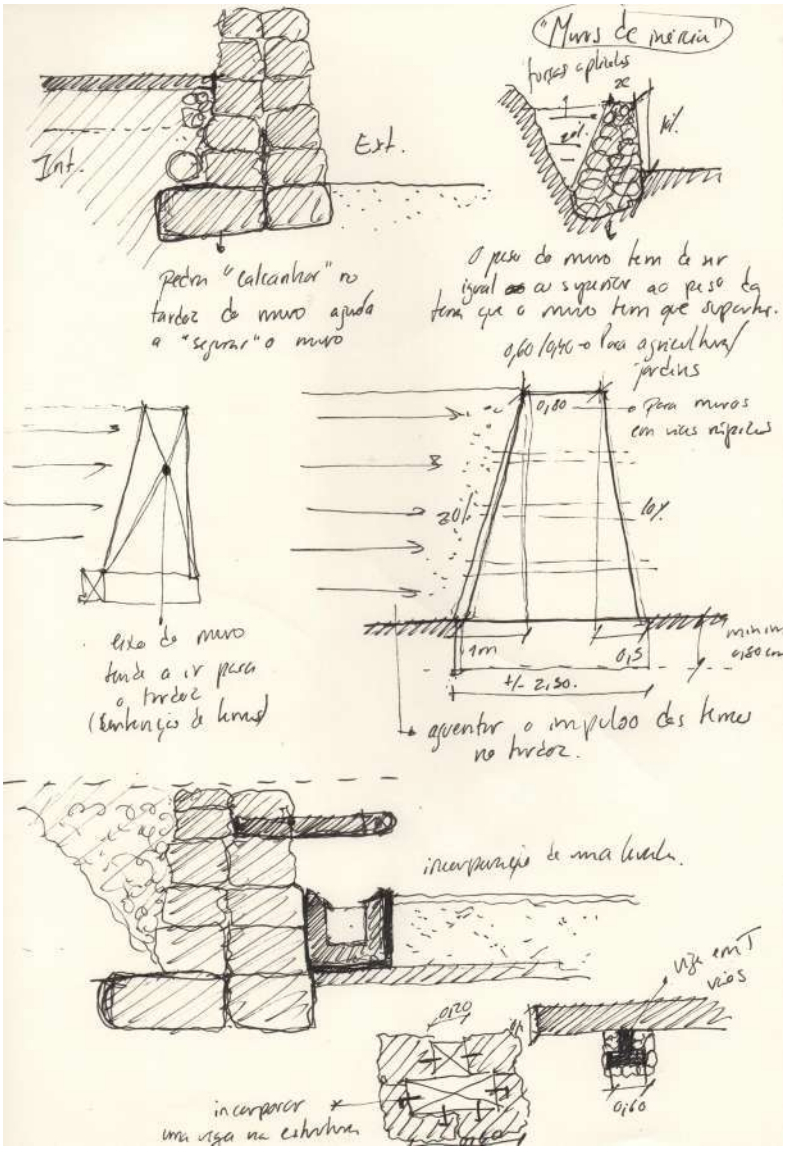
71

[Registo 70, 71] Maquete da proposta de intervenção. Perspetivas sobre a sucessão dos espaços do volume da casa. Escala 1/100.

Sabemos que todos os projetos que atuam sobre uma preexistência, seja ela mais ou menos construída, têm um caráter único. É uma evidência que resulta da própria natureza da intervenção, concreta, tangível, de forma e caráter que condicionam uma possível resposta. Percebemos que o socalco é, portanto, um importante vínculo que transporta consigo memórias de uma sociedade no tempo e na paisagem. Neste sentido, pretende-se agora entender que limites se revelam à sua continuidade enquanto instrumento que transporta história, cultura e conhecimento sem deixar, no entanto, de carregar respostas às necessidades do presente. A sua importância não deve, ainda assim, ser limitadora de desenvolvimento da proposta. A permanência e transformação poderão coexistir, e serão as necessidades do presente que, em grande parte, ditarão qual delas se afirmará com maior medida, pois não devemos esquecer que será sempre importante garantir a resolução dos problemas atuais no confronto e equilíbrio entre a tradição e os novos elementos contemporâneos. O objetivo desta intervenção não passa por ser uma ação que se sobreponha ao passado ou à identidade do lugar, mas que, com ele viva em comunhão, numa síntese integradora, embora com base num experimento.

A procura por uma implantação que entrasse em íntima relação com o *objeto-socalco* e com o lugar, sugeriu que o volume adotasse as características matéricas do socalco e tivesse uma presença mínima e sem grandes desequilíbrios. A solução volumétrica resultou, assim, num corpo de grande simplicidade que *habita* o socalco, como se este corpo se deixasse camuflar pelo muro, manifestando apenas a sua presença em elementos horizontais de betão pontuados no muro, que servem de estrutura na abertura dos seus vãos, e que permitem estabelecer uma relação de intimidade entre o artificial e o natural. O propósito de integrar este gesto de projeto de forma discreta no socalco, vai de encontro a uma vontade de manter fisicamente presente e de forma visível, a condição de temporalidade projetada no envelhecimento e transformação que estão impressos na dureza do basalto e no betão, aliando assim a simplicidade matérica à força do lugar e, acima de tudo, conduzindo à memória, a história e cultura de um lugar.

A casa pretende dissimular-se na paisagem, encontrando um local estratégico que permite o vislumbre panorâmico e uma melhor relação com a paisagem, sem se sobrepor ao volume. O plano de vidro da casa, recuado em relação ao muro, dissimula a casa e confere continuidade à paisagem existente, propondo um diálogo direto entre o novo e o preexistente, onde o muro é um elemento fundamental incluído no programa da casa. Na verdade, é este elemento que carrega uma ação transformadora do tempo com



72

[Registo 72] Caderno de registos. Apontamentos sobre pormenores do muro do socalco desenvolvidos ao longo do projeto.

o significado que lhe é dado pela passagem do próprio tempo, que serve de bitola para a intervenção que, nunca sendo total, e assumindo a sua vocação transformadora, é cúmplice ao representar a relação entre arquitetura e paisagem. O muro dá medida à intervenção, estabelecendo uma noção de calma e tranquilidade que, apesar de não ter um programa atribuído, está inscrito no projeto fazendo parte da paisagem em que a casa se insere e, estabelecendo também, uma relação com o ser humano que está dependente de uma consolidação na transformação em espaços confortáveis e aprazíveis. Esta noção prende-se com a necessidade de entender a relação íntima entre arquitetura e paisagem, aceitando que se transformam mutuamente. Contudo, torna-se necessário assumir que, tal como acontece na casa em Moledo, do Arquiteto Eduardo Souto de Moura, seria necessária a reconstrução do muro do socalco a partir das sugestões dos fragmentos no terreno de forma a permitir a implantação da casa no seu interior.

O arquiteto procura na relação entre arquitetura e natureza, o exemplo de um equilíbrio necessário para se alcançar o *palco supremo da arte, ou o silêncio das coisas.*[64] Podemos afirmar que o diálogo inicia-se com a transformação da natureza por parte da arquitetura para, posteriormente, a paisagem *manipular* a construção, resultando numa relação e convívio constante que termina numa contaminação recíproca, eliminando os limites e tornando-os num só. De facto, reconhecemos neste socalco a sua capacidade, enquanto dispositivo que confere regra à paisagem e enquanto guia e condicionante na sua continuidade, de dar forma a uma habitação que consiga responder às novas necessidades em ações pontuais de uma proposta que procura ser coesa.

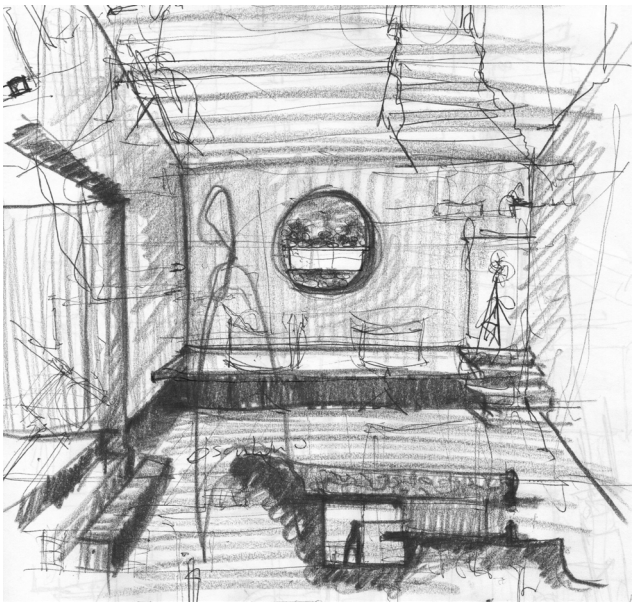
Neste terreno, onde tudo parece ser deixado ao passar do tempo, a ligação material entre o novo e o preexistente é um fator de grande importância na sua transformação, pela qualidade do diálogo entre os diferentes tempos materializados na paisagem. Procurou-se uma transição harmónica em que o novo e o antigo se identificam, sem se perturbarem. O betão, nas suas inúmeras possibilidades construtivas, surge como opção. Apesar da sua dureza característica, o betão é tido em conta pela sua expressão e plasticidade que procurámos aproximar com o existente, numa relação que procura ser feita de forma natural. Como contraponto à rudeza e cor do basalto, no interior da casa procurou-se um acabamento mais delicado e mais

---

[64] MOURA, Eduardo Souto de, 2G Revista internacional de arquitetura, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 1998, p.135



73



74

[Registo 73] O lugar de reunião familiar. Casa do Rabaçal, de Willem van de Poll, 1934.
[Registo 74] Caderno de registos. Apontamentos sobre o desenvolvimento do projeto.

suave, optando pelas paredes de pladur que, pela sua cor branca, conferem mais luminosidade no interior da casa, e por acabamentos em madeira de modo a proporcionar um ambiente mais confortável. O pavimento assume também dois materiais distintos: o pavimento autonivelante em betão polido nas zonas sociais e de circulação, e o soalho de madeira que confere o conforto necessário para os locais de repouso.

A distribuição funcional do programa da casa acontece de uma forma hierárquica, numa sequência de espaços, todos eles virados para sul. A entrada da casa é antecipada por um espaço exterior que recebe o habitante e o prepara para a entrada na mesma quando esta recua em relação ao muro do socalco, e possibilita ainda, o acesso à cobertura da casa. Ainda assim, uma vez que os espaços exteriores que estão presentes ao longo da casa procuram transportar atmosferas próprias e, por isso, tratando-se de um tema do projeto trabalhado com um cuidado especial e atento, será refletido e exposto mais à frente nesta dissertação, na *Produção Escrita Complementar: (por) uma Arquitetura Sensorial – a casa exterior*, com a ajuda de um pensamento de autores que se tornaram fundamentais nesta procura.

Os espaços comuns da casa foram pensados de forma a se relacionarem e se contaminarem, mas mantendo a sua independência e possibilitando diferentes ambientes. A parede que se encontra no centro das zonas sociais, é o elemento que faz a transição da sala de estar para a cozinha e sala de jantar, onde está embutida a lareira simbolizando a sua importância nas memórias e, por isso, faz com que esta ocupe o núcleo dos espaços sociais. A cozinha é pensada como a zona do convívio que tem no seu espaço, a função mais importante de uma casa, enquanto local de reunião, imaginação e criatividade. Por esta razão, procurámos atribuir a este espaço, uma ligação através da abertura de uma janela que estabelece uma relação visual e promove um diálogo com o pátio central da casa, numa espécie de prolongamento da sala de jantar para o exterior, onde o teto passa a ser pintado pelo azul do céu. A atenção tida em conta no desenho destes espaços vai de encontro às palavras do Arquiteto Alcino Soutinho, quando refere que o lugar de reunião da casa é *(...) o lugar da família, o lugar onde se reuniam as pessoas, onde havia a mesa. A mesa como um elemento de convívio que "corta" as pessoas e só deixa visível a parte de cima do corpo, que é o importante para esse convívio. A mesa de jantar*

---

[65] Alcino Soutinho cit. In Carlos Nuno Lacerda Lopes, Arquitetura e modos de habitar: Conversas com arquitetos, Porto, Edição CIAMH, 2012, p. 27.



75



76

[Registo 75] Maquete da proposta de intervenção. Perspetiva sobre o interior da casa. Escala 1/100.
[Registo 76] Maquete da proposta de intervenção. Perspetiva sobre o alçado que estabelece a ligação ao *Percurso* do projeto. Escala 1/100.

tem esse papel de congregar as pessoas e estabelecer essa relação.[65]

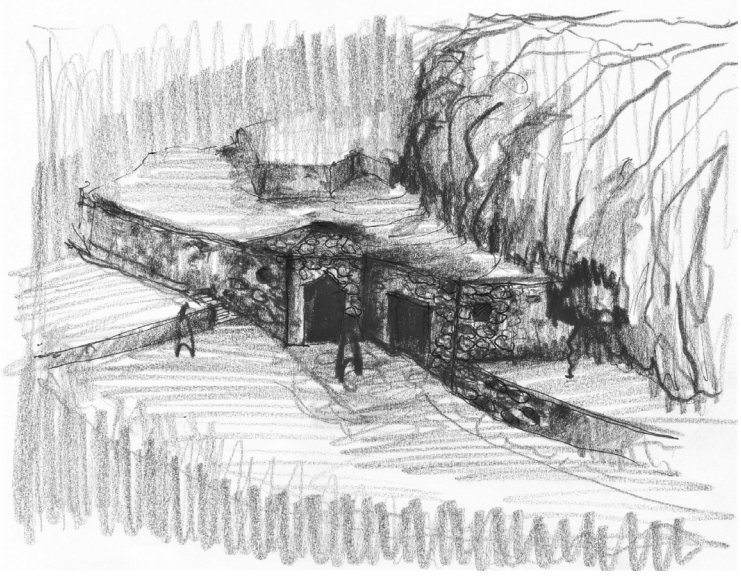
A ligação entre a zona social da casa e os espaços de repouso – zona dos quartos – é feita por um espaço de transição que vence o desnível de cotas da casa, consequência do próprio declive do socalco, permitindo baixar o pé-direito do espaço para anunciar ao habitante a entrada num espaço de maior privacidade. Este momento de transição estabelece uma relação visual com o pátio central e direciona o olhar para um pequeno vão no muro que permite o vislumbre sobre um ponto paisagístico do exterior, funcionando também, como um espaço de pausa que proporciona uma sensação de tranquilidade num momento de miragem sobre a envolvente. Pelo facto de os quartos se encontrarem a uma cota mais baixa, foi também possível o desenho de uns degraus que funcionam como um dispositivo que convida o corpo a se sentar e se encontrar ao nível do terreno, com a projeção do olhar sobre o oceano.

A cobertura da casa é acessível através de umas escadas que se encontram no pátio de receção à casa. A intenção de avançar a laje de cobertura da casa sobre o muro do socalco prende-se pela vontade de transportar para o projeto, o conceito das *estruturas-mirante* espalhadas pelo território madeirense, que carregam uma memória e um significado que é sensível e, portanto, será também um tema a ser abordado na *Produção Escrita Complementar: casa-Mirante*. Neste sentido, foi atribuído a esta cobertura um caráter e qualidade de uma plataforma panorâmica que se projeta sobre o grande palco paisagístico deste lugar. Procurámos obter um projeto que propunha espaços com diferentes características, mais do que promover uma resposta a funções específicas, através da combinação de diversos ambientes espaciais com o muro e a paisagem sempre presentes, conferindo um equilíbrio entre *miradouro* e *refúgio* e possibilitando a observação do mundo envolvente, enquanto serve de espaço de inclusão.

Pela procura de valorizar o caráter do lugar, optámos por não encerrar o terreno nos seus limites com qualquer muro ou vedação, permitindo uma permeabilidade física e visual. A vegetação e o conjunto arborizado e de cultivo foram também mantidos quase na íntegra de toda a extensão do terreno, garantindo a conservação do caráter paisagístico do lugar. O momento do *Percurso* torna-se num complemento indispensável que permite a experiência sensorial e natural do lugar na sua completa essência, valorizando a relação entre o Homem e a Paisagem. O percurso é um elemento de união e continuidade, um lugar de passagem, de repouso, de (re) encontro com a natureza, que pretende estabelecer uma ligação entre dois pontos. A deslocação pelo terreno desperta uma história, uma narrativa



77



78

[Registo 77] Maquete do terreno do Socalco. Perspetiva sobre a ligação do *Percurso* até às Grutas. Escala 1/200.
[Registo 78] Caderno de registos. Apontamentos sobre o desenvolvimento do projeto.

que participa na construção de experiências paisagísticas de proximidade e de contacto com o espaço. Trata-se de um percurso contemplativo guiado pela intuição do corpo, utilizando a sensibilidade sensorial para registar uma primeira impressão e potenciar uma experiência genuína do lugar.

Na evolução da proposta, o valor do percurso é encarado como um elemento potenciador da paisagem, que convida à deambulação do corpo numa variedade de ambientes, deixando se levar numa série de emoções promovidas pelos elementos e características naturais do terreno, que culmina na chegada ao último momento do projeto, a *Casinha de Prazeres*. O intuito de inserir esta parte do projeto dentro das grutas permitiu recuperar a memória dos muros rochosos esculpidos e escavadas nos seus interiores, assumindo-as desde o início, como potencial referência para o entendimento do projeto. O programa dedicado a esta *Casinha* passa por ser um espaço de convívio, um abrigo que apela à reunião e união de pessoas, como um momento de lazer e repouso após uma atividade ligada à agricultura, e uma zona anexa de arrumos para o suporte e promoção destas atividades agrícolas, cada vez mais deixadas ao abandono.

O desenvolvimento deste projeto procurou uma profunda e significativa relação entre permanência e transformação, potenciando a continuidade de uma tradição, de memórias e identidade, sem deixar de as sujeitar a uma atualização para responder a necessidades do presente, e a fazer refletir uma urgência na imaginação como um complemento à realidade que habitamos.

[2] Produção Gráfica

Estas são sempre as casas.
E se vamos morrer nós mesmos,
espantamo-nos um pouco, e muito, com tais arquitetos
que não viram as correntes infindáveis
das rosas, ou das águas permanentes,
ou um sinal da eternidade espalhado nos corações
rápidos.
Que fizeram estes arquitetos destas casas, eles que vagabundearam
pelos muitos sentidos dos meses,
dizendo: aqui fica uma casa, aqui outra, aqui outra,
para que se faça uma ordem, uma duração,
uma beleza contra a força divina?

Herberto Hélder, *Poesia Toda (1953-1980)*, Lisboa, Assínio e Alvim, 1981, p.14.

- Lista dos Desenhos -

Desenho 01 - Planta de Localização. Escala 1/100. 129
Desenho 02 - Conjunto de Perfis do Terreno do Socalco. Escala 1/500. 130
Desenho 03 - Planta e Perfil do Socalco antes da intervenção. 131
Desenho 04 - Planta de Implantação. 132

(A Casa Experimental)

Desenho 05 - Planta do Piso Térreo. 133
Desenho 06 - Alçado Sul. 134
Desenho 07 - Perfil Longitudinal A. 135
Desenho 08 - Perfil Longitudinal B. 136
Desenho 09 - Perfil Longitudinal C. 137

(As Grutas)

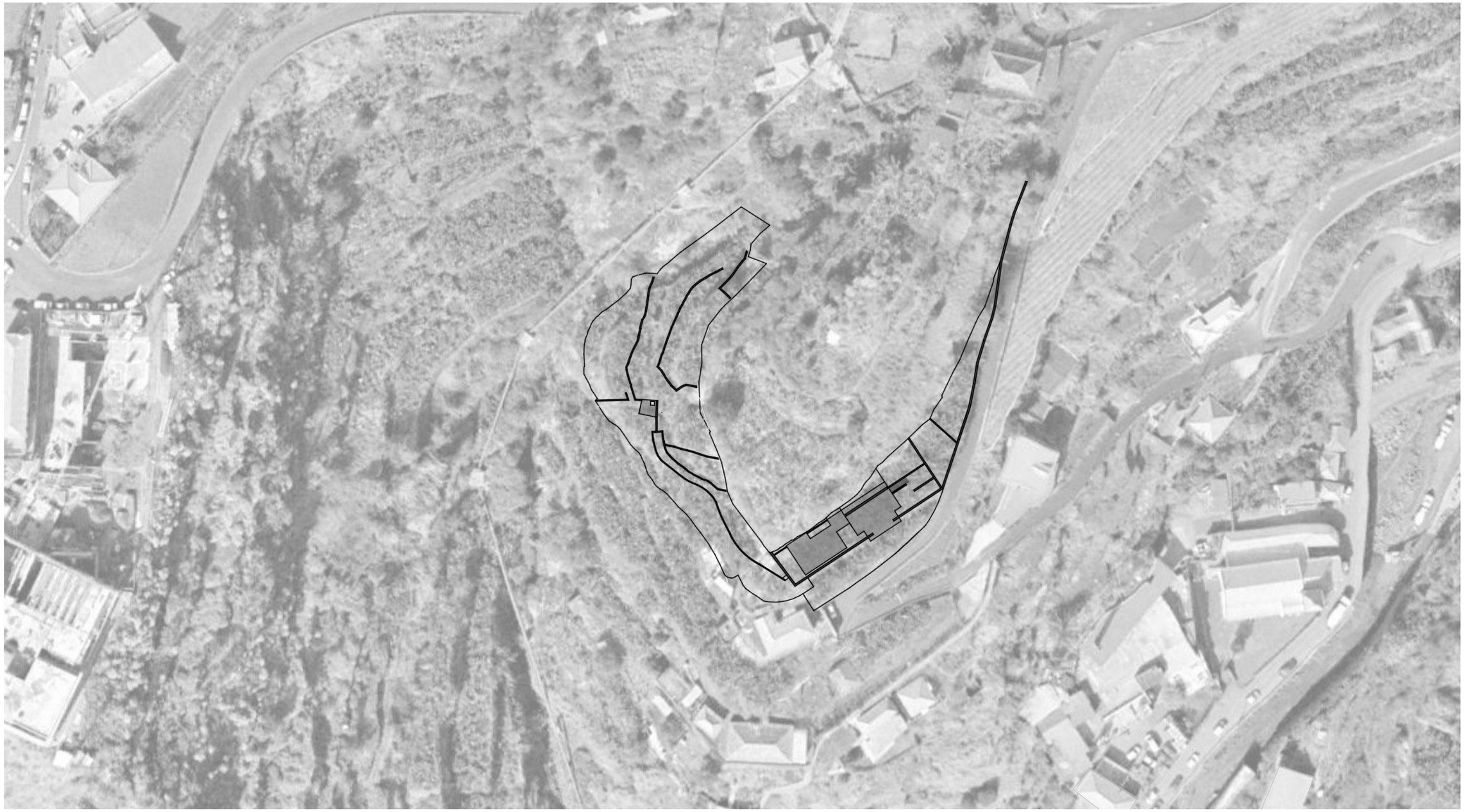
Desenho 10 - Planta do Piso Térreo. 138
Desenho 11 - Perfil A. 139
Desenho 12 - Perfil B. 140
Desenho 13 - Perfil C. 141
Desenho 14 - Perfil D. 142

(Escala 1/50)

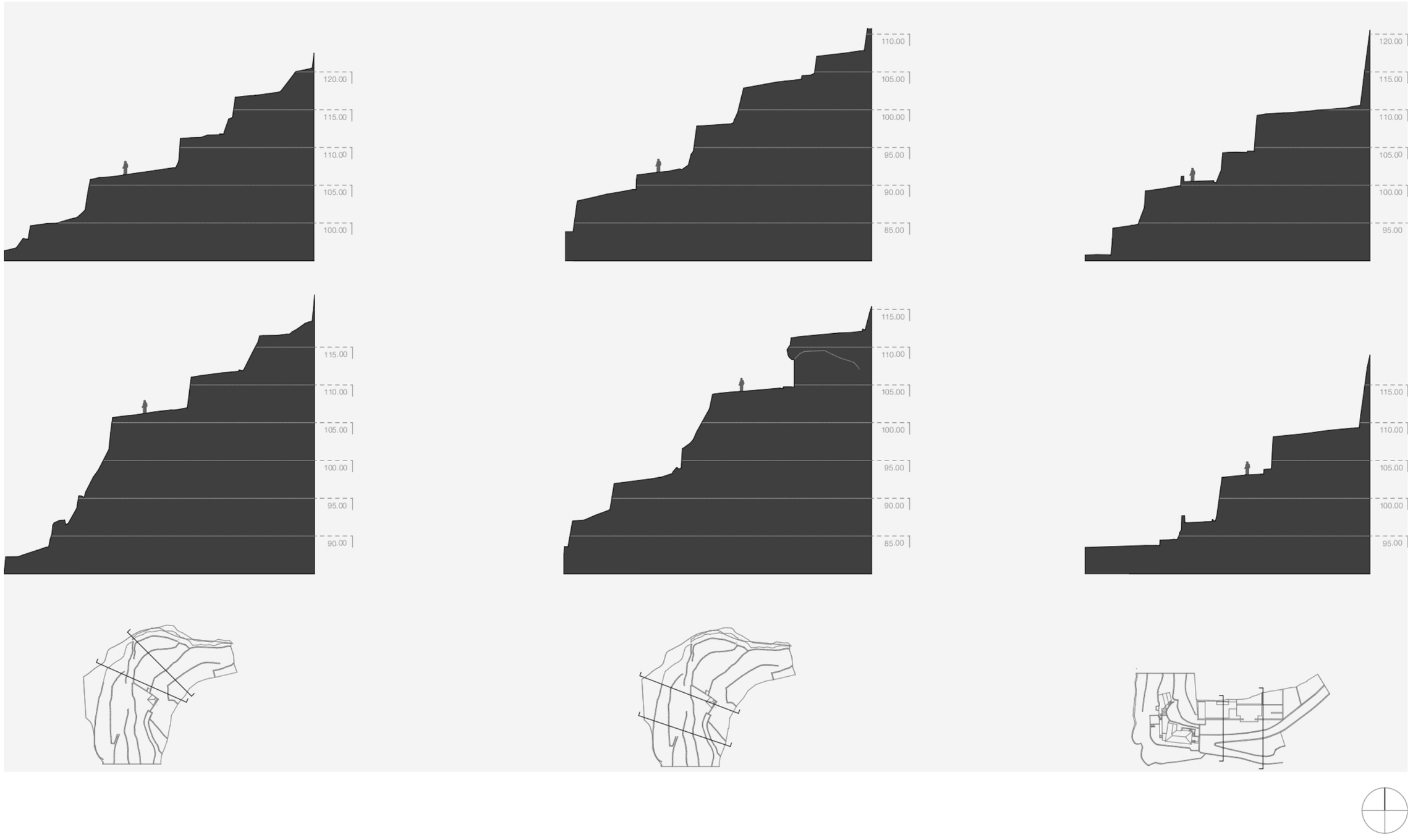
Desenho 15 - Planta das Zonas Sociais. 143
Desenho 16 - Perfil Transversal A-A'. 144
Desenho 17 - Perfil Transversal B-B'. 145
Desenho 18 - Planta da Zona dos Quartos. 146
Desenho 19 - Perfil Transversal C-C'. 147
Desenho 20 - Perfil Transversal D-D'. 148

(Os Pátios)

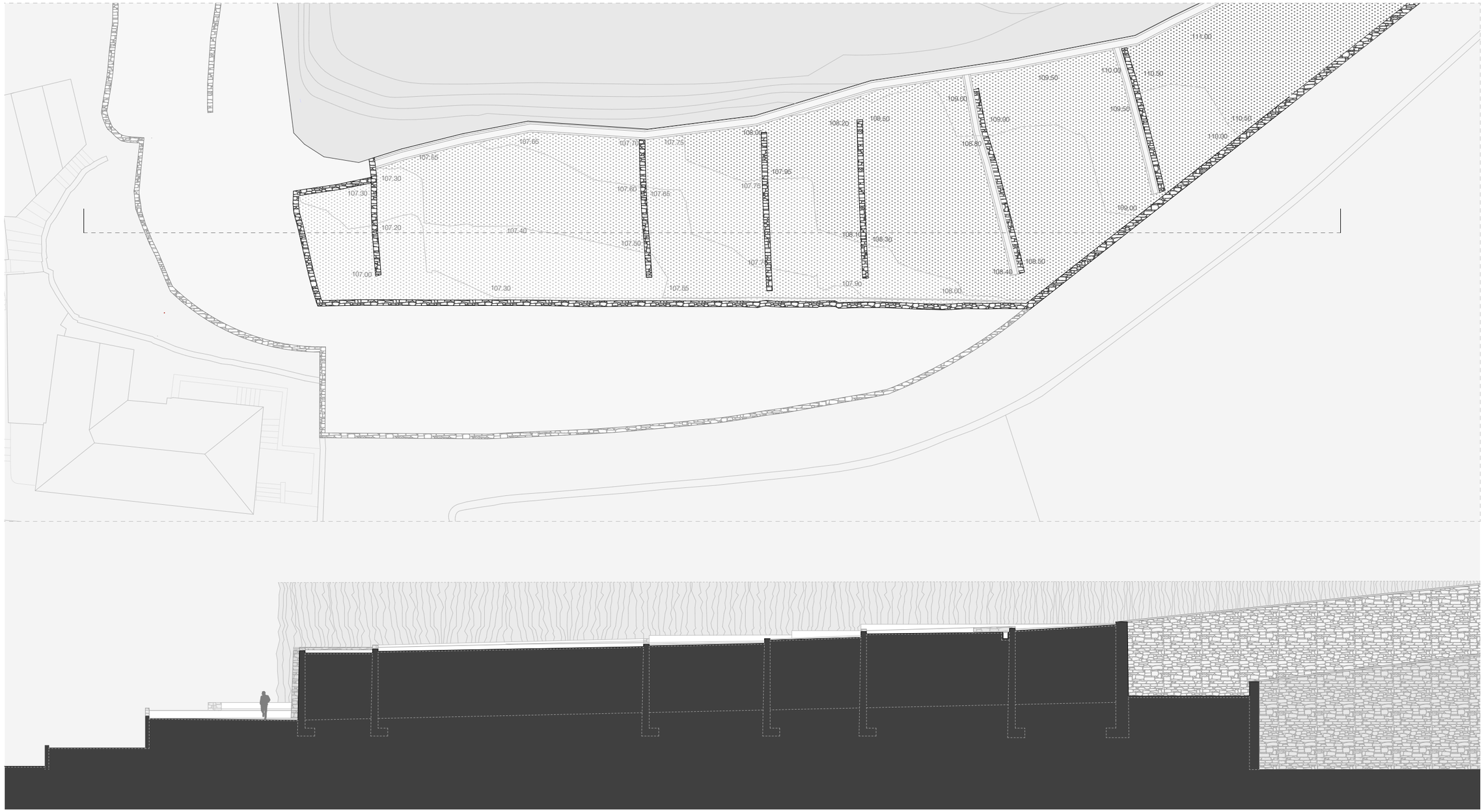
Desenho 21 - Perfil Transversal do Pátio 1. 149
Desenho 22 - Perfil Longitudinal do Pátio 1. 150
Desenho 23 - Perfil Transversal do Pátio Central. 151
Desenho 24 - Perfil Longitudinal do Pátio 3. 152
Desenho 25 - Perfil Transversal do Pátio 3. 153
Desenho 26 - Alçado Poente. 154



[Desenho 1] Planta de Localização. Escala 1/1000.



[Desenho 2] Conjunto de Perfis do Terreno do Socalco. Escala 1/500.



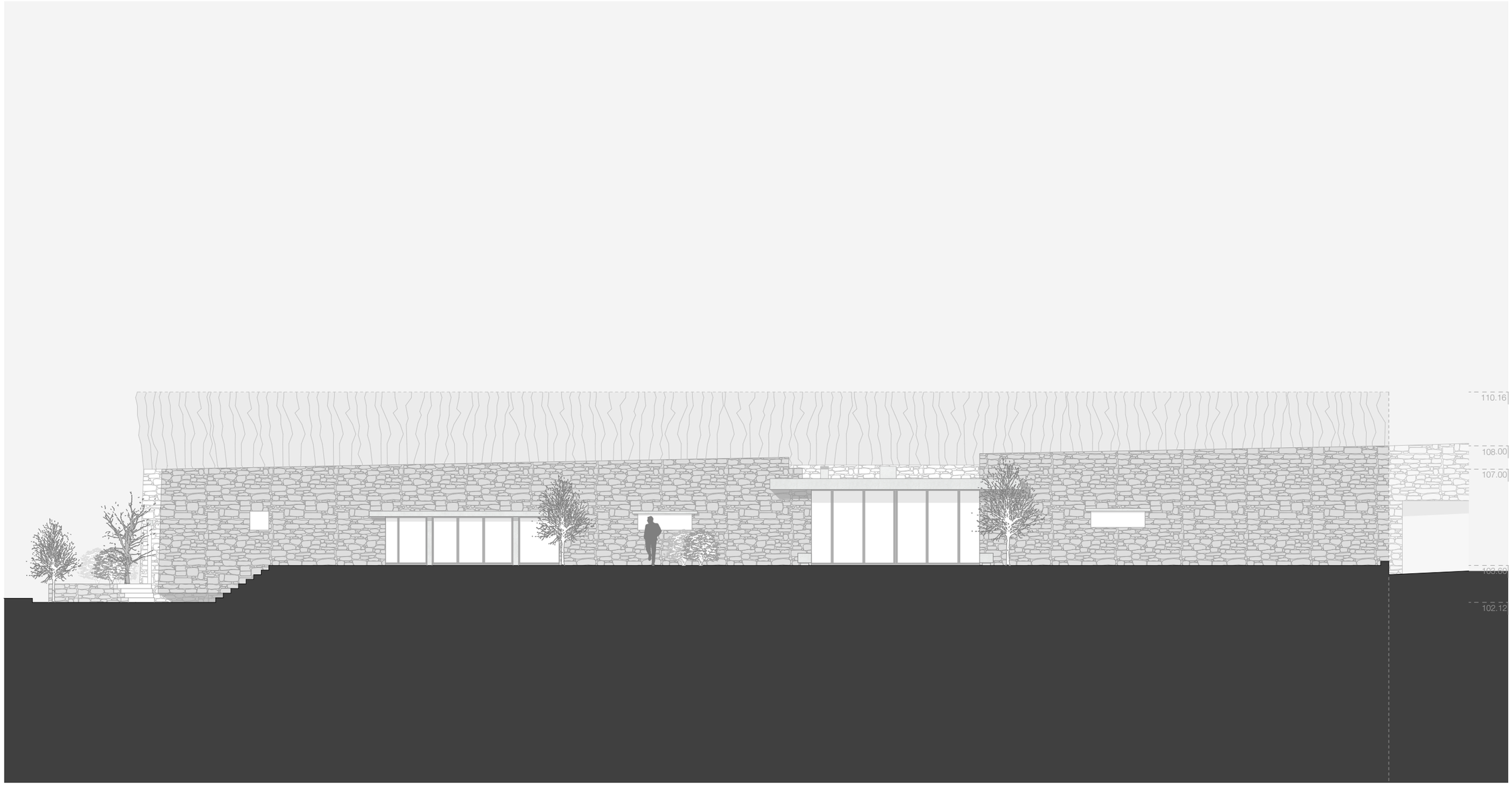
[Desenho 3] Planta e Perfil do Socalco antes da intervenção.



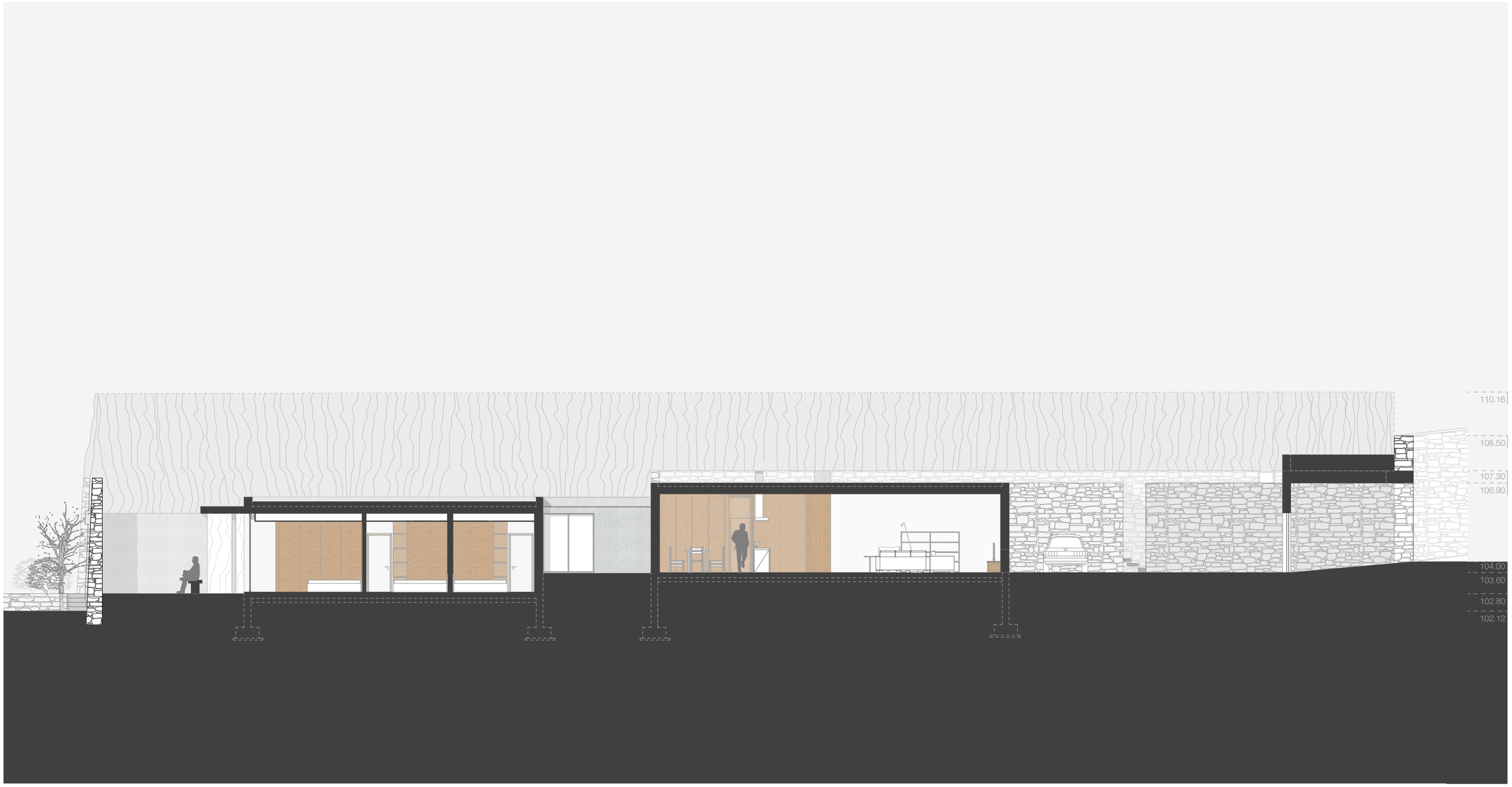
[Desenho 4] Planta de Implantação.



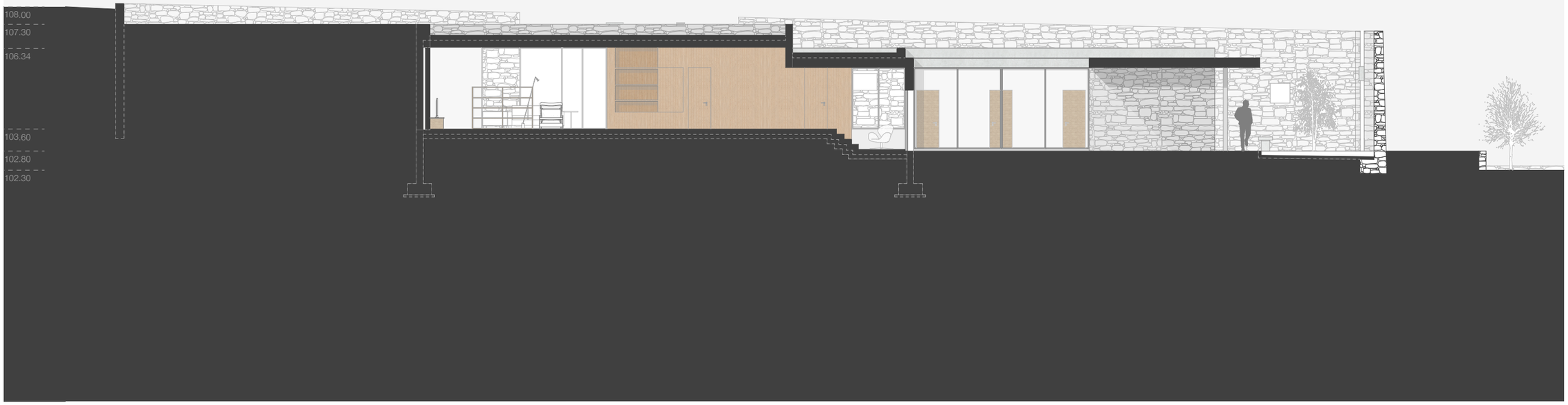
[Desenho 5] Planta do Piso Térreo.



[Desenho 6] Alçado Sul.



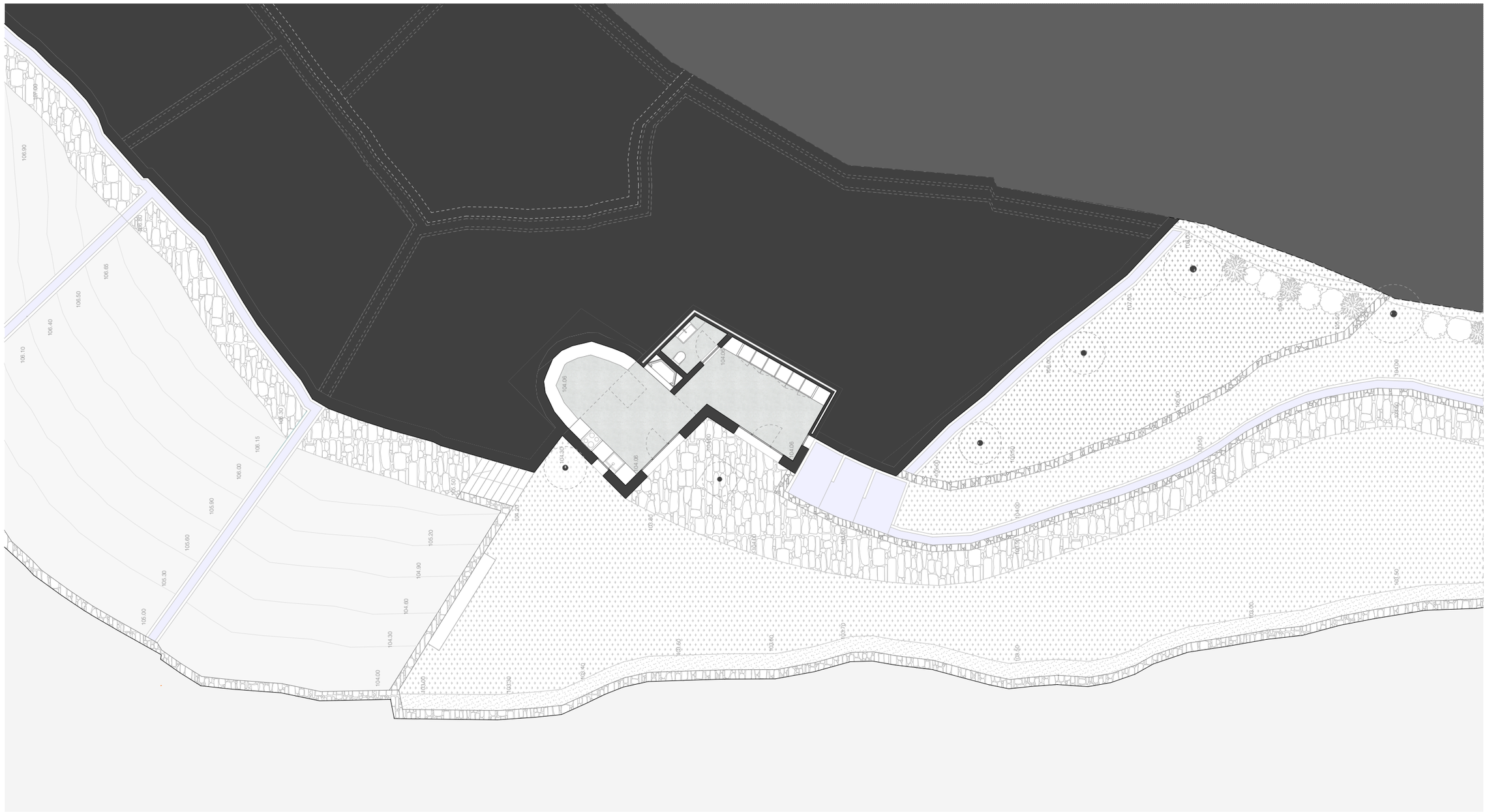
[Desenho 7] Perfil Longitudinal A.



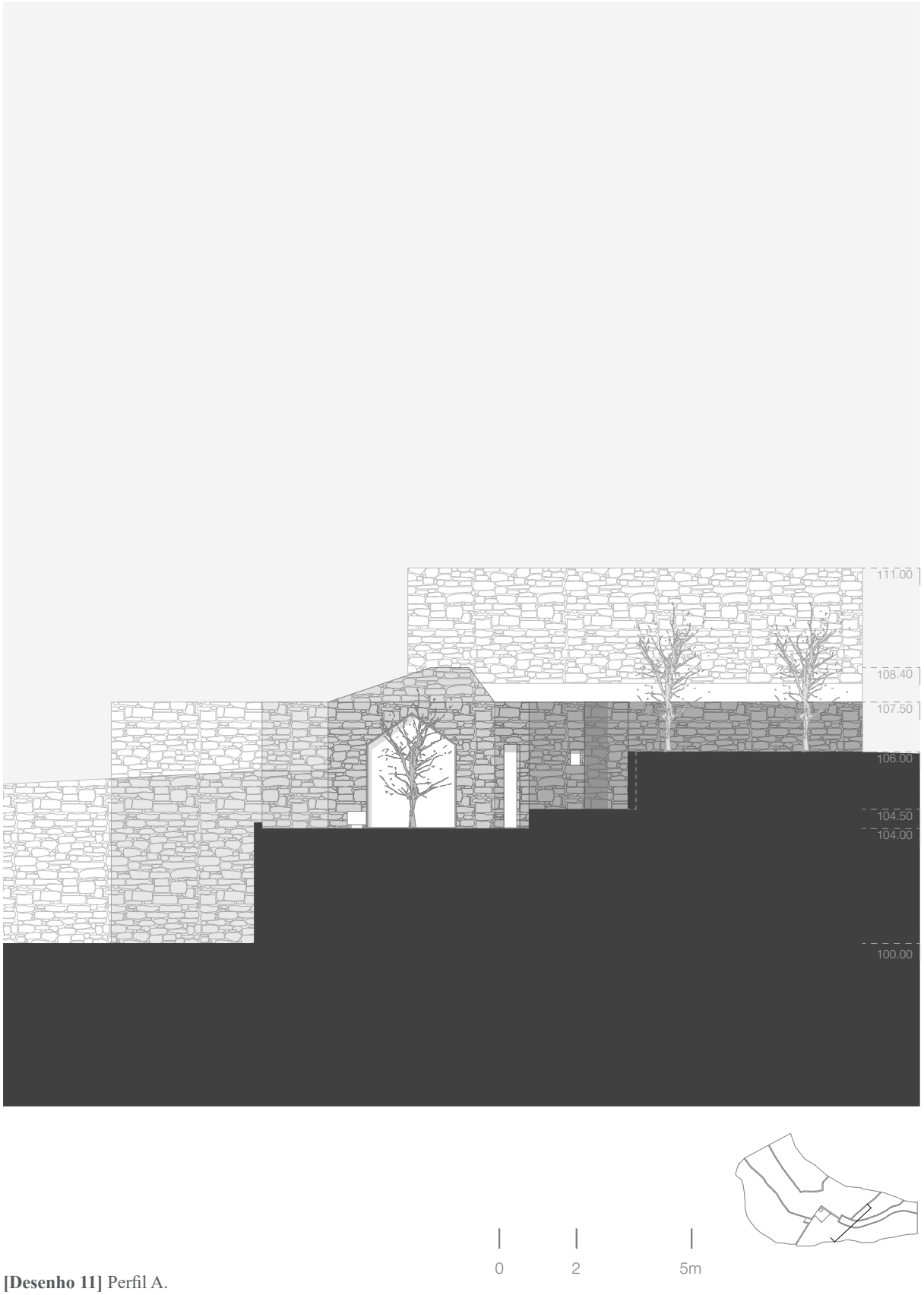
[Desenho 8] Perfil Longitudinal B.



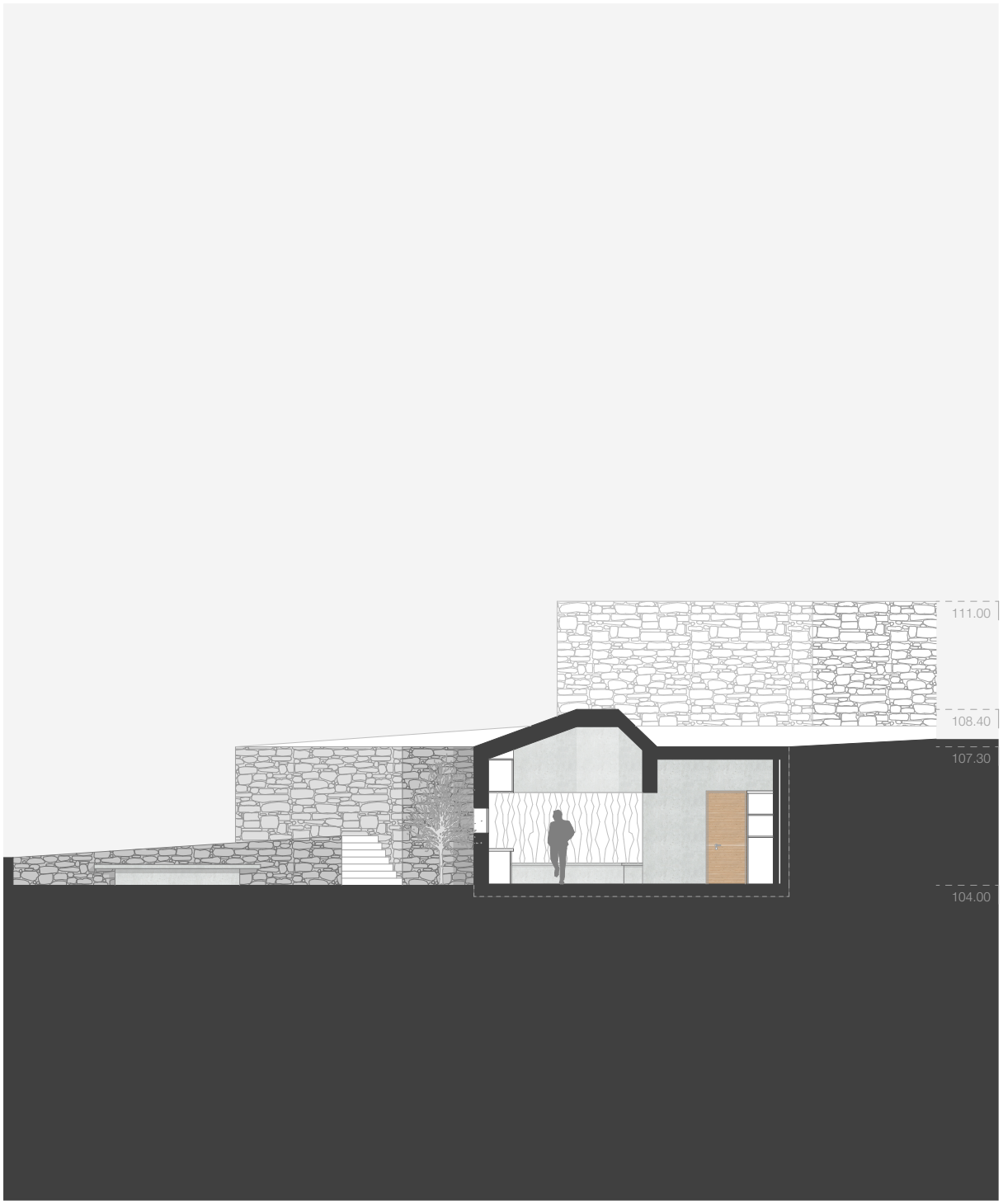
[Desenho 9] Perfil Longitudinal C.



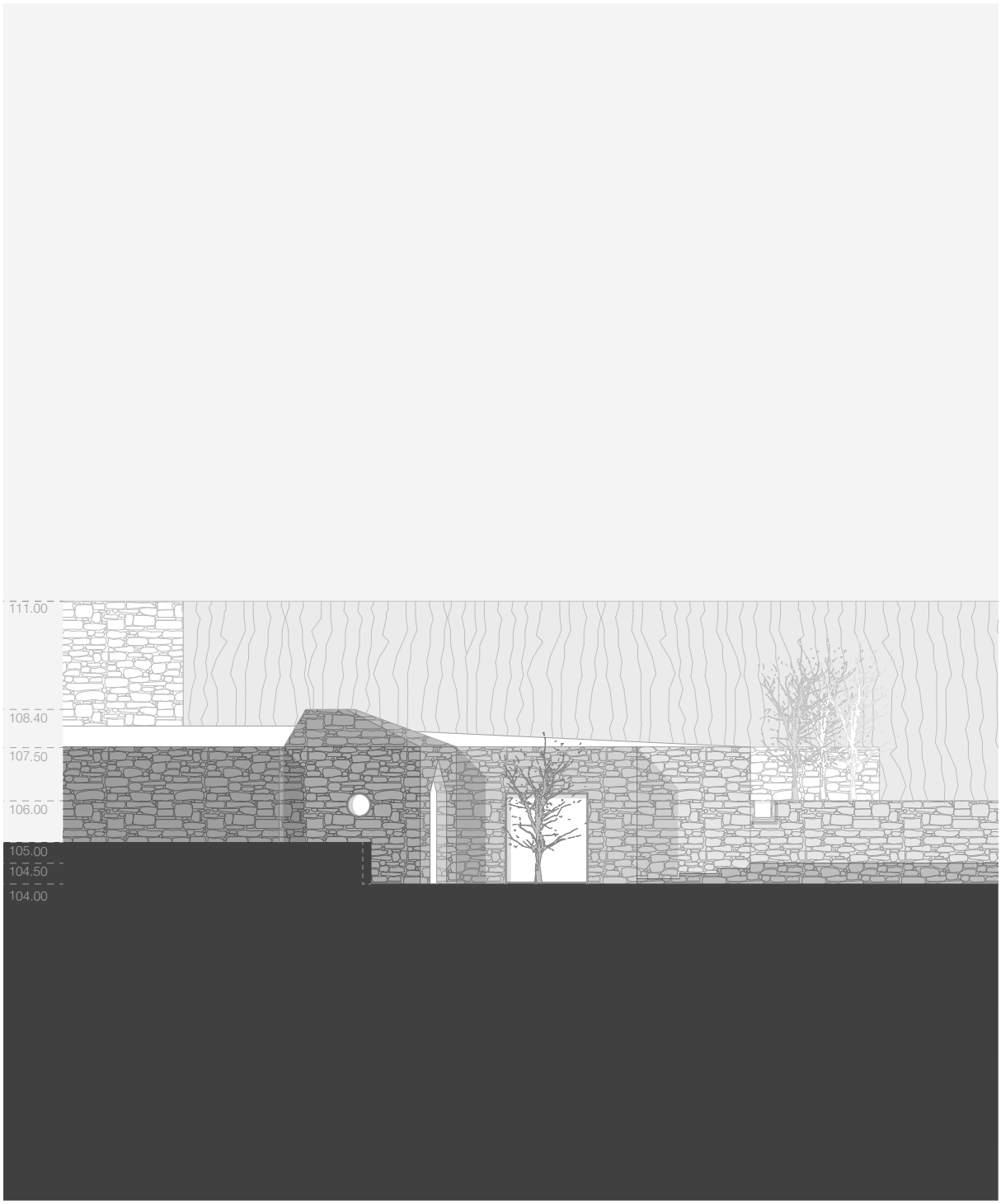
[Desenho 10] Planta do Piso Térreo.



[Desenho 11] Perfil A.



[Desenho 12] Perfil B.



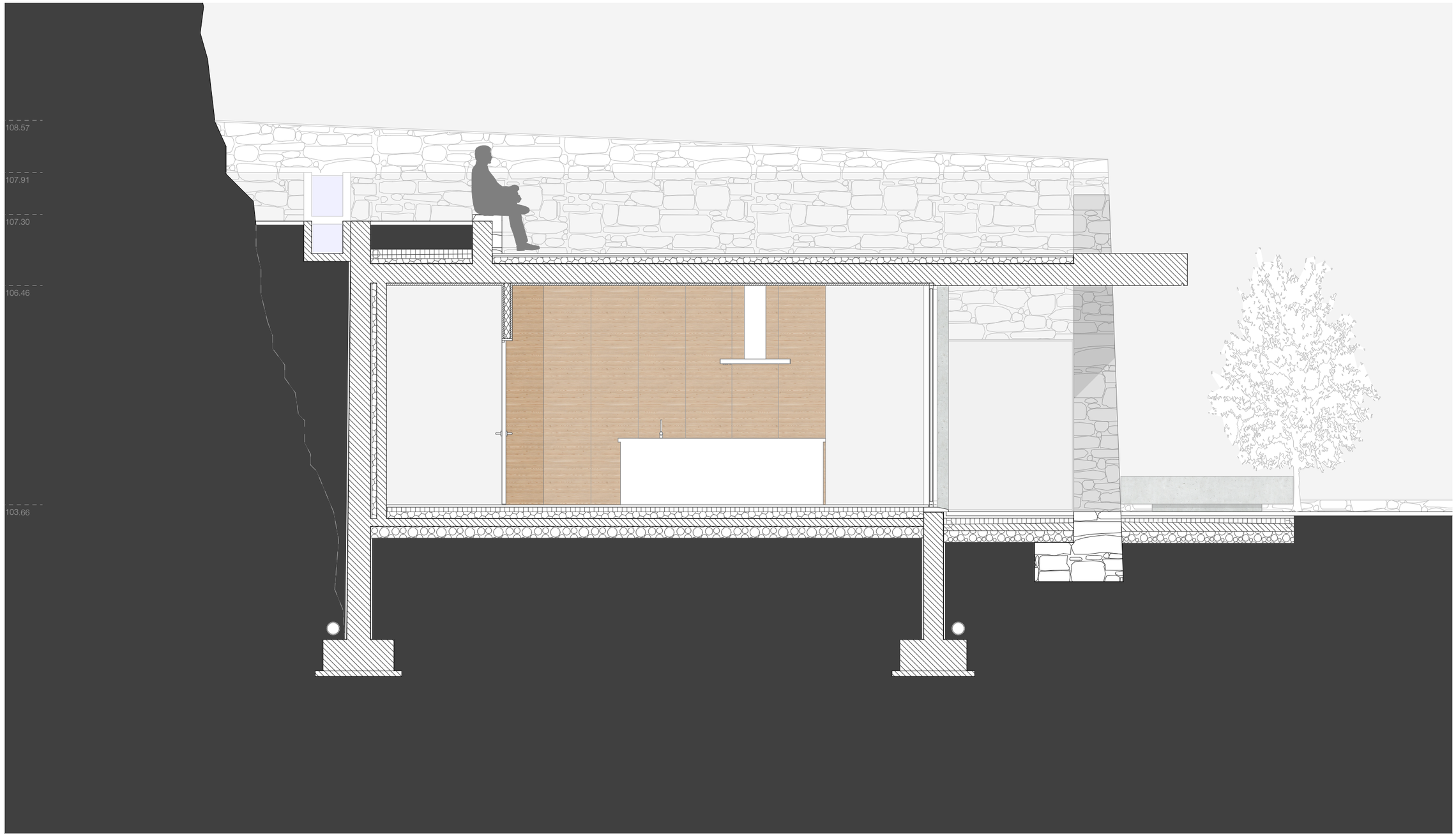
[Desenho 13] Perfil C.



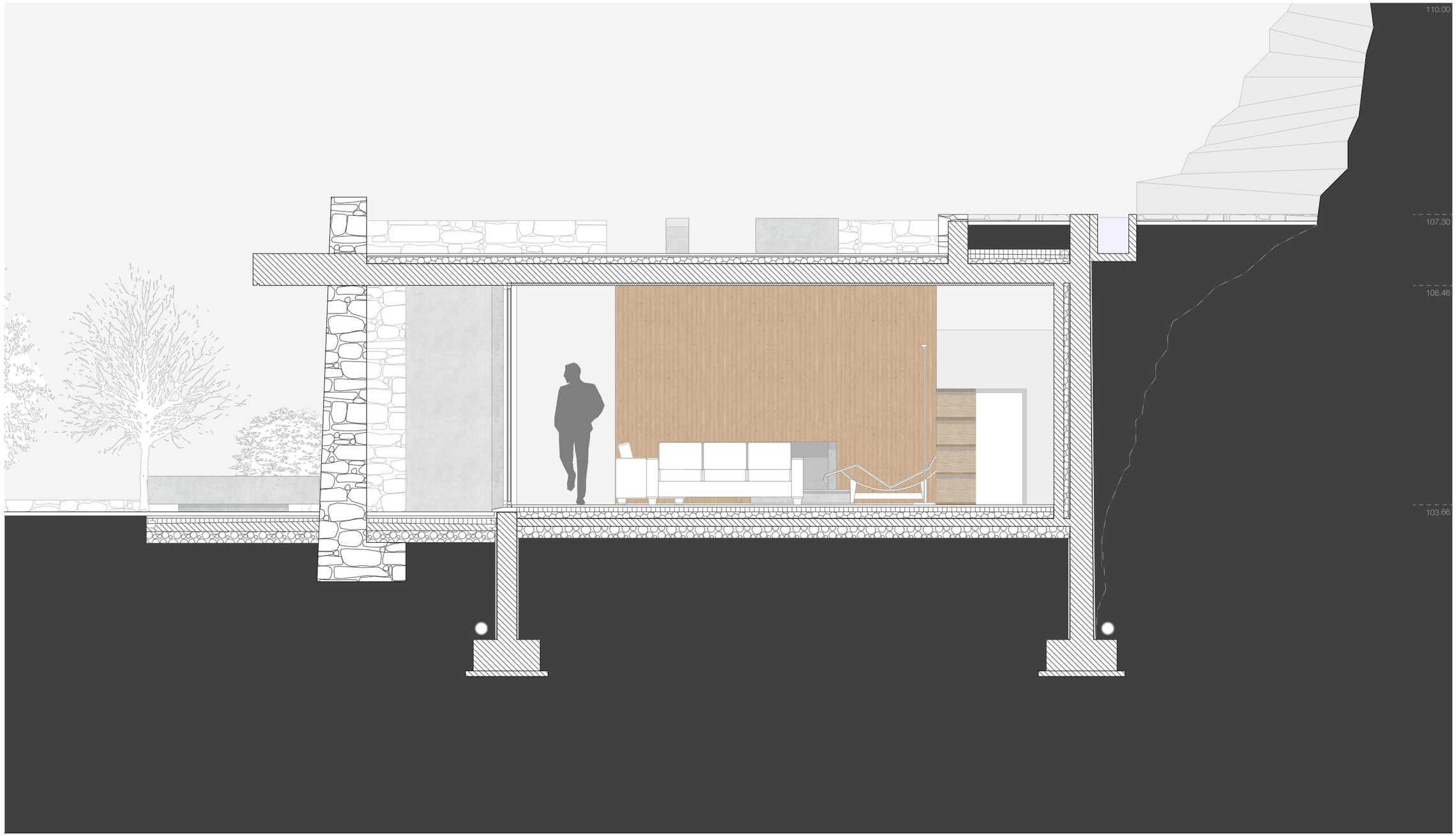
[Desenho 14] Perfil D.



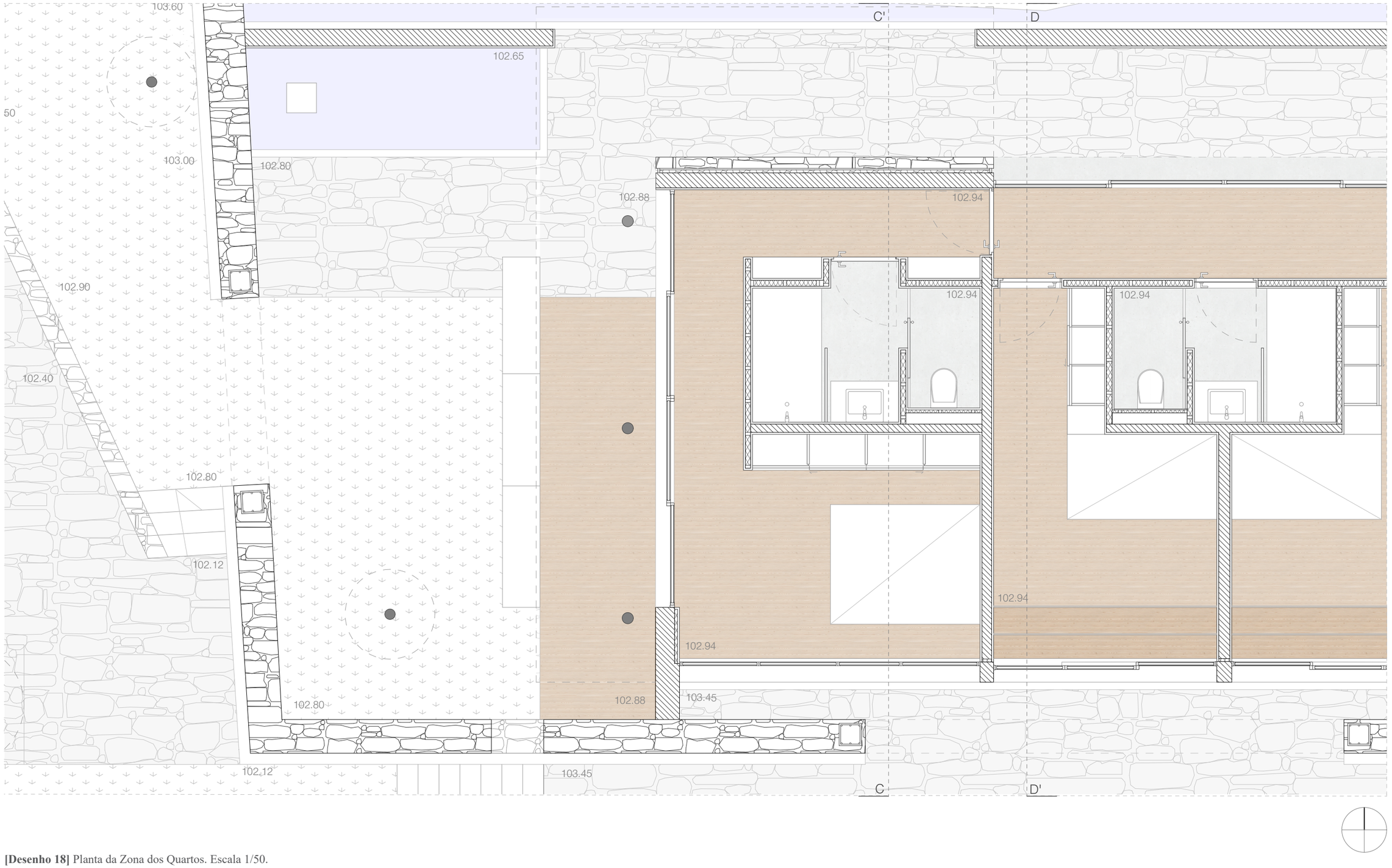
[Desenho 15] Planta das Zonas Sociais. Escala 1/50.



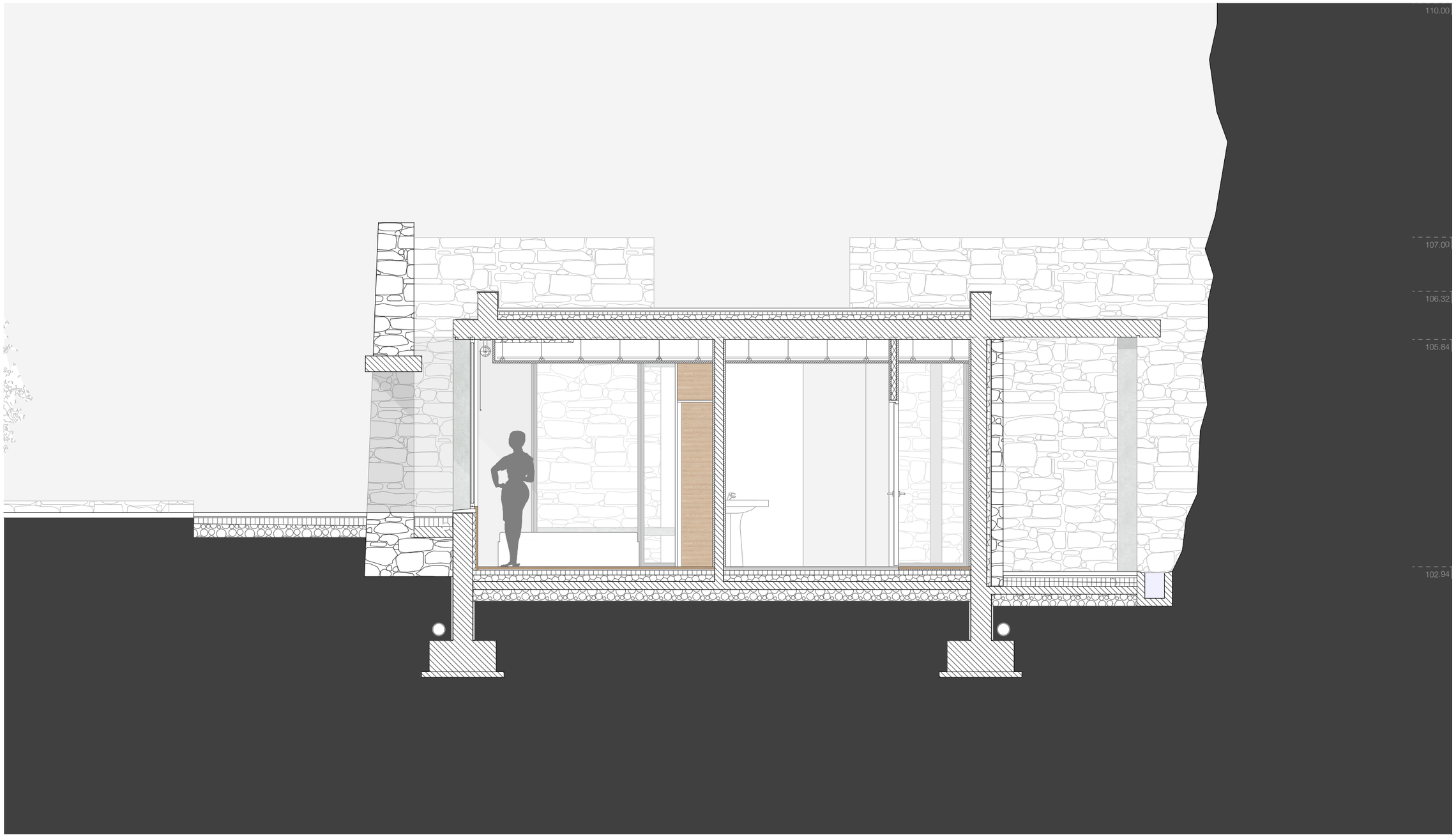
[Desenho 16] Perfil Transversal A-A'. Escala 1/50.



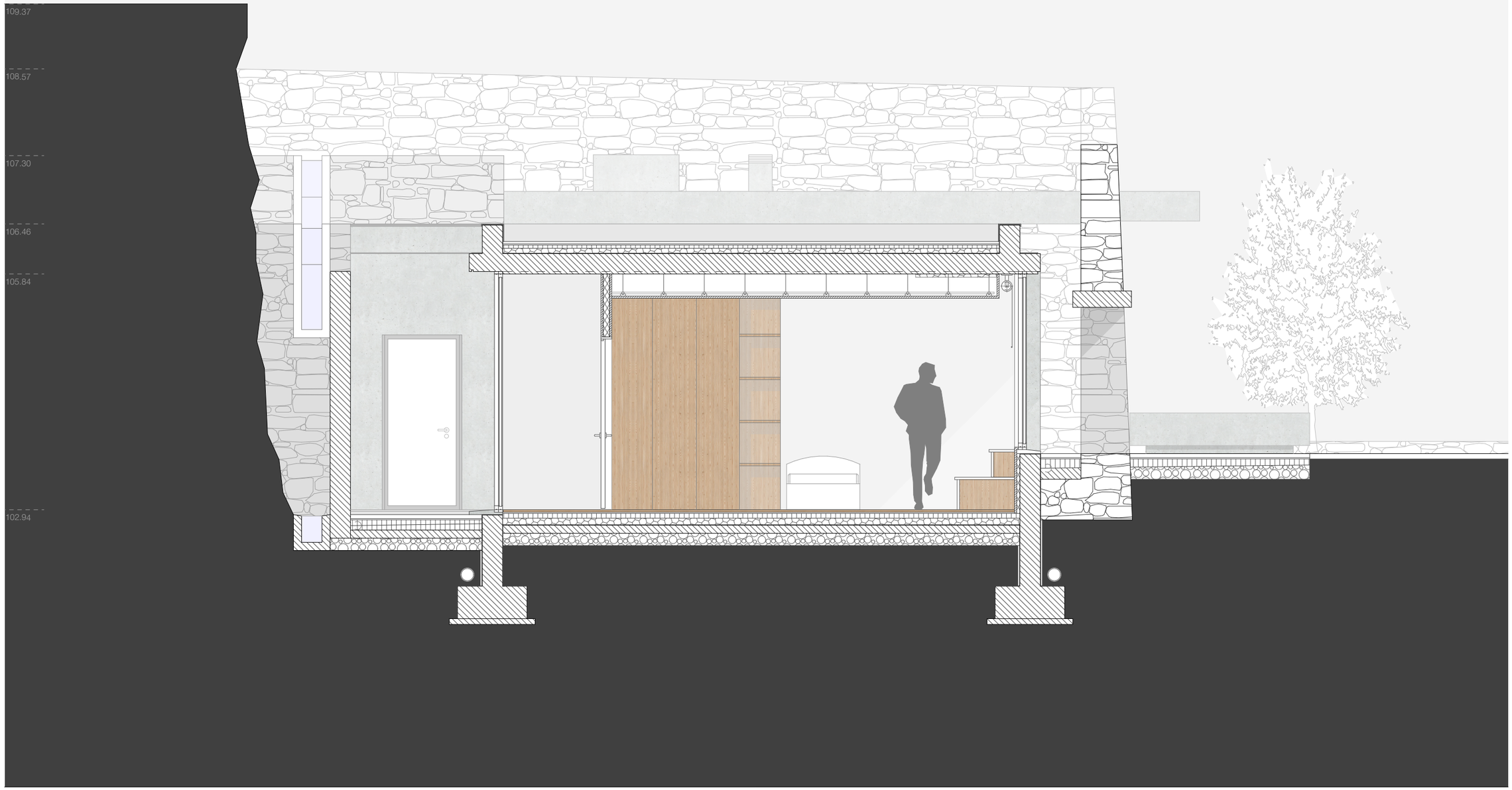
[Desenho 17] Perfil Transversal B-B'. Escala 1/50.



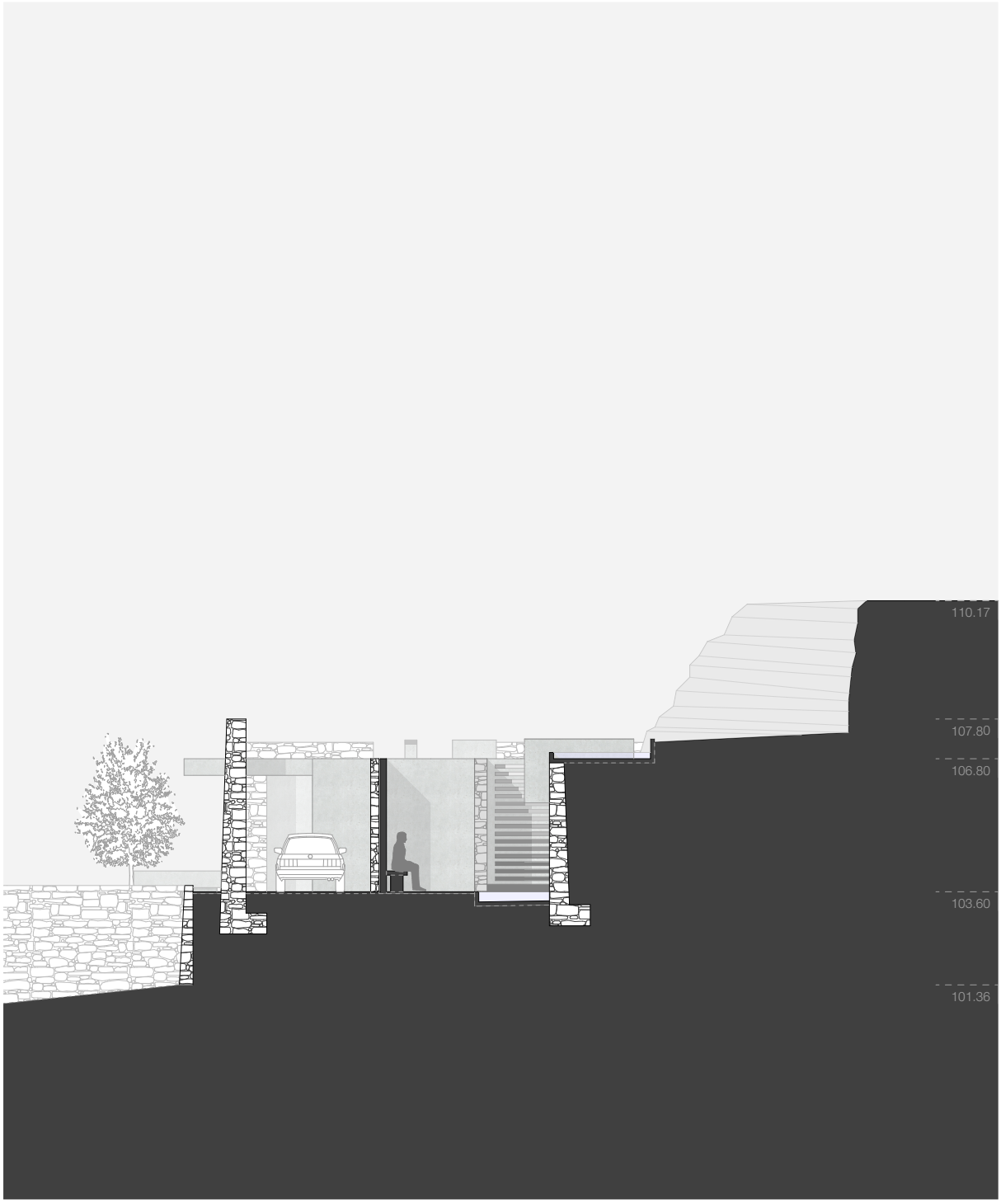
[Desenho 18] Planta da Zona dos Quartos. Escala 1/50.



[Desenho 19] Perfil Transversal C-C'. Escala 1/50.



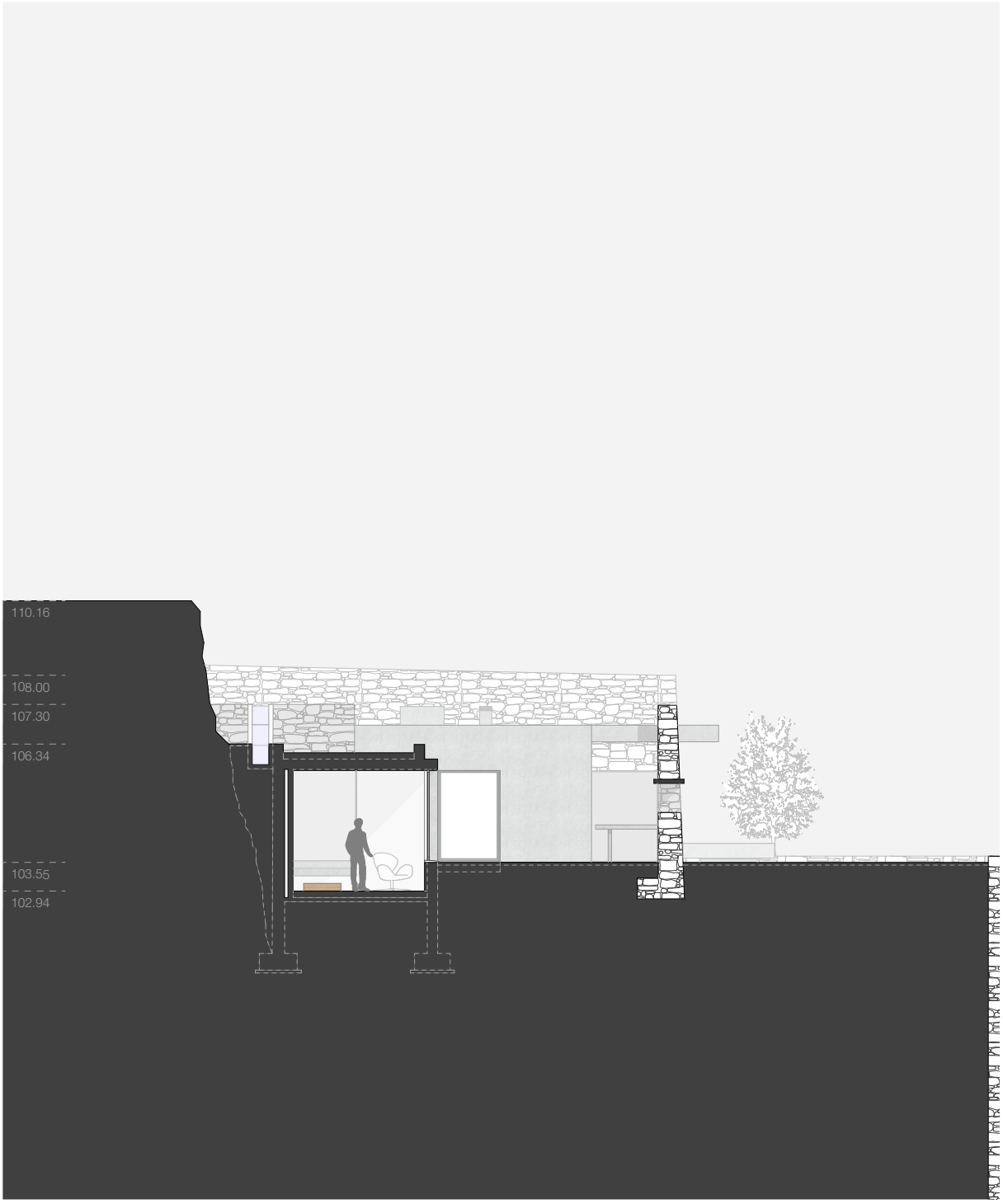
[Desenho 20] Perfil Transversal D-D'. Escala 1/50.



[Desenho 21] Perfil Tranversal do Primeiro Pátio.



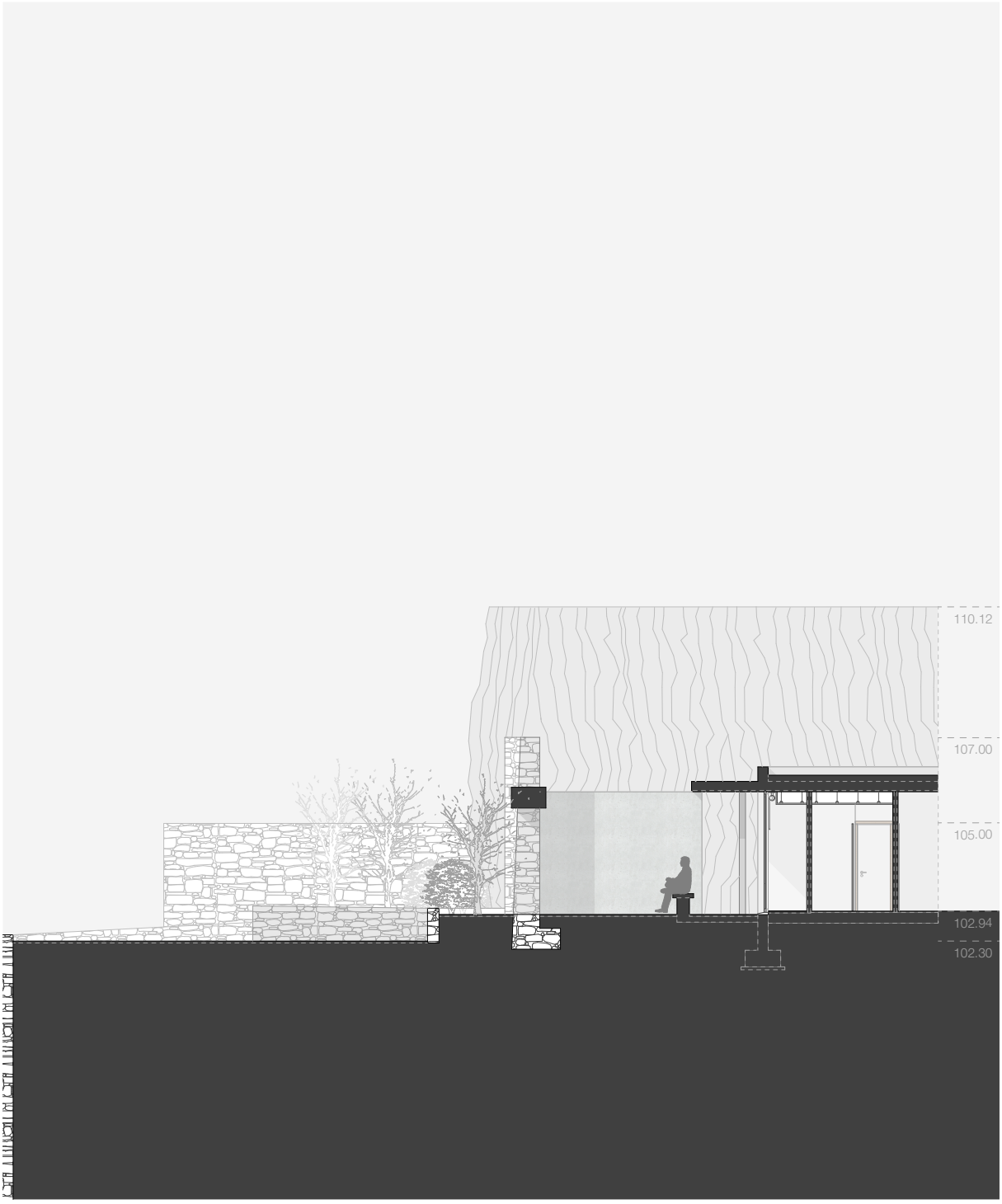
[Desenho 22] Perfil Longitudinal do Primeiro Pátio.



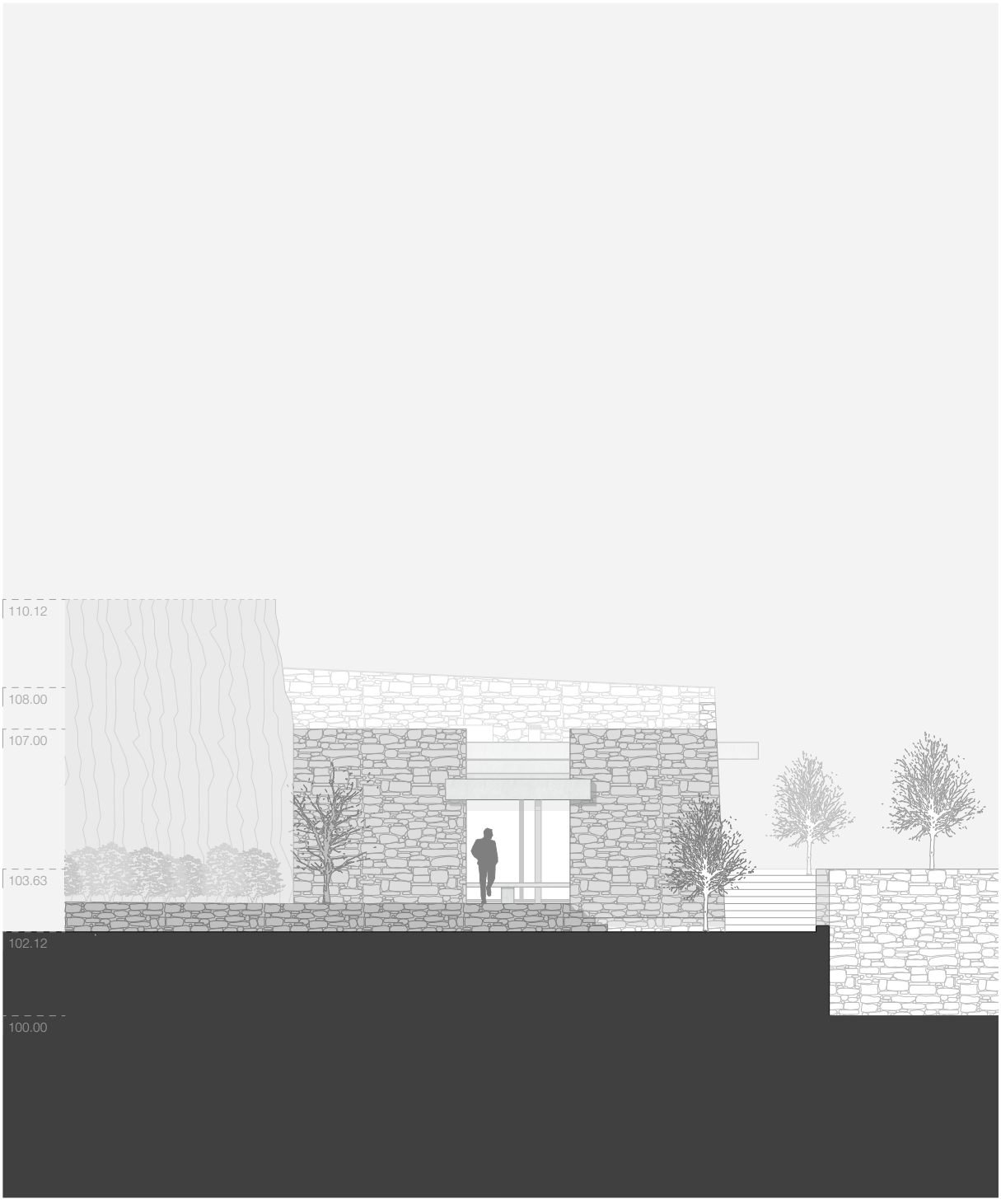
[Desenho 23] Perfil Tranversal do Pátio Central.



[Desenho 24] Perfil Longitudinal do Terceiro Pátio.



[Desenho 25] Perfil Tranversal do Terceiro Pátio.



[Desenho 26] Alçado Poente.

[3] Produção Escrita Complementar



79

[Registo 79] *Men at Fire* - Homem em Fogo.

Detalhe do quadro de Teun Hocks em 1990, onde está representado um pintor que se tenta aquecer com o sentimento imaginário evocado pelo quadro que pintou de uma fogueira. A imagem do fogo combina a experiência mais arcaica com a necessidade mais contemporânea. O poder simbólico da lareira está relacionado com a sua capacidade de reunir imagens arcaicas da vida do homem primitivo e as experiências atemporais de conforto pessoal.

- *Habitar*, com Juhani Pallasmaa -

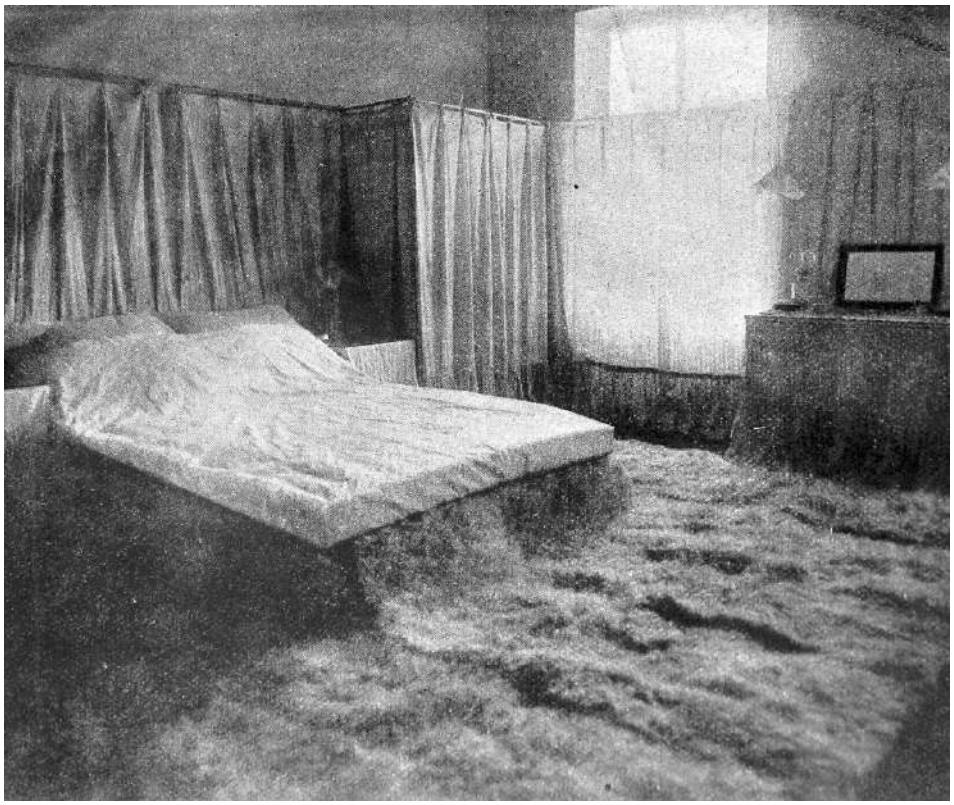
Juhani Pallasmaa refere em *O mundo e a mente* que uma obra de arte, mais do que mediar um conhecimento conceitualmente estruturado do estado objetivo do mundo, *possibilita um intenso conhecimento experimental*[66], ou seja, uma obra de arte é capaz de centrar o olhar em superfícies que estabelecem as fronteiras entre o *nosso eu* e o mundo, através de uma imagem que penetra diretamente na nossa consciência. Sabemos que a imaginação e a memória revelam a grande capacidade que o Homem tem de gravar e imaginar lugares. A perceção, a memória e a imaginação, estão em constante interação e é através delas que nos é possível encontrar um sentido de pertença do mundo.

Apesar do projeto desenvolvido nesta dissertação remeter a uma Casa Experimental, não existiu uma verdadeira intencionalidade em criar espaços que promovessem intimidade em excesso, ou seja, que não deduzissem – através das configurações espaciais – que este *espaço-casa* pertencesse a alguém. Neste sentido, optámos por criar um certo distanciamento, ao longo de todo o desenvolvimento do trabalho, de um certo discurso que separa o ato de *habitar*, da palavra *lar.*

Construir um lar implica criar uma consciência para além da arquitetónica, que se revela conhecedora das áreas da sociologia e da psicanálise. Implica, sobretudo, projetar algo que procurará ser a extensão de um ser na sua expressão e personalidade e que *imediatamente nos lembra o aconchego, a proteção e o amor da nossa infância.*[67] Construí-lo, significa carregar toda uma dimensão temporal, onde aos poucos e com o passar do tempo, o habitante adapta-se ao objeto arquitetónico e o preenche de rotinas e objetos. Como refere Pallasmaa, *o lar não é um simples objeto ou um edifício, mas uma condição complexa e difusa, que integra memória e imagens, desejos e medos, o passado e o presente [...] um conjunto de rituais e ritmos pessoais e rotinas do dia a dia [...] possui uma dimensão temporal e uma continuidade, sendo um produto gradual da adaptação da família e do indivíduo ao mundo.*[68] O arquiteto explica ainda, que se

---

[66] PALLASMAA, Juhani, *Habitar,* Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 2017, p. 59.
[67] PALLASMAA, Juhani, Op. Cit., p.20.
[68] PALLASMAA, Juhani, "Identidade, Intimidade e Domicílio: Notas sobre a fenomenologia do Lar", em Encontros: Ensaios de arquitetura [Vol. 1], Helsínquia, Publicação Rakennustieto, 2005, pp. 114-115.



80

[Registo 80] *"Room for my wife"* (Quarto para a minha mulher), Adolf Loos, 1903.

O quarto foi desenhado por Adolf Loos como um espaço de sonhos e de proteção para a sua esposa Lina. O arquiteto cria um espaço íntimo e particular para a sua jovem esposa, simbolizando a sua juventude.

formos capazes de entender que o lar é uma ponte entre o exterior público do mundo e o interior privado do ser, então quer as memórias boas como as menos boas, farão parte da sua composição, num conjunto complexo, difuso e íntimo de casa indivíduo.

Contudo, para a concretização do projeto desta dissertação, a ideia de *construir um habitar* pareceu mais alcançável, no sentido em que este gesto pretende relacionar-se com a perceção do espaço construído e com a sua capacidade em controlá-lo, proporcionando um espaço-casa com um cenário funcional, material e técnico, em relação à qualidade mental e experimental de quem o idealiza. Na verdade, o arquiteto é ensinado a projetar casas, não lares, o que realmente interessa ao habitante é uma habitação que seja capaz de lhe proporcionar um domicílio. A estruturação do lar como instituição da vida, afasta-se dos princípios da arquitetura, uma vez que o arquiteto desenha uma casa num sistema de hierarquias espaciais e dinâmicas de estruturas, luz, cor, materiais, enquanto que um lar é estruturado por elementos que consistem em objetos e funções domésticas distintas, como é o exemplo de elementos relacionados à vida e identidade pessoal do habitante. Seguindo o pensamento de Juhani Pallasmaa, a casa é como se fosse uma concha que protege o seu interior – o lar – e que é configurada pela identidade e rotinas de cada indivíduo. A noção de lar aproxima-se mais da verdadeira essência, poética e metafórica, da vida do que da realidade física do objeto e artefacto da casa, é o lugar onde se escondem os segredos e onde é expressada a maneira de ser de cada pessoa, de forma mais livre, servindo de delineador ou de mediador entre o mundo exterior e o nosso interior.

As emoções decorrentes da forma e do espaço construído surgem de confrontos distintos entre o Homem, o espaço, a mente e a matéria, onde o impacto arquitetónico emocional está relacionado a uma ação. Como sugere Pallasmaa, *a arquitetura é baseada em verbos e não em substantivos, como é o exemplo do ato de se aproximar da casa, não o olhar da mera fachada ou o ato de entrar dentro de casa, não a porta em si ou o ato de olhar pela janela, não a própria janela ou até mesmo o ato de se reunir ao redor da lareira ou da mesa mais do que esses objetos em si, todas estas experiências parecem desencadear as nossas emoções.*[69]

---

[69] PALLASMAA, Juhani, Encontros: Ensaios de arquitetura [Vol. 1], Helsínquia, Publicação Rakennustieto, 2005, p. 94.



81

[Registo 81] *Mountain* - Montanha.

Obra de Sigurdur Gudmundsson, de 1982, que simboliza a relação entre as questões e experiências existenciais, numa interpretação imaginativa do ambiente onde, ao mesmo tempo, posiciona o ser humano como parte da natureza.

A autenticidade de uma experiência arquitetónica baseia-se essencialmente na possibilidade de compreender, sensorialmente, o ato de construir. Um edifício é capaz de contar a sua própria história, estabelecendo um diálogo com o ser humano, que é capaz de contemplar, tocar, ouvir e avaliar o mundo, uma vez que este é articulado e organizado em torno do corpo. Neste sentido, a casa é o refúgio do corpo, da memória e da identidade, pelo facto do indivíduo estar em constante interação e relação com o exterior. Do mesmo modo, para Juhani Pallasmaa, *a casa é uma metáfora do corpo e o corpo é uma metáfora da casa*[70], em que experimentar um lugar ou um espaço, significa estabelecer um diálogo numa espécie de troca, onde o habitante se posiciona no espaço e o espaço se acomoda a ele.

Entende-se que a casa é um cenário concreto, íntimo e único da vida de cada um, enquanto que a noção de arquitetura implica, necessariamente, um distanciamento e abstração. O ato de habitar remonta às origens da arquitetura, às dimensões primordiais de habitar o espaço e o tempo, ao mesmo tempo que transforma um espaço sem significado num espaço especial, e é a casa que manifesta este gesto ao relacionar-se, de forma intencional, com as realidades do mundo.

---

[70] PALLASMAA, Juhani, Habitar, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 2017, p. 98.



82

[Registo 82] Representação da cabana primitiva, Viollet-le-Duc.

A cabana primitiva é um conceito que explora as origens da arquitetura e do abrigo. Explora também, a relação antropológica entre o Homem e o ambiente natural como base fundamental para a criação da arquitetura.

- A Casa -

[a apropriação]

Tudo o que vemos nos dá referências. Tudo nos ajuda a perceber como é que as casas influenciam as pessoas e as pessoas influenciam as casas. Perceber as relações das coisas com as pessoas e das pessoas com as coisas, é essencial para se fazer casas, palácios, igrejas, cidades… Devemos fazer as casas com paixão, acumular referências, pois amanhã podemos ter a necessidade de as usar num projeto. A variedade dá a noção de vida, e isso também pode ser adquirido pelo desenho. A visão é fundamental, é preciso ter gosto pelas coisas, perceber porque é que as coisas são como são.[71]

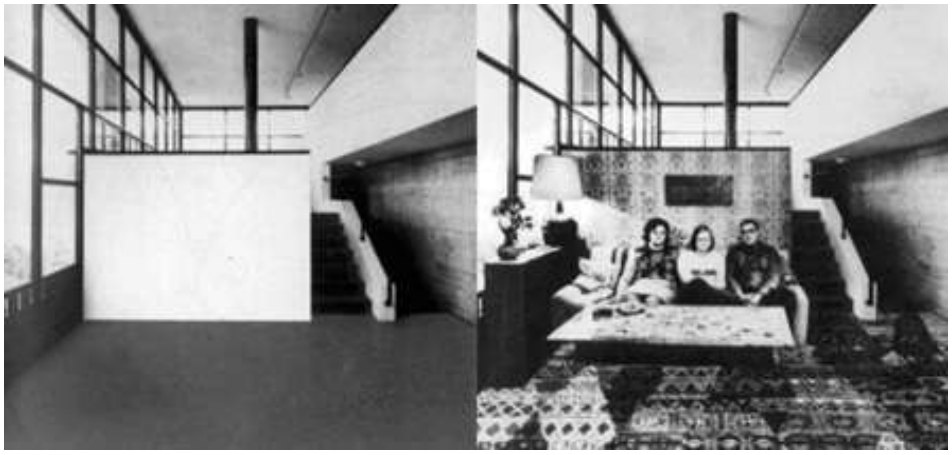
O Homem habita o mundo, conhece e comunica cada vez mais com vários lugares espalhados pelo globo. A velocidade e facilidade de contacto com estes lugares, transportam o Homem para um sentimento de *itinerância*[72], mesmo que o Homem não saia do lugar onde cresceu. Contudo, a noção de casa acompanha o Homem em todos os seus caminhos, de forma mais ou menos consciente, possibilitando uma verdadeira noção do habitar em qualquer lugar.

Sendo a casa um espaço essencial à vida humana, é nele que acabamos por projetar uma maior e mais profunda dimensão da nossa identidade. Com o passar do tempo, vamos tornando este espaço de habitar cada vez mais nosso, através de uma apropriação que é desenvolvida na relação entre o habitante e o espaço, e que é inerente à condição humana. Esta ideia de casa só passa a pertencer verdadeiramente ao seu habitante, quando este depositar e espelhar a sua carga emocional. Entendemos assim, a apropriação como um meio psicológico em que o Homem atua e intervém no espaço, transformando-o e moldando-o, imprimindo nele a sua própria identidade. Esta apropriação do espaço acaba por ser uma reflexão do próprio indivíduo, onde projeta a sua perceção e realidade interior, pois é neste *espaço-casa* que é possível estimular uma reflexão, de modo mais

---

[71] Fernando Távora, in MENDES, Manuel, *Sobre o projeto de arquitetura de Fernando Távora: "minha casa"*, Porto: FIMS, 2015. XIX Casas.

[72] Itinerância: qualidade de itinerante; condição do que viaja ou do que é forçado a viajar, in Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa, Porto, Porto Editora, 2003-2019.



83





84

[Registo 83] Fotomontagem realizada por Jean-Pierre Junker, sobre a casa Bianchetti, de Luigi Snozzi.

Duas perspetivas iguais, em que na primeira imagem, protagoniza a arquitetura e na segunda imagem uma cena familiar. Existe um confronto entre o *espaço-casa* – projeto arquitetónico - e o *espaço habitado* – apropriação do espaço. No entanto, como podem alterar a perceção inicial daquele limite construído pelo arquiteto? Caracterizo-o (espaço-casa) pelo desenho do arquiteto, ou caracterizo-o segundo a apropriação do(s) habitante(s)? Como pode o arquiteto influenciar a apropriação do Homem no espaço?

[Registo 84] Duas vistas interiores da casa Farnsworth, do Arquiteto Mies van der Rohe.

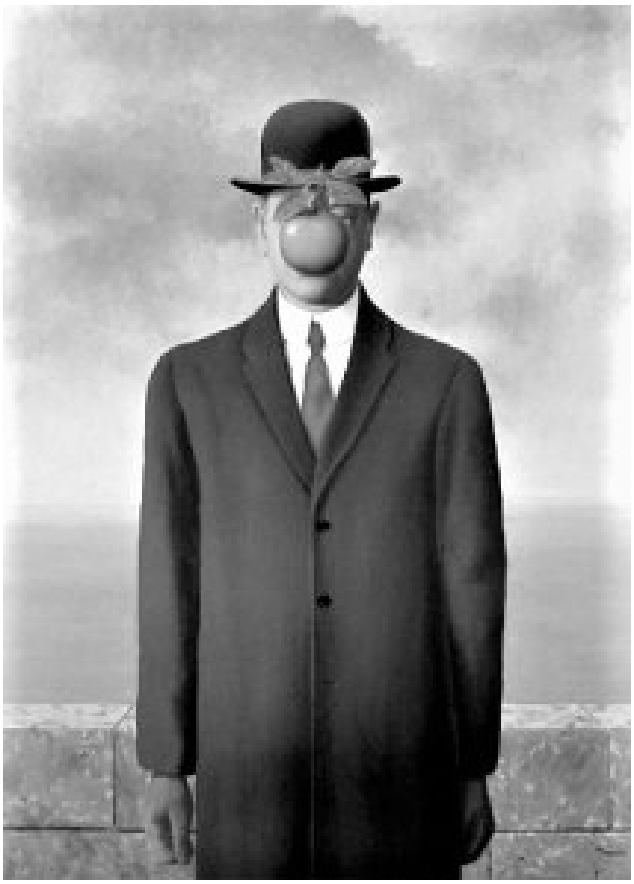
A primeira imagem retrata o espaço mobilado e desenhado pelo arquiteto, ausente de pessoas, enquanto que a segunda imagem retrata o espaço apropriado pela sua proprietária, Edith Farnsworth. Esta segunda imagem parece vir alterar a perceção do espaço criado pelo arquiteto, no entanto, acaba por ser uma extensão do habitante, um permanente crescimento a partir de objetos, vivências, memórias, ideias, imagens, amuletos. Estamos perante uma *atmosfera própria.*

vinculado, sobre a individualidade de cada um na compreensão e entendimento do lugar e, por isso, torna-se importante compreender como se apropria o Homem deste *espaço-casa*.

A noção de equilíbrio na relação entre o ambiente e o espaço de habitar é o ponto fundamental para o bem-estar físico e psicológico do Homem. No entanto, uma vez que são seres únicos, sensíveis e com as suas particularidades, este equilíbrio não é tido em conta de igual forma no seu conjunto, nem é levado com a mesma dimensão e seriedade para todos. Com isto, um dos papéis do arquiteto deve passar, primeiramente, por uma compreensão da maneira de apropriação do Homem no espaço, com base no conhecimento e estudo prévio do lugar onde vai projetar e de todos os fatores sociais e pessoais do indivíduo, de forma a facilitar o entendimento do habitante para quem o arquiteto vai projetar a casa.

Com a ajuda do *motor-tempo*, o habitante vai criando e moldando um ambiente que seja a reflexão do seu espaço mental e que, de forma recíproca, o mesmo o vai influenciando. Esta condição do tempo é o principal fator na apropriação do *espaço-casa*, uma vez que este só ganha o verdadeiro significado de *lar* quando o habitante se apropria deste espaço. No momento de construção da casa, ainda não é possível absorver a noção de tudo o que este espaço possa representar na relação física e emocional do habitante, e da sua importância na resposta às necessidades físicas e mentais de quem o vai habitar, que se irá traduzir numa extensão do espaço mental do seu ocupante.

Neste sentido, *como poderá o arquiteto, estudar e compreender as diferentes formas de apropriação espacial do Homem, no processo de desenho de um espaço-casa?* Para que isto se torne possível, é importante que, ao longo do desenvolvimento deste processo de desenho, o arquiteto procure estabelecer diversas conversas e contactos com o indivíduo de forma a permitir um melhor conhecimento e compreensão das suas características individuais, dos seus costumes, das dinâmicas culturais e da rotina da sua vida quotidiana, para que a futura apropriação deste espaço seja feita de forma mais natural ou até mesmo automática, ou seja, permitir que o indivíduo se possa familiarizar e identificar com o lugar, criando uma certa intimidade, ainda que precoce, com o espaço, para que não seja visto e compreendido como um lugar estranho e distante do indivíduo. Só assim será possível entender que tipo de espaço será mais adequado para cada situação. Como o projeto desta dissertação trabalha a ideia da casa como um abrigo do meio físico exterior, um refúgio à vida urbana agitada, são desenhados e estabelecidos diferentes graus de intimidade e individua-



85

[Registo 85] *Le fils de l'homme* (O filho do Homem), de René Magritte, 1964.

Sobre a pintura, Magritte disse: *"Pelo menos ela esconde o rosto parcialmente. Bem, então você tem a face aparente, a maçã, escondendo o visível, mas oculto, o real rosto da pessoa. É algo que acontece constantemente. Tudo o que vemos esconde outra coisa, e nós sempre queremos ver o que está escondido, pelo que vemos. Há um interesse no que está escondido e que o visível não nos mostra. Este interesse pode assumir a forma de um sentimento bastante intenso, uma espécie de conflito, pode-se dizer, entre o visível que está oculto e o visível que está presente."*

lidade, consoante a função de cada divisão. Os quartos e as casas de banho são, de facto, os espaços mais íntimos e privados, onde o habitante pode criar um distanciamento mental do mundo exterior coletivo, e descansar o corpo e a mente, tornando estes espaços essenciais para uma vida saudável em sociedade.

No processo de procura do desenho da *Casa Experimental*, o fator cultural revelou-se importante para a compreensão do modo como o Homem transforma, molda, apropria, e consequentemente habita o lugar, de forma a conseguir responder às suas necessidades. Quando é possível estabelecer um cruzamento entre estes fatores individuais e coletivos, o arquiteto consegue formular uma ideia mais clara das necessidades e condições pessoais do cliente, e possivelmente entender o impacto que terá o desenho de um espaço de habitar dadas as circunstâncias com que se depara. Todo este processo *à priori* de estudo e perceção do corpo no espaço, potencia a contingência do Homem ser capaz de sentir mais conforto e integração no espaço, contribuindo para o processo de apropriação pessoal do *espaço-casa*.

A apropriação de uma casa como um fenómeno mental de construção de significados e expressão individual, é um principio que é condicionado pelo arquiteto que a desenha, e por isso é que se torna importante o conhecimento de diferentes campos que caracterizam o Homem, percebendo a sua história. Projetar espaços com sentido, envolve uma entrega e um *toque* constante do arquiteto com os sentidos e com a *psique* humana, em relação com o lugar físico onde o *espaço-casa* se integrará. A arquitetura é desenhada para o conforto sensorial e psicológico do ser humano, onde a casa também se apropria do Homem.

[a construção]

Quando o Homem habita, particulariza o seu espaço, territorizando-o, definindo-o como um lugar específico: a sua casa.[73]

O espaço-casa foi sendo desenvolvido, transformado, (re)pensado durante toda a História da Humanidade, desde a cabana primitiva, ao

---

[73] BORRACHO, Carlos; D. DIAS, Maria João, *O espaço e o Homem – Perspetivas Multidisciplinares*, Lisboa, Edições Silabo, Lda, 2010, p.26.
[74] Stein Eiler Rasmussen (1898-1990) foi um arquiteto e urbanista dinamarquês.



86

[Registo 86] *La Boîte à Miracles* (A Caixa Milagrosa), Le Corbusier, Paris, 1948.

O Homem, o verdadeiro construtor, o arquiteto, pode construir os edifícios mais úteis para ti, porque ele sabe mais sobre volumes.

Ele pode, de facto, criar uma caixa milagrosa que contém tudo o que o teu coração deseja. Cenas e atores materializam-se no momento em que a caixa milagrosa aparece; a caixa do milagre é um cubo; com ele vem tudo o que é necessário para realizar milagres, levitação, manipulação, distração, etc.

O interior do cubo está vazio, mas o teu espírito inventivo o preencherá com tudo o que tu sonhares, à maneira das performances da velha "Commedia dell'Arte."

abrigo em grutas, até à casa contemporânea, incorporando outros dispositivos que não apenas o material com que a construímos. Nas palavras de Steen Eiler Rasmussen[74], o Homem distingue-se dos animais no sentido em que o seu abrigo varia consoante o clima e as suas necessidades que, com o tempo foi aperfeiçoando. Desde sempre que o Homem foi capaz de atribuir espaços do seu abrigo a funções do seu dia-a-dia, desde uma zona de dormir a uma zona de comer, moldando o seu espaço em função das suas atividades domésticas. Ainda assim, a evolução e construção da casa contemporânea, contribuiu para o surgimento de outros dispositivos mais humanistas como as memórias, a apropriação, o conforto, na procura por uma atmosfera específica ligada à identidade de cada indivíduo, pois a casa é o mecanismo que transporta uma cultura e uma identidade, é a construção de um espaço que transporta costumes e memórias que se expressam e possibilitam a construção de um universo pessoal e singular, ao contrário do mundo coletivo exterior.

O nosso domicílio é o refúgio do corpo, da memória, e da identidade. Estamos em constante diálogo com o nosso entorno, de modo que é impossível desenvencilhar a imagem do eu do seu contexto espacial e situacional.[75]

O espaço da casa é hoje, uma complexa composição e construção que ultrapassa qualquer aspeto funcional, quando se relaciona com o seu habitante no espaço e no tempo. Esta construção, tal como a cultura e tradição, é um processo evolutivo que está em constante mudança e transformação, e que se faz entre o espaço e o habitante numa permanente adaptação. A casa é entendida como um processo que está incompleto, aberta a atualizações, e que vai mudando consoante os habitantes por ser capaz de acolher diferentes emoções, sentimentos e comportamentos ao longo do percurso da vida. Apesar de nenhuma obra de arquitetura ser estática no tempo a casa, enquanto obra arquitetónica, vive do seu interior e deve garantir a quem a habita o conforto e privacidade necessária, adaptando-se a cada circunstância.

Como já foi referido ao longo desta abordagem sobre a *casa*, a noção de *casa-lar* é uma construção pessoal no tempo, que estabelece uma relação privada com o seu habitante, e esta noção está em constante evolução com o Homem, renovando-a consoante as necessidades e cir-

---

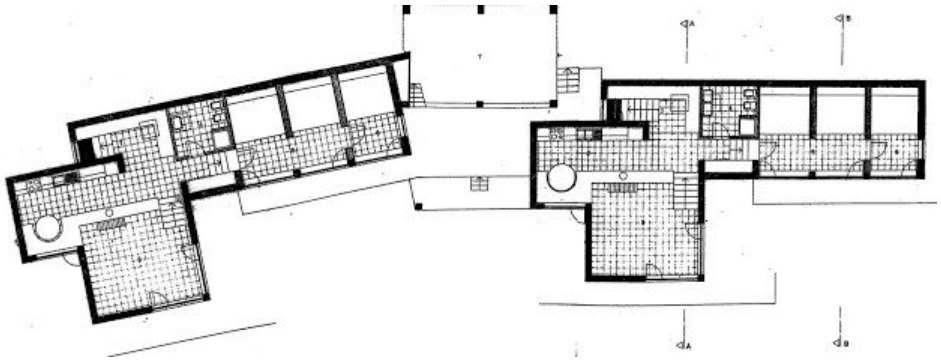
[75] PALLASMAA, Juhani, *Habitar*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 2017, p. 98.



87



88



89

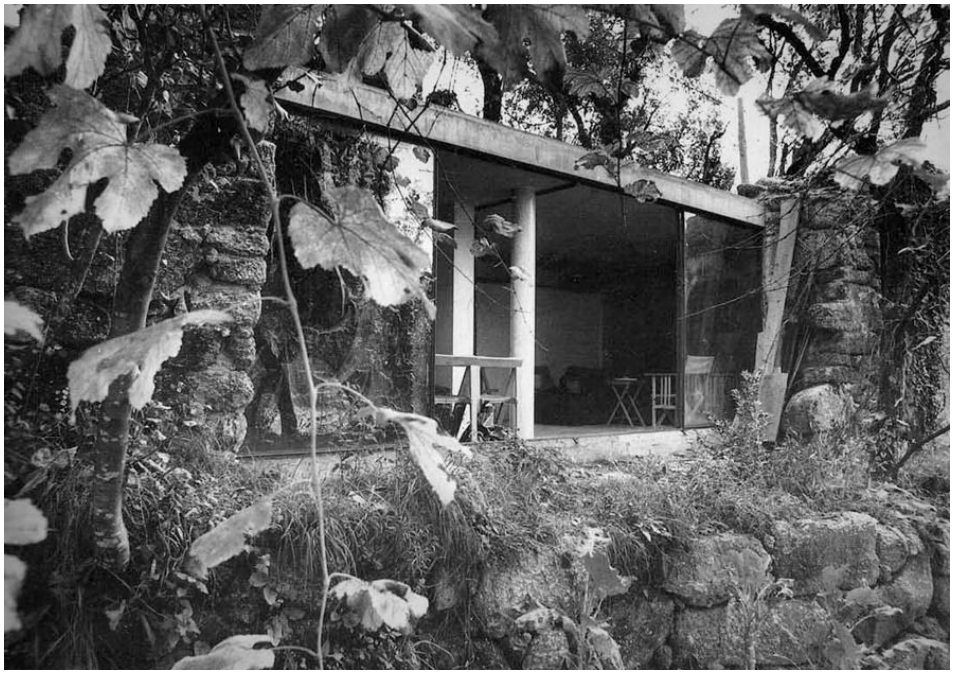
[Registo 87, 88, 89] Vill'Alcina, Caminha, 1971-74, Arquiteto Sérgio Fernandez.

cunstâncias. As casas atualmente, têm cada vez mais funções e programas variados, exigindo dos seus espaços, uma capacidade de dar resposta a vontades diferentes de isolamento ou união. Já procurámos entender que a noção de casa será feita pelo próprio ocupante, mas, apesar do arquiteto não representar nem ser o portador do papel ativo na construção do espaço *casa-lar*, é dele que nasce o desenho da circunstância potenciadora para a construção de uma vida. Como refere Eduardo Souto de Moura, *eu tenho noção de que a arquitetura tem de ser minimalista porque tem de ser muito simples e abstrata para estar disponível a receber a vida dos outros. O objetivo dela é ser confortável, porque a vida é feita de objetos e de afetos. E nós estabelecemos sempre relações com estes objetos, porque nos lembram emoções, momentos, coisas. Os arquitetos não podem desenhar esta última camada. Por esta razão, a estrutura tem de ser simples, para depois ficar complexa.*[76]

De modo a desenvolver algumas temáticas no desenho do projeto da *Casa Experimental*, foram estudadas algumas obras de arquitetos que exploram temáticas semelhantes e que acabaram por se tornar fundamentais para o processo de desenho desta casa. A Vill'Alcina (1971-74) do Arquiteto Sérgio Fernandez[77], obra de relevante importância na arquitetura portuguesa, é aqui exposta como exemplo de que a complexidade que está à volta da noção de casa, parece seguir um outro rumo quando nos focamos na ideia das casas de férias como espaços de ocupação sazonal e temporária, onde são esquecidos alguns aspetos funcionais que tomamos como obrigatórios no nosso complexo quotidiano. Pelas palavras de Sérgio Fernandez, *(...) pensava que uma casa de férias deveria ser descontraída. Deveria ser um espaço o mais comunitário possível, o mais simplificado possível.*[78] É precisamente no caráter operante e prático que estes espaços transcendem qualquer divergência do dia-a-dia, numa resposta a um modo de habitar passageiro e temporário. A Vill'Alcina foi desenhada como um espaço de lazer, permitindo o necessário isolamento para a reflexão e o trabalho. O Arquiteto menciona que *a fluidez da sua implantação, caracterizada pela ausência de paredes e portas que dividem e separam espaços*

---

[76] MILANO, Maria; CREMASCOLI, Roberto, "Eduardo Souto de Moura. Gosto de Chegar a Casa", in *A Casa de Quem faz Casas*, Matosinhos, Cardume Editores, Lda, 2016, p.8.
[77] Sérgio Leopoldo Fernandez Santos (1937) é um arquiteto português, formado pela Escola Superior de Belas Artes do Porto, em 1964.
[78] MILANO, Maria; CREMASCOLI, Roberto, "Sérgio Fernandez. Um Espaço de Liberdade", in *A Casa de Quem faz Casas*, Matosinhos, Cardume Editores, Lda, 2016, p.8.
[79] Idem, p. 7.



90

[Registo 90] Casa no Gerês, 1980-82, Arquiteto Eduardo Souto de Moura.

é, assim, resultado de uma vontade de experienciar uma vida descontraída, não sujeita à regras convencionais de habitar e conviver, à procura de uma forma de estar que não seja definida por nenhum gesto predeterminado.[79] A ideia base do projeto residiu na procura de uma solução que corresponda a uma proposta de vida que, sem alienar o prazer da proximidade com a natureza, seja fundamentalmente pautada pelo essencial. A presença da paisagem, mais do que o arquiteto, determinou a invenção do projeto que estabelece com aquela paisagem, uma relação permanente na fusão das casas com o terreno, transformando-as em abrigos acolhedores, simples e simultaneamente versáteis. Para o desenho dos espaços da casa, foi traçado um eixo em concordância com a topografia, estabelecendo o desenvolvimento horizontal das casas, em permanente contacto com a terra, as rochas e o sol. A própria construção em granito e betão aparente simulam a rudeza do terreno e das rochas que dele emergem.

A noção e criação de um refúgio da vida agitada no centro das cidades, vem estabelecer uma continuidade que, respondendo às necessidades do quotidiano, seja capaz de transformar a rotina diária das pessoas, numa altura em que existe cada vez menos tempo de vivenciarmos as nossas casas. Não se trata apenas de uma questão do programa, mas de uma condição experimental dos espaços, numa atenção ao que é efetivamente essencial, questionando a hierarquização com que as casas são vistas no quotidiano, na sua função e no seu compromisso com usos determinados, sem querer desvalorizar a particular relação na distribuição funcional dos espaços. As casas são cada vez mais pensadas pelas suas funções e programas, e não pelos espaços em si e na experiência que eles podem proporcionar.

A construção da ideia de casa que procuramos encontrar, não incide na materialização de um lar, mas antes a construção de espaços com diferentes dinâmicas e potenciadores de *experiências de sentidos* nas diferentes possibilidades de vida que podem criar. A obrigatoriedade de viver os espaços da casa apenas pela sua função, diminui as relações e interações entre eles, uma vez que a casa deveria ser um conjunto de espaços que estimulam o habitar, como o reflexo de um espaço de relação entre o corpo e o objeto. Importa, nesta dissertação, retirar a capacidade que a casa tem de receber e fornecer diferentes sensações, permitindo comportamentos distintos em cada uma das suas dependências. Nenhum compartimento, na sua individualidade, conseguiria ter em si todas as qualidades, e é por isso que juntos formam um conjunto de atmosferas capazes de receber, transmitir e potenciar modos de vida.



91



92



93

[Registo 91, 92, 93] Casa em Moledo, 1991-98, Arquiteto Eduardo Souto de Moura.

Uma outra temática que foi abordada e que está presente no projeto desta dissertação, é a relação que se estabelece entre o natural e o construído, que se encontra explícita nas obras do Arquiteto Eduardo Souto de Moura.[80] Os seus vários projetos de intervenção em ruína, permitem um entendimento geral da relação entre arquitetura e paisagem. Num dos seus primeiros projetos, a casa no Gerês (1980-82), Souto de Moura demonstra o seu interesse no contacto entre Arquitetura e Natureza, que para o arquiteto, estes espaços verdadeiramente naturais são cada vez mais escassos no mundo. É nesta relação que Souto de Moura procura o exemplo de equilíbrio necessário, anulando a separação do preexistente, como significado de uma obra atemporal, capaz de reunir em si a sabedoria de séculos.

O diálogo inicia-se com a transformação da Natureza por parte da Arquitetura, para posteriormente, a paisagem manipular a construção e promover um confronto constante, que culmina numa contaminação recíproca, como é o caso do projeto da casa em Moledo (1991-98). Nesta obra, a cobertura da casa assume-se como um objeto novo, visível, utilizando os socalcos existentes para escavar os espaços da habitação no seu interior, estabelecendo um diálogo direto entre o novo e a preexistência, e uma relação entre artificial e natural, ampliando o entendimento de natural à ocupação do construído. Sabemos, contudo, que foi necessária a reconstrução dos socalcos, a partir de fragmentos no terreno, de forma a que tivessem a altura suficiente para a implantação da casa de acordo com a ideia do projeto. Souto de Moura age com a subtileza de quem deseja não se tornar totalmente visível, uma interrupção no muro, aberta sobre a paisagem, faz com que a casa seja a laje que os cobre, sem ferir a realidade preexistente.

A última obra que contribuiu para este estudo e que foi utilizada como uma referência para o projeto da *Casa Experimental*, na relação entre o corpo da arquitetura, a natureza e o ser humano, não segue o programa da casa. Trata-se do museu *Genius Loci* (2008) – *O espírito do lugar* – desenhado pelo Arquiteto Tadao Ando[81], que está localizado na ilha Jeju, na Coreia do Sul, perto da *Glass House* (Casa de Vidro), desenhada pelo mesmo arquiteto. Este museu foi memorável no projeto desta dissertação, por ser um exemplo que se tornou fundamental pelo facto do Arquiteto

---

[80] Eduardo Souto de Moura (1952), é um Arquiteto português, formado pela Escola Superior de Belas Artes do Porto, em 1981. Recebeu o Prémio Pritzker em 2011.
[81] Tadao Ando (1941) é um arquiteto japonês que não recebeu nenhuma qualificação formal, estudos universitários, para exercer a profissão de arquiteto. Recebeu o Prémio Pritzker em 1995.



94



95

[Registo 94, 95] Museu *Genius Loci*, Coreia do Sul, 2008, Arquiteto Tadao Ando.

estabelecer nesta obra, uma interação contextual entre as pessoas e o contexto, criando uma situação de espaço e permitindo uma experiência que envolve tempo, consciência e pensamento. Para o Arquiteto Tadao Ando, a luz, o vento e a chuva, são elementos importantes nas suas obras, que funcionam como um meio para as pessoas experienciarem a sua presença. O museu está situado num lugar que há milhares de anos era utilizado como um lugar de meditação e de procura da iluminação, e por isso, continua a ter muitos recursos que mostram a passagem do tempo e ajudam, a quem os visita, a encontrar a sua própria inspiração. O programa da arquitetura é organizado dentro da paisagem e não em torno dela, permitindo que o espaço construído se torne num espaço mental voltado para dentro. *Genius Loci* é considerado um museu da natureza, onde estão presentes elementos como a luz do dia, a água e o vento de Jeju. A própria rocha basáltica existente na ilha, e o betão aparente utilizado por Tadao Ando, criam um grande contraste que acaba por se dissolver pela água e pela paisagem envolvente, estabelecendo uma ligação entre a natureza e o corpo da arquitetura.

Sintetizando, a casa é um esquema complexo de relações estabelecidas entre o indivíduo, o sítio, o seu passado e o seu futuro, fundamental no desenvolvimento do ser humano. A procura pela verdadeira idealização do *espaço-casa-lar* estará na capacidade de nos relacionarmos com o espaço, ou seja, na capacidade de um espaço nos ser *familiar*, estabelecendo intimidade com a ideia de conforto e de pertença, numa apropriação conjunta. Esta capacidade não será imprescindível para vivenciarmos qualquer espaço ou casa, mas será fundamental para a criação da verdadeira noção do habitar. Apesar de incluir dimensões que estão fora do alcance do projeto arquitetónico, o *espaço projetável* é a base física para que estes cruzamentos e construções de significados aconteçam. Com isto pretende-se que, apesar de haver uma consciencialização de que o arquiteto não consegue projetar estas dimensões que possibilitam a apropriação, é necessário que estas estejam presentes no momento do desenho e construção do *espaço-casa*. O arquiteto propõe possibilidades, que funcionam como pistas divulgadas pelo arquiteto, que depois são construídas e apropriadas por quem as vivencia.

O nosso *espaço-casa* quer ser protagonista de um espaço vivido, no qual os passos do habitante não se podem deter num único lugar, devem ser entendidos como vetores abertos que evocam uma fuga sem fim, um ir e voltar, deixando uma marca continuamente construída e reconstruída.



96

[Registo 96] Alegoria dos 5 sentidos, óleo sobre tela, de Theodor Rombouts, Bélgica, 1637.

- (por) uma Arquitetura Sensorial: *a casa exterior* -

O desenhar tanto de fora para dentro como de dentro para fora cria tensões necessárias que nos ajudam a fazer arquitetura. Já que o interior é diferente do exterior, o muro – ponto de transição – passa a ser um feito arquitetónico. A arquitetura dá-se no encontro das forças interiores e exteriores de uso e de espaço. Estas forças interiores e ambientais são gerais e particulares, genéricas e circunstanciais. A arquitetura como muro entre o interior e exterior é o registo espacial e o palco deste acordo. Reconhecendo a diferença entre o interior e o exterior, a arquitetura abre uma vez mais as suas portas ao ponto de vista urbanístico.[82]

Por norma, o ser humano não procura se preocupar na forma como perceciona e retira informações devido à espontaneidade e rapidez da sua vida quotidiana. Na verdade, o Homem acaba por obter apenas uma ideia geral do todo, sem conseguir identificar e compreender as partes que o levaram a formar tal conceção. A perceção de um espaço resulta de uma interpretação que é gerada ao nível intelectual, que surge a partir de relações que são estabelecidas entre o Homem e o meio ambiente envolvente e, portanto, é compreensível que o Homem não visualize nem percecione o mesmo espaço da mesma forma, uma vez que cada indivíduo é capaz de analisar deferentes sensações de acordo com as suas expectativas, possibilidades, conhecimentos, disposições, experiências e culturas.

Na relação com a arquitetura, a perceção humana é estimulada por vários dispositivos como a forma, a cor, a luz e a sombra, o ruído ou o silêncio, os cheios e os vazios. A arquitetura tem, assim, o propósito de emocionar e provocar sensações. Ao ter este processo em conta, o arquiteto deve procurar projetar com uma maior consciência da sua própria sensibilidade, tornando a sua obra mais humana e apelativa aos sentidos de cada indivíduo. Como refere Juhani Pallasmaa, *o derradeiro significado de qualquer edifício está para lá da arquitetura; direciona a nossa consciência para o mundo e em direção ao nosso sentido de ser e estar. A arquitetura significante faz-nos experienciar como um todo e faz de nós seres espirituais. Na verdade, esta é a grande função de toda a arte com um sentido.*[83]

---

[82] VENTURI, R., *Complejidad y contradicciòn en la arquitectura (1966)*, Editorial Gustavo Gili S.A., Barcelona, 2003, pp.138-139.



97



98



99

[Registo 97] Casa em Nevogilde, Eduardo Souto de Moura, 1983-1988.
[Registo 98] (Ruína) Café do Teatro Municipal de Braga, Eduardo Souto de Moura. Vista da intervenção e do preexistente, 1982-1984.
[Registo 99] Casa das Artes, Porto, Eduardo Souto de Moura, 1981-1991.

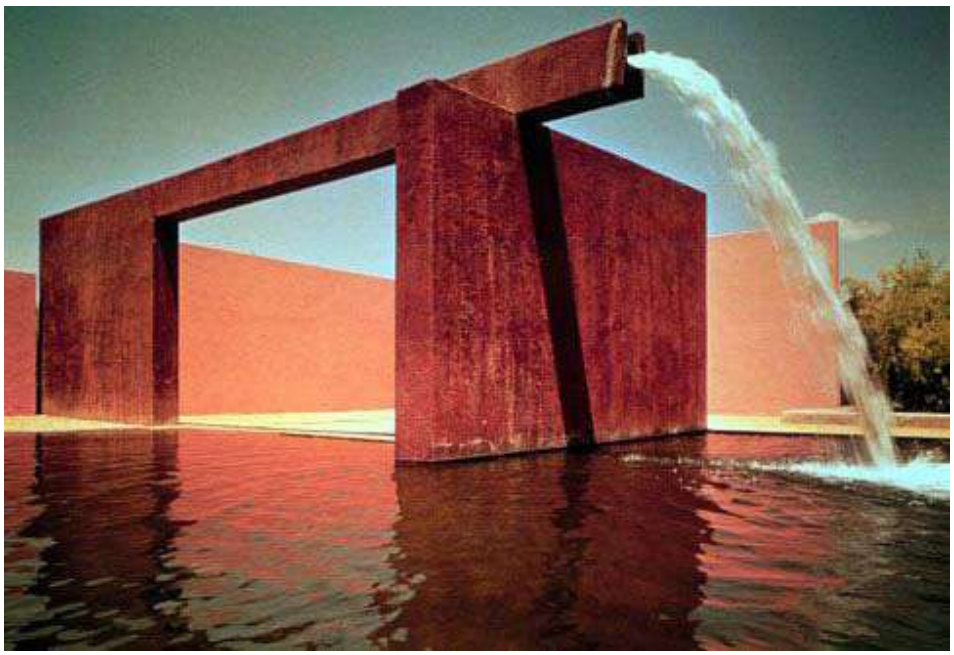
Para que se possa sentir integrado num espaço, o ser humano tem de tocar nos materiais, sentir as suas temperaturas, texturas e cheiros, ouvir os seus sons e reconhecer a sua escala. Daí resultará um ambiente, uma atmosfera, *uma disposição do espaço construído que comunica com os observadores, habitantes, visitantes e, também, com a vizinhança, que os contagia.*[84] Para o desenho dos pátios exteriores da casa, optou-se por seguir um tema base que justificasse grande parte da estratégia do projeto, tanto imagética como espacial, evocando a arquitetura dos sentidos. Pretende-se que estes espaços sejam um *motor* para uma reflexão entre a função e a perceção, entre o corpo e a experiência, numa relação entre lugar e espaço arquitetónico. Neste sentido, a resposta arquitetónica partiu de uma sensibilidade a este aspeto e de uma procura pela fusão e equilíbrio entre o necessário e o poético.

Falar de pátios, independentemente da sua forma, da sua materialização e da sua composição, significa falar de um espaço que procura ser, e que quer viver num limite exterior de *alguma coisa*, neste caso, no limite que constitui um projeto arquitetónico que, dali se alimenta de vivências e da presença dos indivíduos que o habitam. Falamos portanto, de um espaço que ao invés de se isolar, procura se expor como uma sugestão para o relacionamento e interação entre tudo o que o envolve. O pátio é um reflexo da relação do Homem com o mundo real. Habitualmente, o arquiteto desenha um pátio a céu aberto, idealizando um espaço que desperte e exercite a mente humana em questionar a sua própria origem enquanto ser-vivo, aumentando o seu interesse pelo desconhecido, e o pátio tem essa capacidade de induzir ao indivíduo uma estimulação que o permite deslocar-se no tempo e no espaço. É um lugar que tem grande influência na composição deste projeto de arquitetura, pela experiência que tem em explorar a intimidade da mente do Homem, e a se relacionar com todos os acontecimentos exteriores.

Os muros dividem, mas mais do que dividir, promovem uma relação própria com o que põem do outro lado. Podem limitar o acesso, mas não o toque, podem limitar o toque mas não o olhar, podem limitar o olhar, mas não o odor, e assim por diante. Podem então gerir um enredo de relações entre o erguer de uma barreira física e a indução de uma fronteira mais

---

[83] PALLASMAA, Juhani, *Os olhos da pele: A arquitetura e os sentidos*, Santana: ARTMED Editora S.A., 2005, p.19
[84] ZUMTHOR, Peter, *Atmosferas*, trad. Astrid Grabow, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2009, p.6.



100

[Registo 100] Vista sobre a Fonte dos Amantes, Arquiteto Luís Barragán, 1969.

subtil (...) Construir um muro é pensar num limite, percebendo o que este é ou quer ser. Um limite físico, um limite psicológico, social ou outro.[85]

Como já foi referido em *Apontamentos sobre o projeto*, foram desenhados 3 pátios ao longo do desenvolvimento e sucessão dos espaços do volume da casa, com funções, significados e posições distintas que agora, com a ajuda de alguns autores que se tornaram importantes neste desenvolvimento, procuraremos aprofundar. Uma vez que falar de pátios, enquanto espaços que procuram viver num limite exterior, torna-se necessário entender que a relação entre interior e exterior é essencial para a construção de um espaço, formando um *sistema de lugares*, que estabelecem diversas relações entre dois momentos – *dentro e fora* – a partir da sua articulação e intenção de projeto. Contudo, o que é definido como *interior* tanto pode ser o interior da casa como o interior do pátio, tal como o *exterior* pode ser a rua de acesso à casa ou o pátio exterior da casa. Neste projeto de arquitetura onde existem espaços exteriores encerrados, o elemento *limite* que os protagoniza, é muro do socalco. De facto, o pátio funciona como um elemento estruturante e agregador dos espaços que lhe são contíguos, e transporta a noção de proteção que o Homem precisa, mas sempre com a mesma limitação que o torna num lugar de virtude – o céu. É a partir da noção de que este limite permite criar a ideia de abertura e de exposição, que surgem as restantes relações com o pátio e com as partes que o envolvem.

Neste sentido, o primeiro pátio da casa que funciona como um momento de chegada e de receção à mesma, quer assumir-se também como um espaço de estar. Aqui, o som tem um papel fundamental na definição do ambiente e atmosfera do espaço, onde está presente uma clara intenção de tirar partido da presença da água no terreno, transportando este elemento para o projeto. A escolha de integrar este elemento natural, não só cria uma sensação de continuidade temporal em confronto com o *isolamento* da natureza, como também permite que o habitante se envolva no *silêncio* da natureza, num contexto de relações e de *toques* com a construção do Homem. Citando Juhani Pallasmaa, o *som mede o espaço e torna a sua escala compreensível, podendo até mesmo criar os próprios limites de uma promenade arquitetural*.[86] Na verdade, o som da água permite

---

[85] RODRIGUES, Sérgio Fazenda, *A Casa dos Sentidos*, Lisboa: Uzina Books, 2013, pp.67-68.
[86] PALLASMAA, Juhani, *Os olhos da pele: A arquitetura e os sentidos*, Santana: ARTMED Editora S.A., 2005, p.21.



101

[Registo 101] Villa Le Lac, Le Corbusier, Corseoux, França, 1924. Vista da janela no exterior da casa.

Vista do *buraco* criado por Le Corbusier no muro que envolve o terreno da casa. O arquiteto cria um enquadramento específico para a contemplação da paisagem, associando um programa ao momento criado ao colocar uma mesa no desenho da janela.

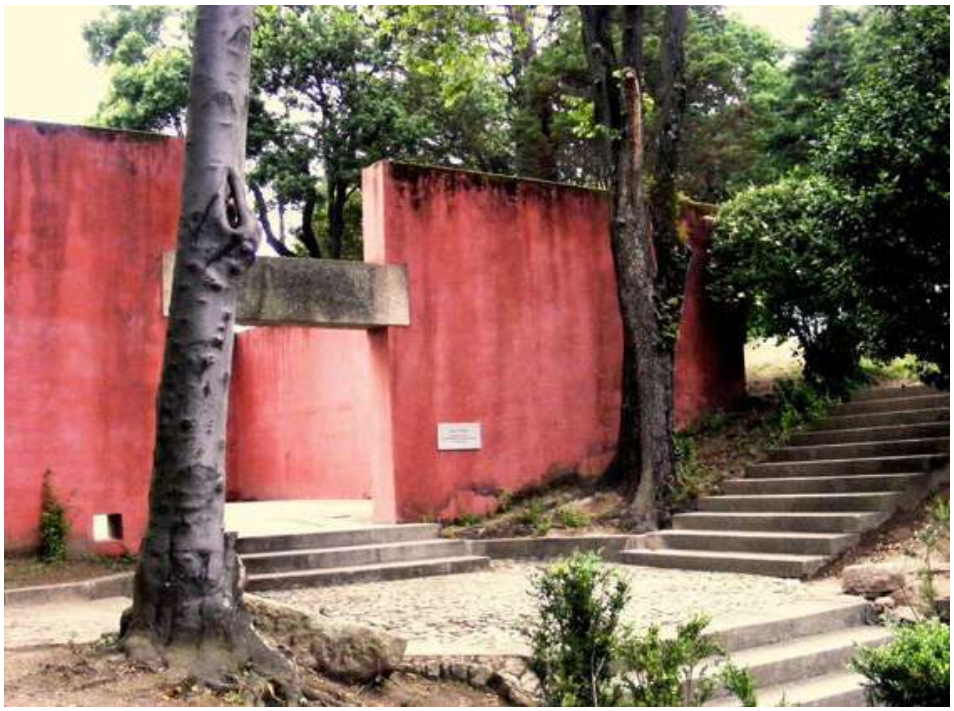
ao habitante encontrar uma linha contínua na sua experiência existencial daquele espaço, convocando uma aproximação às atmosferas de percorrer uma levada na ilha da Madeira. A vontade por valorizar este elemento, permitiu intensificar um ambiente natural que caracterizou este espaço e o integrou no contexto do terreno do Socalco.

Sentimos prazer e proteção quando o corpo descobre a sua ressonância no espaço.[87] Já na ausência do som proporcionado pela água, o pátio central da casa quer ser mais intimista e fechado, contrastando com o exterior amplo, de onde é possível observar uma relação com a paisagem. Neste caso, o silêncio e a consequente tranquilidade, são características que conduzem o habitante à história e memória dos espaços, apelando à reflexão interior e criando uma atmosfera de intimidade e conforto, uma vez que o pátio é limitado por superfícies físicas que resguardam o habitante do contacto direto com o mundo exterior. Pela sua centralidade, o pátio é também um espaço de reunião que serve de apoio à zona de refeições da casa, onde o elemento protagonista deste espaço é a janela. O ato de olhar por uma janela, cria uma relação entre o imaginário do indivíduo e o exterior, como uma reflexão interior e um confronto com a paisagem existente numa contemplação constante do exterior. Como indica Pallasmaa, as *janelas são os olhos frágeis da casa, que observam o mundo e inspecionam os visitantes. Os olhos da casa pré-selecionam e pré-visualizam a paisagem para os olhos humanos. O mundo visto de uma janela é um mundo domesticado e controlado*.[88] Ao contrário da porta, que permite ao habitante encontrar o interior de um espaço controlado pela sua ação, a janela pode transportar um sentimento de encontro e diálogo entre o espaço exterior e o interior. É, portanto, um elemento de transição e conexão entre espaços, que tem o poder de fixar a paisagem numa espécie de *moldura viva*. Efetivamente, nesta proposta, o muro e a janela são dois elementos essenciais na relação entre o mundo interior e exterior, na relação com a paisagem e na relação de intimidade e privacidade dos espaços.

O terceiro e último pátio da casa, procura ser o remate final e o culminar da sucessão dos diversos espaços da casa, quer interiores quer exteriores, mas também o momento que antecipa e prepara o corpo para a *viagem* no percurso do projeto. Trata-se de um espaço que engloba diferentes componentes e que provoca diferentes sensações, numa vontade

---

[87] Idem, p. 67.
[88] PALLASMAA, Juhani, *Habitar*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 2017, p. 103.



102

[Registo 102] Quinta da Conceição, Arquiteto Fernando Távora, Porto, 1956-60.

de aglomerar as diversas temáticas abordadas ao longo dos outros pátios. Neste sentido, para além da presença do som da água, o uso de formas geométricas no contacto com as rochas, fomenta experiências e estímulos visuais e sensoriais. Aqui surge a importância do *toque*, como um sentido intermediário da relação direta entre o corpo e a sua envolvente. Sabemos que o corpo está em constante diálogo com o espaço físico, quer com os pés assentes no chão, quer com as mãos, como uma extensão do nosso corpo que conscientemente nos direciona ao objeto, de forma a criar uma relação simbiótica de toque, e possibilitando o reconhecimento das formas, texturas e experiências passadas convocadas através da memória. Como refere Pallasmaa, *sentir o calor da pedra aquecida pelo sol é uma experiência que nos faz sentir como uma parte da natureza.*[89] Na verdade, alguns materiais têm a capacidade de estimular sensações únicas que fazem com que todos os sentidos interajam ao mesmo tempo. Pallasmaa utiliza a expressão *tocar com os olhos* como uma evidência desta relação. O olhar tem a capacidade de medir, avaliar ou até mesmo sentir um objeto que, com a ajuda do tato, estimula os nossos sentidos.

Ainda assim, o pátio é também um espaço que funciona como um prolongamento do interior e que, a certa altura, se torna exterior, uniformizando o espaço num todo. Ao contrário do pátio central, o elemento que vai promover a ligação com o mundo exterior, ou seja, que vai procurar estabelecer o contacto com o percurso do projeto, é a porta. Os dispositivos arquitetónicos da porta e da janela, procuram criar uma ponte entre os dois mundos sem nunca colocar em causa a verdadeira essência do outro. Contudo, em vez de fazer erguer um elemento que se imponha fisicamente entre o interior e o exterior, procurou-se que esta *porta* facilitasse ao máximo a permeabilidade, os movimentos e a passagem do corpo sobre o espaço, pois uma porta é, simultaneamente, um sinal para parar e um convite para entrar.

Deste modo, o desenho dos pátios da casa contribuiu para uma vivência autónoma, fomentando uma introspeção e um reconhecimento individual da circunstância envolvente, participando na descoberta e vivência do lugar que, ao mesmo tempo, convoca à memória dos socalcos que outrora foram terrenos de cultivo que sustentaram outras vidas.

---

[89] PALLASMAA, Juhani, *Os olhos da pele: A arquitetura e os sentidos*, Santana: ARTMED Editora S.A., 2005, p.39.



103



104

[Registo 103, 104] Estruturas-*Mirante*, Campanário, ilha da Madeira.

- casa-*Mirante* -

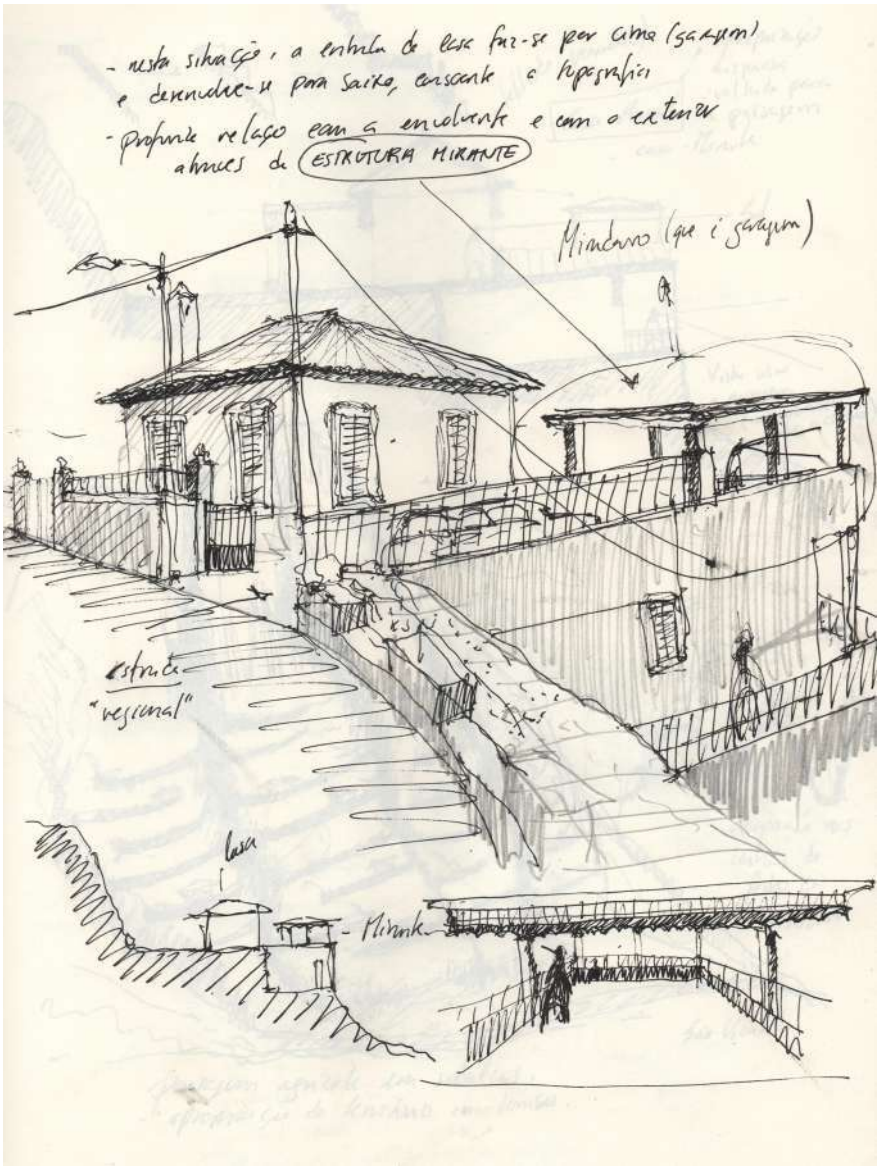
Não há paisagens para sempre. A paisagem é o registo de uma sociedade que muda e, se a mudança é tanta, tão profunda e acelerada, haverá disso sinais, para além do pouco tempo e muito espaço para compreender ou digerir as marcas e formas como se vão atropelando mutuamente, ora relíquias, ora destroços. Ao mesmo tempo, se muda a paisagem, os referentes estáveis que as imagens da paisagem produzem entram numa atrapalhação, num acelerar de diferenças onde, frequentemente, se reconhece melhor o que se perde do que o que se ganha.[90]

Como já foi referido ao longo desta dissertação, o Homem foi capaz de se ir adaptando às formas mais diversas e características do relevo do território da ilha, ocupando na maioria os lombos, onde as casas se dispõem de ambos os lados de um caminho que segue a linha de festo, mais conhecida como *encumeada*. Estas *casas-mirante* encontram-se construídas de forma dispersa pelo território, permitindo ao Homem caminhar sobre uma experiência repleta de momentos que possibilitam desfrutar de pontos estratégicos de grande interesse na paisagem, muitas vezes com a presença do mar como pano de fundo. Entendemos assim, as *casas-mirante* como *estruturas de contemplação*, que funcionam como lugares de simplicidade, que transportam um sentimento e que convidam a uma experiência sensorial, partilhando um caráter comum de intimidade e relação com a natureza.

Estas construções disseminadas apresentam-se como um exemplo de estudo interessante para o projeto da *Casa Experimental*, pelo significado que transportam e pela sua posição no território, e é neste sentido que se concentra a expressão *intimidade*, através do entendimento destes objetos arquitetónicos e da sua construção na paisagem em relação à adequada utilização do seu espaço, articulando-o à vida quotidiana. A casa adapta-se à topografia do terreno, reescrevendo-a, onde no topo da casa, frequentemente associado à entrada e à garagem, existe um *miradouro* ou um *balcão* – estrutura de contemplação – que redefine a relação da casa com o território. Segundo Christian Norberg-Schulz, *para dar a um edifício, visto de longe, uma forma bem definida, a concentração é de importância*

---

[90] Álvaro Domingues in *Vida no Campo*, Edições de Arquitetura, Dafne Editora, 1ª edição, p. 15.



105

[Registo 105] Caderno de registos. Apontamentos sobre as casas-*Mirante*, ilha da Madeira.

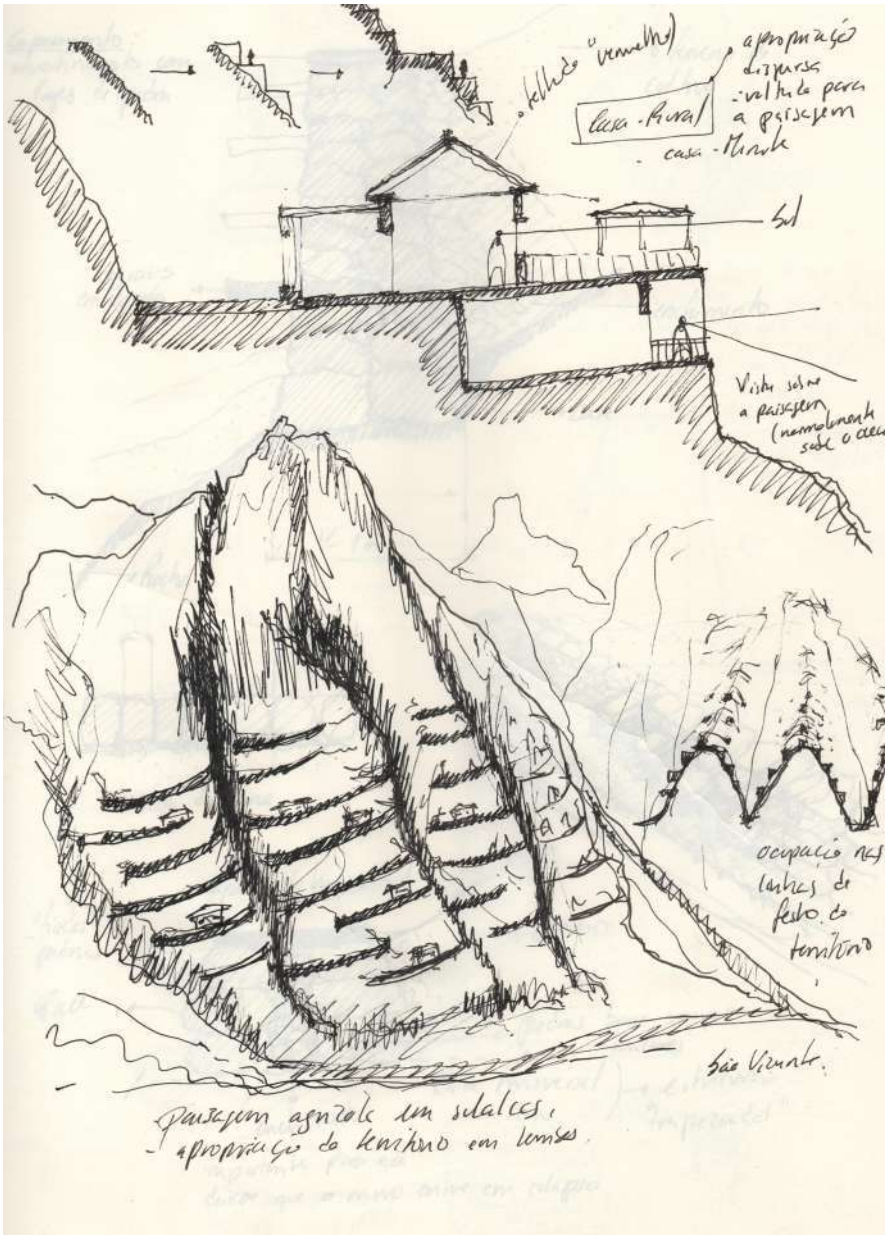
decisiva. Esta será acentuada por uma forma principal, simples e clara, e sobretudo por um telhado unificador (...) Diz-se que estes telhados ligam a casa ao terreno.[91] Neste sentido, estas estruturas são essenciais para acentuar a forma eficaz desta integração entre arquitetura e paisagem pelo facto de traduzirem uma relação entre interior-exterior das construções, enquanto *terraços* e *miradouros*, com a natureza envolvente.

A sua posição no território funciona quase como um refúgio ao tédio e à monotonia de uma vida condicionada pelos limites físicos a que uma ilha está sujeita. A seu propósito, estas casas têm a particularidade de oferecerem ao Homem, enquanto espectador, uma nova forma de olhar a paisagem, potenciando a criação de uma relação espacial e de um diálogo dinâmico entre o Homem e o lugar. Como refere Victor Mestre, estes elementos madeirenses pontuados no território, são um *contributo valioso na humanização da paisagem e constituem um elo de ligação entre o homem e a natureza.*[92] É no reconhecimento destas qualidades que é proposto este elemento estratégico, enquanto cobertura, no projeto desta dissertação de forma a *contribuir para a manutenção da paisagem cultural deste território.*[93]

A partir da consciência da valorização destes espaços, procurámos preservar e salvaguardar uma nova existência que tomou como referência o antigo, conferindo um novo momento de aproximação entre o objeto e a natureza. Esta vontade procurou se afirmar como uma hipótese de intervenção sobre o valor patrimonial destas casas e sobre as vistas que oferecem. A postura pela valorização das particularidades destes lugares teve como fundamento, a ideia defendida por Norberg-Schulz, em *Genius Loci*[94]. De acordo com as palavras defendidas por Schulz, cada lugar é possuidor de uma identidade particular que o qualifica e que o define. Estas particularidades são capazes de construir um mapa de significados e de sensações que irão definir o *espírito do lugar*. Consequentemente, a partir de um profundo entendimento sobre as características que definem este *Genius Loci* – físicas, de memórias, da sua história e de emoções – é possível a criação de uma relação harmoniosa entre o lugar e uma arquitetura que é

---

[91] NORBERG-SCHULZ, Christian, "A paisagem e a obra do Homem", in *Arquitetura: Revista de Arte e Construção* Nº 102, 1968, p.56.
[92] MESTRE, Victor, *Arquitetura Popular da Madeira*, Lisboa: Argumentum, 2002, p.30.
[93] MESTRE, Victor, Op. Cit., p.31.
[94] NORBERG-SCHULZ, Christian, *Genius Loci: Towards a phenomenology of architecture,* New York, Rizzoli, 1980.



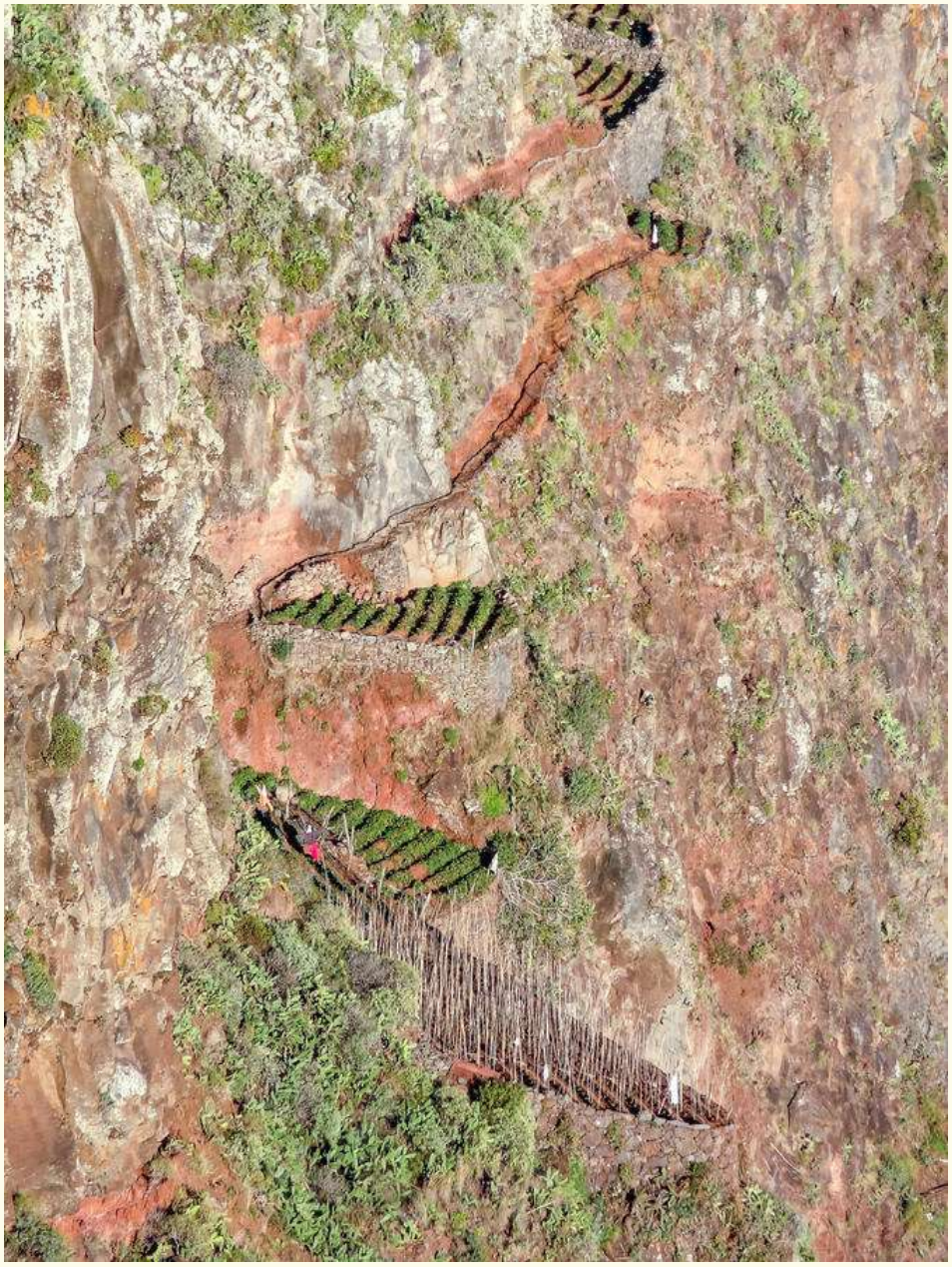
106

[Registo 106] Caderno de registos. Apontamentos sobre a disseminação das construções em Paisagem rural, ilha da Madeira.

capaz de sintetizar e reunir as suas características, aproximando-as do Homem. Este gesto de apropriação do território espelha uma sociedade que procurou, através da arquitetura, a valorização da cultura e da identidade do lugar para a transformação e redesenho da sua paisagem, realçando as preocupações que estas estruturas estabelecem perante a complexidade do lugar, preservando o seu espírito e potenciando novos gestos na construção da paisagem sem descaracterizar nem ferir a sua identidade. Estas estruturas são exemplos singulares, no contexto da arquitetura madeirense, que representam uma longa tradição de fixação no território.

Apesar da sua relevante importância, estas casas têm vindo a desaparecer por meio do abandono e do esquecimento. A transformação dos núcleos urbanos e da paisagem, foi motivada por novos modos de habitar. Antigamente, estas casas situavam-se em lugares que proporcionavam um ambiente calmo e tranquilo, num ritmo de vivência próprio. Contudo, com a inevitável transformação da paisagem e com isso, o aumento das edificações, estas estruturas foram forçadas a conviver com outras realidades, num confronto com o ritmo acelerado da vida urbana contemporânea, com a velocidade da produção de novos meios, entre a tradição e a contemporaneidade. Com o tempo, as novas edificações adquiriram características próprias, consequência das características do terreno, de fatores económicos e das próprias necessidades do Homem que estão em constante desenvolvimento. Apesar disso, algumas das novas construções apresentam-se indiferentes a este *espírito do lugar*, assumindo-se e impondo-se em relação às antigas, ferindo e descaracterizando o seu próprio contexto e provocando um processo de perda de identidade.

Perante este crescimento urbano, as *casas-mirante* começaram a dar sinais de diversos problemas associados à sua integração no tecido urbano, talvez pela sua incapacidade de se adaptarem a uma sociedade e a uma paisagem que se encontra em constante mutação. Apesar de tudo, acreditamos que é na tentativa de moldar novas formas destes elementos, que é possível transportar a sua essência enquanto estruturas de contemplação. Torna-se importante que as novas adaptações, transformações e usos destas estruturas, potenciem novas relações com os espaços e lugares que as rodeiam, prolongando-as e criando novas dinâmicas e novos diálogos, evitando que se assumam como edificações indiferentes e distantes aos traçados urbanos já existentes. Estes gestos deverão ser entendidos como ações culturais, portadoras de um saber ancestral, revelando o conhecimento destas ações em teorias e conceitos inovadores, através do *fator-tempo*.



107

[Registo 107] *Domesticando o ambiente*, ilha da Madeira, de data desconhecida.

- [tradição e identidade; memória e permanências] -

O passado vivido deve ser considerado não como uma questão de estilo mas como um elemento integrante e sempre renovado no processo de criação.[95]

As aproximações abordadas nos capítulos anteriores procuram convocar o caráter e identidade de um lugar e expressar a pertinência e a possibilidade de intervir num lugar maioritariamente esquecido, através da criação de contributos para o valorizar. Seguindo a linha de pensamento desenvolvida ao longo desta dissertação, este texto permite uma reflexão acerca da incerteza com que olhamos o passado e a tradição, enquanto um reflexo de uma memória de outros tempos, que podem assumir diferentes formas, significados e posições, criando um gesto experimental que possa ser lido como uma nova existência, numa realidade diferente àquela a que estes socalcos eram esculpidos. Assim sendo, e em busca de uma melhor identificação destes lugares, apela-se à importância da memória e à importância que os objetos físicos possam ter na vida quotidiana e na consequente paisagem enquanto reflexo da história de um coletivo, sob o *fator-tempo*, não só enquanto construção e transformação da paisagem, mas também enquanto objeto potenciador de uma ação de projeto.

A noção e compreensão da paisagem descrita no texto *Notas sobre territórios em socalcos*, dá a matéria para a reflexão e procura de um esclarecimento e clarificação de temas como a *tradição*, *história*, *memória* e *permanência*, na sua respetiva e relevante importância para a construção de um lugar. Como já foi referido, as permanências que existem no terreno que foi escolhido como caso de estudo desta dissertação, são os socalcos e a sua importância enquanto parte de um todo que desenha e constrói a paisagem. Desta forma, o nosso gesto de projeto não procurou ser uma resposta objetiva de um *modo de intervir* nestes territórios, mas antes refletir sobre alguns temas por eles suscitados - num *experimento* - que possibilite convocar a noção de um *saber coletivo* que permita compreender a história do seu passado e para que seja possível fazer arquitetura no presente.

A noção de *tradição* está associada a um conjunto de temas que es-

---

[95] KAHN, Louis, in I. Conversas com Estudantes, 2002.

tão na base da identidade de uma sociedade. A cultura, herança ou conhecimento, são palavras que reveladas por objetos, memórias ou edifícios, tornam-se no reflexo da história de uma população. Na verdade, a tradição funciona como uma espécie de testemunho de um *saber comum*, através da passagem de conhecimentos e saberes entre gerações sob a forma de práticas, modos de vida, técnicas de construção, formas e espaços, mas que está constantemente a sofrer alterações e atualizações ao longo do tempo. Trata-se de um processo que embora seja lento, é contínuo, e está em constante mutação e evolução.

A tradição não é aquilo que confina, guarda e garante a memória do passado, como alguns pensam, mas a substância que garante o futuro, a continuidade da cultura, o encontro permanente com outros equilíbrios.[96]

Nesta dissertação, a noção de tradição procura ser entendida enquanto sabedoria e conhecimento que permite viver o presente e incentiva a olhar para o futuro, sem esquecer o passado. O socalco enquanto testemunho de um passado, deve ser visto como um objeto que pode ser manipulado na procura de acrescentar um valor ao presente, numa contínua evolução coletiva. A tradição precisa de ser questionada como uma forma de confrontar uma realidade que se quer atualizar numa constante evolução onde por vezes, a sociedade parece romper a tradição num gesto de mudança que muitas vezes está associado ao desejo e à vontade de uma inovação ou simplesmente pelo cansaço.

Um lugar que serve apenas um propósito particular tornar-se-á rapidamente inútil. Segundo, é evidente que um lugar pode ser "interpretado" de diferentes maneiras. De facto, proteger e conservar o genius loci significa concretizar a sua essência em sempre novos contextos históricos.[97]

Norberg-Schulz faz-nos entender a noção de *genius loci* como uma verdade que está em persistente desenvolvimento, atualizando-se perante as novas necessidades e realidades do Homem. Contudo não é possível afirmar que um completo esquecimento do passado possa trazer vantagens, ou seja, não é possível assegurar uma evolução desprendendo-se e

---

[96] SANTOS, Juan Domingos, *La tradición innovada: escritos sobre regresión y modernidade,* Barcelona: Fundación Caja de Arquitetos, 2013, p.8.
[97] NORBERG-SCHULZ, Christian, *Genius Loci: Towards a phenomenology of architecture*, New York, Rizzoli, 1980, p. 18.

desligando-se do passado. Como refere Juan Domingos, *o progresso não está apenas relacionado com a mudança ou alteração, mas também com a necessidade de não destruir ou denegrir o presente e o passado.*[98] Assim a procura por uma nova visão não se deve prender por um olhar cego, pelo desejo de inovação ou pela novidade e vontade de um progresso, mas deve ser antes uma procura por atualizar o passado com o objetivo de responder às necessidades do presente. O arquiteto não deveria se deixar *esquecer que além de criar a experiência do espaço distinto e único, a tarefa fundamental da arquitetura é preservar e concretizar um sentido de continuidade cultural e salvaguardar a nossa experiência do passado ou, mais precisamente, preservar a nossa experiência da continuidade da cultura e da vida.*[99]

Por outro lado, a memória sendo um dispositivo com uma infinidade de relações e experiências e por isso, transporta um sentido de permanência, está inevitavelmente associada à tradição. A sua relação com o lugar é essencial visto que este é o responsável por criar e fomentar memórias que permitem identificarmos e relacionarmo-nos melhor com o lugar. Neste sentido, a memória faz parte da identidade de uma sociedade na sua cultura e nas suas tradições, carregando um sentimento de pertença e permanência. A memória é a preservação de um conjunto de experiências e conhecimentos adquiridos ao longo do tempo, de caráter pessoal ou coletivo, que é vista como um dos maiores instrumentos que *aprisionam* o passado mas que, ao mesmo tempo, permite ser vista como um complemento ao estudo e perceção do caráter do lugar.

De facto, a memória é o fator que nos relembra o passado a qualquer momento e de diversas maneiras, pessoais ou coletivas, mas passam por ser criações mentais fomentadas pelo lugar ou podem estar intimamente relacionadas com objetos físicos desse mesmo lugar. Esta relação de *tempo-espaço* faz com que estes lugares tenham a capacidade de fazer com que as nossas memórias façam parte da construção da arquitetura e da sua composição no presente. Como indica Juhani Pallasmaa, *(...) a arquitetura é uma extensão funcional tanto das nossas faculdades físicas quanto mentais. E, acima de tudo, é também uma extensão e uma externalização da memória.*[100]

---

[98] SANTOS, Juan Domingos, Op.Cit. p.67.
[99] PALLASMAA, Juhani, *Habitar*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 2017, p. 117.
[100] PALLASMAA, Juhani, Op. Cit. p. 113.

Como foi analisado anteriormente, é necessário um conhecimento do passado para atuar no presente. Neste processo, a memória assume um caráter essencial pelo facto de constituir uma espécie de *glossário* de um conhecimento anterior. A capacidade de relembrarmos o passado para construir o presente através de nós mesmo e das nossas experiências, faz com que a memória seja um tema completamente ligado, mas independente do tempo. Ou seja, é através do *motor-tempo* que é possível criar memórias para depois manipulá-las e fazendo coexistir diferentes momentos entre o passado e o presente, que o arquiteto transforma em conhecimento na altura de tomar uma decisão de projeto. A capacidade de, através do imaginário, relacionar memórias de tempos diferentes, faz com que a arquitetura transcenda a noção de tempo, numa reflexão que une o passado, o presente e o futuro, relacionando-os para a conceção de algo novo que possibilitará a criação de novas memórias.

Da mesma maneira que já foi referido, a memória também pode estar intrinsecamente ligada e relacionada com a presença física de objetos, espaços ou edifícios. Deste modo, Aldo Rossi menciona que *estas permanências são reveladas através de monumentos, os sinais físicos do passado, bem como sobre a persistência dos planos e distribuição base da cidade (...). Por vezes estes artefactos persistem virtualmente inalterados dotados de uma contínua vitalidade; outras vezes eles esgotam-se a si próprias e depois apenas a permanência da sua forma, do seu visual físico, mantem o seu locus*.[101]

As permanências arquitetónicas de que falamos têm nos socalcos, um caráter particular. Um socalco envolve-nos numa noção de tempo diferente, pois enquanto nos deparamos com ele e apesar de visualizarmos as marcas do tempo, é possível fazer um exercício de imaginação daquilo que já foi ou que possa ter sido noutros tempos mas, ainda mais importante, das potencialidades e possibilidades que poderá vir a ter. Deste modo, apesar de representarem uma época e cultura do passado, fazem parte do presente e do desenho da paisagem do lugar em que se insere o objeto de estudo.

A erosão natural e os traços do uso "humanizam" as edificações e as paisagens construídas ao tornarem palpável a sua história épica do tempo[102]

---

[101] ROSSI, Aldo, *The Architecture of the city*, Londres: The MIT Press, 1982, p.59.
[102] PALLASMAA, Juhani, Op. Cit. p. 118.

As recolhas e interpretações provocadas por estas permanências procuram clarificar a sua importância enquanto memória de um passado que se apresenta disponível e que convida à sua transformação ou manipulação. Assim sendo, a noção de que o passado não nos mostra apenas o que de bom existiu, mas também as suas fragilidades, permitem com que a *nova* arquitetura deva ser capaz de se projetar no tempo, através de novas apropriações e interpretações culturais.

Do mesmo modo, é possível compreender que a arquitetura representa a identidade de um povo. Os lugares e o seu património são representações e reflexões da identidade de um passado que agora encontra, através destas permanências, a sua interpretação no presente. São fragmentos de memórias que representam momentos de uma história e cultura coletiva. Estas permanências apresentam a capacidade de nos fazerem relembrar outros tempos, carregando as marcas da passagem do mesmo, e é nesta relação que é possível compreender que estas permanências transportam consigo camadas de história deixando-nos experienciar no presente, objetos do passado. Só assim é possível a criação de uma arquitetura que é capaz de transportar e transformar o passado, atualizando-o. Trata-se de uma readaptação aos novos tempos, a novas realidades e a novas premissas.



108

[Registo 108] Casa *torna* Paisagem, Seixal, ilha da Madeira.

- Arquitetura *torna* Paisagem -

(...) o olhar de quem imagina, de quem quer ver para imaginar melhor não pretende chegar a um fim, a um resumo, pretende apenas continuar, descobrir novos pretextos para continuar a olhar.[103]

Chegamos ao final de um percurso da mesma forma que o iniciámos, experimentando. A partir deste ato de experimentar, é agora possível defender que a arquitetura não procura verdades absolutas e que, para determinada situação, existem inúmeras soluções possíveis que dependem essencialmente, de quem as lê. Neste sentido, a presente dissertação comprometeu-se a dar resposta a um problema em contexto real: construir (n)a Paisagem. Ainda assim, o resultado obtido não procurou assumir-se como uma "nova verdade", mas antes, procura ser entendido como um exercício que "aponta" um novo caminho no modo de atuar no território, ambicionando a construção de uma postura crítica e pessoal, que pretende usar o valor da história e da cultura do passado, de forma presente e operativa, consolidando os traços identitários de um *construir a paisagem*.

Gonçalo M. Tavares recorda-nos como *o homem, na sua dignidade, regressa a casa para o sem resposta*[104], e neste sentido, nada do que foi desenvolvido nesta dissertação pretende ser uma resposta absoluta, concluída e engavetada, mas o compilatório de um exercício de possibilidades com que nos comprometemos perante um contexto real e atual. Deste modo, o desenho da Casa Experimental enquanto dispositivo que permite olhar o território, potenciou a valorização dos aspetos identitários e patrimoniais da ilha, estimulando uma relação dinâmica entre o Eu – pessoa e arquiteto – e a paisagem que habitamos.

Sem esquecer a grande evolução da população na apropriação do território madeirense, de modo inconciliável em alguns casos, nesta dissertação procurámos referir a ideia de habitar um território, que sofreu um processo único de transformações ao longo do tempo, mas que pode tomar diferentes formas em qualquer lugar, sem esquecer a sua identidade.

---

[103] TAVARES, Gonçalo M., *Atlas do Corpo e da Imaginação*, Alfragide: Editorial Caminho, p.382.
[104] TAVARES, Gonçalo M., Op. Cit., p.361.

A pertinência dos temas desenvolvidos ao longo da parte teórica do trabalho, serviram de ferramentas essenciais não só como ponto de partida do projeto, mas também acabaram por aparecer ao longo do desenvolvimento do mesmo, como um complemento e um suporte das vontades de projeto. Esta atitude estratégica na concretização da parte teórica, permitiu interligar de maneira quase imediata, o conhecimento adquirido com as consequentes estratégias e gestos de projeto que foram surgindo. Contudo, existiu sempre a preocupação de que estes temas teóricos não comprometessem a vontade experimental, ou seja, procurámos que estas temáticas não caíssem numa espécie de "bloqueio mental", potenciando assim, novas possibilidades e novas maneiras de habitar esta paisagem em socalcos. Neste sentido, percebemos que intervir num passado, cria oportunidades e condicionantes no trabalho de um arquiteto, onde a parte mais importante será, de facto, o diálogo entre o lugar, a preexistência e a sua transformação, encarada aqui, como um novo *corpo* – o *espaço-casa*. Trata-se, portanto, de uma interpretação e entendimento da circunstância de projeto, e do conhecimento a nível histórico e cultural da ação do Homem no território insular, assegurando que a nova intervenção não procura apagar o passado, mas servir-se dele de forma a propor um novo gesto de se apropriar do elemento *socalco* que caracteriza este território e, portanto, faz parte do testemunho da cultura de uma sociedade.

Sabemos que estes testemunhos do passado são, mais do que um *arquivo histórico* de um *saber da gente*, os dispositivos que podem garantir a ligação entre o presente e um futuro, em que a arquitetura é a principal ferramenta que permite consciencializar e tornar real, todo o processo que está em constante evolução e transformação. Neste gesto experimental, os socalcos são considerados os grandes mecanismos e artefactos de memória de uma paisagem e, como tal, transportámos o seu papel de definição, construção e apropriação do território, de forma a construir uma *mirada* que se quer conhecedora destes elementos, imaginando aquilo que poderiam ter sido e procurando, a partir de uma realidade contemporânea, aquilo que poderão vir a ser. Acreditamos também, que a ocupação destes dispositivos está sujeita a uma atualização de um tempo presente, onde a noção do habitar está ditada pelo conforto e domínio adequado à rotina de uma vida agitada, restando apenas a *consciência* do lugar e do objeto, como o conjunto de uma acumulação de memórias, que está presente na continuidade de uma realidade atual. Entenda-se que esta intervenção não se "apodera" do socalco apenas como elemento cenográfico, mas também como um dispositivo que confere regra à paisagem, servindo de *guia* para o diálogo em continuidade da ilha da Madeira.

De facto, o estudo e o conhecimento dos s*aberes da gente* do passado, pertence ao modo de fazer e olhar o presente, onde a tradição, enquanto *guião de referências*, descreve um percurso que permite produzir um *novo gesto*. Gesto esse que, dominando os princípios transportados ao longo deste percurso académico, permitirá que seja possível nos identificarmos com uma arquitetura que assumirá um papel reformulador da paisagem que habitamos, numa permanente relação entre o Homem e o território. O projeto representa um *exercício de pensar atento às analogias e correspondências, aos traços que unem os pedaços do mundo da experiência, que unem, enfim, os seus fragmentos.*[105]

Efetivamente, se a essência destas arquiteturas reside na relação com o lugar, nas experiências de quem as habita e nas memórias de outros tempos ali vividos, importa que estas novas intervenções garantam, acima de tudo, uma forte ligação às pessoas e ao lugar onde são implantadas. Só assim é que estas *novas arquiteturas* não apagam memórias, mas antes, procuram atingir o equilíbrio entre o antigo e o novo, viabilizando a continuidade de uma cultura e de uma história que agora, se adapta às novas necessidades.

Dada a componente prática desta investigação, a proposta de um Casa Experimental no terreno do Socalco, quer ser compreendida como um exercício de projeto que não pretende encerrar este percurso com a *exigência* por uma reflexão de base teórica, que justifique todo o processo que levou ao resultado final. Ainda assim, procura estimular um olhar atento às *novas arquiteturas* que habitam e transformam a paisagem. Com isto, entende-se que o projeto também não quer ser lido como um produto final que, pela quantidade de informação que é desenvolvida a par do projeto, teria com certeza ajustes e retificações. Centra-se, essencialmente, numa *postura pessoal*, que quer ser partilhada por todos, e que procura alertar para a necessidade de ligação entre a Arquitetura e a Paisagem, no sentido de conservar, preservar e valorizar a identidade de um território, de forma a garantir a passagem de um testemunho num *continuum* temporal.

Este território foi e continua a ser um local de "torna viagem", de visita cíclica, de atração permanente.[106]

---

[105] MIRANDA, José Bragança de, *Teoria da Cultura*, Lisboa: Século XXI, p. 54.
[106] MESTRE, Victor, *Arquitetura popular da Madeira*, Lisboa, Argumentum, 2002, p. 31.

- Bibliografia -

Livros

BORRACHO, Carlos; D. DIAS, Maria João, *O espaço e o Homem – Perspetivas Multidisciplinares*, Lisboa, Edições Silabo, Lda, 2010.

DOMINGUES, Álvaro, *A Vida no Campo*, Edições de Arquitetura, Dafne Editora, 1ª edição.

FADIGAS, Leonel, *Fundamentos ambientais de ordenamento do território e da paisagem*, Lisboa, Edições Sílado, 2006.

FIGUEIREDO, Albano, *Calheta: património natural*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008.

HÉLDER. Herberto, *Poesia Toda (1953-1980)*, Lisboa, Assínio e Alvim, 1981.

KOOLHAAS, Rem, *Small, Medium, Large, Extra-Large*, 2ª ed. New York, The Monacelli Press, 1998.

LOPES, Carlos Nuno Lacerda, *Arquitetura e modos de habitar: Conversas com arquitetos*, Porto, Edição CIAMH, 2012.

MENDES, Manuel, *Sobre o projeto de arquitetura de Fernando Távora: "minha casa"*, Porto: FIMS, 2015.

MENDONSA, Maria, *A Ilha da Madeira vista por intelectuais e artistas Portugueses*, 2ª ed. Funchal, Eco do Funchal, 1969.

MESTRE, Victor, *Arquitetura popular da Madeira*, Lisboa, Argumentum, 2002.

MILANO, Maria; CREMASCOLI, Roberto, "Eduardo Souto de Moura. Gosto de Chegar a Casa", in *A Casa de Quem faz Casas*, Matosinhos, Cardume Editores, Lda, 2016.

MILANO, Maria; CREMASCOLI, Roberto, "Sérgio Fernandez. Um Espaço de Liberdade", in *A Casa de Quem faz Casas*, Matosinhos, Cardume

Editores, Lda, 2016.

NEPOMUCENO, Rui Firmino, *A Madeira Vista por Escritores Portugueses (Séculos XIX e XX)*, Funchal: Empresa Municipal Funchal 500 anos, 2008.

NORBERG-SCHULZ, Christian, *Genius Loci: Towards a phenomenology of architecture*, New York, Rizzoli, 1980.

PALLASMAA, Juhani, *Encontros: Ensaios de arquitetura [Vol. 1]*, Helsínquia, Publicação Rakennustieto, 2005.

PALLASMAA, Juhani, *Habitar*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 2017.

PALLASMAA, Juhani, *Os Olhos da Pele. A arquitetura e os sentidos*, Porto Alegre: ARTMED Editora S.A, 2005.

RODRIGUES, José Miguel, *O Mundo Ordenado e Acessível das Formas em Arquitetura, Tradição Clássica e Movimento Moderno na Arquitetura Portuguesa: dois exemplos*, Porto, Edições Afrontamento, 2013.

RODRIGUES, Sérgio Fazenda, *A Casa dos Sentidos*, Lisboa: Uzina Books, 2013.

ROSSI, Aldo, *The Architecture of the city*, Londres: The MIT Press, 1982.

SANTOS, Juan Domingos, *La tradición innovada: escritos sobre regresión y modernidade*, Barcelona: Fundación Caja de Arquitetos, 2013.

SIZA VIEIRA, Álvaro, *Imaginar a Evidência*, Lisboa: Edições 70, 2013.

TAVARES, Gonçalo M., *Atlas do Corpo e da Imaginação*, Alfragide: Editorial Caminho, 2013.

TÁVORA, Fernando, *Da Organização do Espaço*, Porto, FAUP Publicações, 2007.

TÁVORA, Fernando, *Teoria Geral da Organização do Espaço. Arquitectura e Urbanismo: a lição das constantes*, FAUP Publicações, 1993.

VENTURI, R., *Complejidad y contradicciòn en la arquitectura (1966)*, Editorial Gustavo Gili S.A., Barcelona, 2003.

ZUMTHOR, Peter, *Atmosferas*, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2006.

Publicações Periódicas

BAPTISTA, Luis Santiago, "Paisagens sintéticas: RCR Architects e Paulo David", in *ARQ/A nº 50*, Lisboa, 2007.

CAMPOS MATOS, Rui, "Os poios agrícolas da Madeira" in Diário de Notícias.

COSTA, Marcelo, "A Nossa Cidade (ou a etopia urbana)", in *Islenha* nº12, 1993.

DA SILVA, João Gomes, "Paulo David: la arquitetura del mundo en cada lugar", in *2G – Paulo David* nº 47, Barcelona, 2008.

DOMINGUES, Álvaro, "paisagem e identidade: à beira de um ataque de nervos", in *duas linhas*, Lisboa, 2009.

KAHN, Louis, I. Conversas com Estudantes, 2002.

MOURA, Eduardo Souto de, *2G Revista internacional de arquitetura*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 1998.

NETO, Liliana, "O Património Construído na Paisagem Madeirense", in *ILHARQ* nº6, 2006.

NORBERG-SCHULZ, Christian, "A paisagem e a obra do Homem", in *Arquitetura: Revista de Arte e Construção* nº 102, 1968.

SALEMA, Rosário, "Quanto (de) tempo tem uma paisagem?", in Jornal dos Arquitectos, nº 229, *Tempo*, Publicação da Ordem dos Arquitectos, Caleidoscópio, Lisboa, 2007.

Websites/Publicações Online

Câmara Municipal da Calheta – Freguesia do Estreito da Calheta, História, 2015. [consultado a 23/03/2020]. Disponível em: https://www.cmcalheta.pt/pt/municipio/concelho/freguesias/estreito-da-calheta?fbclid=IwAR1km-p2zfWsCuEpge6vuEjc-m5PVLchMX4yXaX_9J0twCbgGGP6z-fx8VZE.

Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira, ABM 2021. [consultado a 23/10/2020]. Disponível em: https://abm.madeira.gov.pt/pt/inicio/?fbclid=IwAR3lUtRIs5X3NqW6m7hhUx9CEaHisynJrpFf8z8TC-vdVHGHDIDhFtoIRMCg.
Geodiversidade, Região Autónoma da Madeira, SRA 2016. [consultado a 17/01/2021]. Disponível em:
https://geodiversidade.madeira.gov.pt/21-geodiversidade.html?fbclid=IwAR2pgAhh9iNut8pcElsW1rCWmICMGt6cU7Na5V-RSUKnCNc_kXFu0f8qbK8#cortes-geologicos.

Infopédia, Dicionários Porto Editora, 2003-2021 Porto Editora, Porto. [consultado a 19/03/2021]. Disponível em: https://www.infopedia.pt/.

ITLA, Project ALPTER – Terraced Landscapes of the alpin arc, 2019. [consultado a 10/05/2020]. Disponível em: https://www.alpter.net/The-Fourth-World-Congress-of.html?fbclid=IwAR1alGLWVwB0Re7T4x0f-VjXke2DLXffkGZ8n_asqLAqZcHXyYsEuH0pIic8.

IV ITLA Terraced Landscapes World Congress, "Re-Enchanting Terraces – Canárias, Março, 2019", ITLA MAC, 2021. [consultado a 15/05/2020]. Disponível em: http://terracedlandscapes2019.es/en/?fbclid=IwAR2C_bI62E0QUqxOABcx2ReVIJnbZKe4SDK8Xvc42Ct5IUj057HGx--RUKeU.

Muros de Pedra Seca, British Trust for Conservation Volunteers, Trad. por António de Borja Araújo, IST, Maio 2008. [consultado a 6/07/2020]. Disponivel em: https://5cidade.files.wordpress.com/2008/05/muros-de-pedra-seca.pdf.

- Lista e Créditos de Imagem -

- Nota Introdutória -

[Registo 1] - Aproximação à ilha da Madeira, Gravura de autor desconhecido, século XIX, Funchal.
Disponível em: Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira.
Consultado a: 04/01/2020.

(I) (re)Conhecer o Território. Uma Aproximação à ilha da Madeira.

[Registo 2] – Enquadramento do arquipélago da Madeira.
Disponível em: Plano Regional do Ordenamento da Região Autónoma da Madeira, 2015.
Consultado a: 04/01/2020.

[Registo3] – Maciço Rochoso Central, Pico Ruivo.
Fotografia da Autora.

[Registo 4] – Mapa dos declives da ilha da Madeira.
Disponível em: Plano Regional do Ordenamento da Região Autónoma da Madeira, 2015.
Consultado a: 04/01/2020.

[Registo 5] – Corte geográfico da ilha da Madeira.
Disponível em: Geodiversidade Região Autónoma da Madeira, in https://geodiversidade.madeira.gov.pt/21-geodiversidade.html?fbclid=IwAR2pgAhh9iNut8pcElsW1rCWmICMGt6cU7Na5V-R-SUKnCNc_kXFu0f8qbK8#cortes-geologicos.
Consultado a: 17/01/2020.

[Registo 6] – Curral das Freiras, 1900 (?), Autor Desconhecido.
Disponível em: Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira.
Consultado a: 18/02/2020.

[Registo 7] – Paisagem Humanizada, Curral das Freiras, Ilha da Madeira.
Fotografia da Autora.

[Registo 8] – Apropriação do Homem no Território, Vale da Serra de Água, ilha da Madeira, Autor Desconhecido.
Disponível em: https://www.lido-tours.com/pt/levadas/vale-serra-dagua.html.
Consultado a: 19/02/2020.

[Registo 9] – Domínio do Homem no território madeirense em zona costeira, Ponta Delgada.

Disponível em: https://drivemagazine.eu/madeira-unnepek-2649493705.html.

Consultado a: 19/02/2020.

[Registo 10] – Abertura da estrada entre o Seixal e o Porto Moniz, data desconhecida, Autor Desconhecido.

Disponível em: Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira.

Consultado a: 04/01/2020.

[Registo 11] – Construção da estrada regional que faz a ligação ao Curral das Freiras, de data desconhecida, Autor Desconhecido.

Disponível em: Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira.

Consultado a: 04/01/2020.

[Registo 12] – Ponte de madeira e caminho rural sobre a ribeira do Inferno, linha limite entre os concelhos de São Vicente e Porto Moniz, Fotógrafo Raúl Perestrello.

Disponível em: Museu Vicentes, in https://arquivoabm.madeira.gov.pt/details?id=74456.

Consultado a: 10/04/2020.

[Registo 13] – Cabo Girão, Fotografia de Hans Tschida, Funchal, 1930.

Disponível em: Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira.

Consultado a: 04/01/2020.

[Registo 14] – Entre duas vilas, São Vicente e Porto Moniz, fotografia de Paulo Moreira.

Disponível em: https://retratosdeportugal.blogspot.com/2011/05/madeira-estrada-entre-sao-vicente-e.html.

Consultado a: 19/02/2020.

[Registo 15] – Estrada regional em ziguezague, Curral das Freiras, fotografia de Magno Bettencourt.

[Registo 16] – Os poios agrícolas, ilha da Madeira, 2019.

Disponível em: "Madeira, os Famosos Poios", in https://roinesxxi.blogs.sapo.pt/madeira-os-famosos-poios-1621736.

Consultado a: 14/07/2020.

[Registo 17] – Paisagem agrícola, ilha da Madeira, 2008, Fotografia de Francisco Simão.

Disponível em: "Gentes e Locais", in https://olhares.com/ilha-da-madeira-vii-foto1996200.html.

Consultado a: 19/02/2020.

[Registo 18] – Construção da Levada do Norte, décadas de 40/50, século XX, Serra de Água, Ribeira Brava, Autor Desconhecido.

Disponível em: Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira.

Consultado a: 04/01/2020.

[Registo 19] – Levada dos Piornais, de data desconhecida.

Disponível em: Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira.

Consultado a: 04/01/2020.

[Registo 20] – Casa de pedra com cobertura de colmo à beira de um caminho rural, ilha da Madeira, 1905.

Disponível em: Museu Vicentes, in https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=548491.

Consultado a: 10/04/2020.

[Registo 21] – Retrato de homem numa vereda com uma casa rural ao fundo, ilha da Madeira, 1905.

Disponível em: Museu Vicentes, in https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=552682.

Consultado a: 10/04/2020.

[Registo 22] - Adaptação da construção das casas no território, Campo da Barca, ilha da Madeira.

Fotografia da Autora.

(II) O terreno do Socalco

[Registo 23] - Disseminação das construções. Paisagem rural em socalcos, Curral das Freiras.

Disponível em: Diário de Notícias Lda., 2018, in https://freguesias.dnoticias.pt/curral-das-freiras--tera-roteiro-turistico/

Consultado a: 15/06/2020.

[Registo 24] - Disseminação das construções. Paisagem rural em socalcos, Curral das Freiras, Fotografia de Pedro Monteiro.

Disponível em: Lido Tours, in https://www.lido-tours-travel.com/pt/excursoes/curral-das-freiras.html

Consultado a: 15/06/2020.

[Registo 25] – Disseminação das construções, Campanário, ilha da Madeira.

Fotografia da Autora.

[Registo 26] – Aglomerados populacionais em zona de encosta, Ribeira

Brava, ilha da Madeira.
Fotografia da Autora.

[Registo 27] – Caderno de registos. Apontamentos sobre a apropriação das construções em Paisagem Rural, ilha da Madeira.
Registos da Autora.

[Registo 28] – Dispersão das casas rurais com os respetivos terrenos agrícolas, Câmara de Lobos, ilha da Madeira.
Fotografia da Autora.

[Registo 29] – Novas construções em terrenos agrícolas, Calheta, ilha da Madeira.

[Registo 30] – Novos modelos, desligados da cultura da terra, Campanário, ilha da Madeira.
Fotografia da Autora.

[Registo 31] - Localização do concelho da Calheta e respetiva divisão em freguesias.
Disponível em: FIGUEIREDO, Albano, *Calheta: património natural, Coimbra*, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008.

[Registo 32] – Vista sobre o Arco da Calheta, Calheta e Estreito da Calheta, de data desconhecida. Fotografia de autor desconhecido.
Disponível em: Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira.
Consultado a: 05/05/2020.

[Registo 33] – Vista sobre a costa da Calheta, ilha da Madeira
Fotografia da Autora.

[Registo 34] – Ocupação do povoamento nas zonas mais baixas, Campanário, de data desconhecida. Fotografia de autor desconhecido.
Disponível em: Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira.
Consultado a: 05/05/2020.

[Registo 35] – Ocupação do povoamento nas zonas altas da encosta da Eira do Mourão, século XIX. Fotografia de Perestrellos Photographia.
Disponível em: Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira.
Consultado a: 05/05/2020.

[Registo 36] – Litografia da Vila da Calheta, de James Bulwer, 1827.

Disponível em: Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira.
Consultado a: 08/05/2020.

[Registo 37] – Povoamento no cimo dos lombos, Calheta, ilha da Madeira.
Fotografia da Autora.

[Registo 38] – Desembarque de turistas na praia da Calheta, 1934. Fotografia de autor desconhecido.
Disponível em: Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira.
Consultado a: 08/05/2020.

[Registo 39] – Turistas a caminho das zonas altas da Calheta, 1934. Fotografia de Willem van de Poll.
Disponível em: Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira.
Consultado a: 08/05/2020.

[Registo 40] – Calheta vista a partir do Mar, 1940. Fotografia de Perestrellos Photographia.
Disponível em: Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira.
Consultado a: 05/05/2020.

[Registo 41] – Vista sobre o Paúl do Mar, 1940. Fotografia de Perestrellos Photographia.
Disponível em: Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira.
Consultado a: 05/05/2020.

[Registo 42] – Vista sobre o povoamento na Vila da Calheta, início dos anos 90. Fotografia de autor desconhecido.
Disponível em: Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira.
Consultado a: 08/05/2020.

[Registo 43] – Povoamento nos lombos até às zonas costeiras de frente-mar, Estreito da Calheta, ilha da Madeira.
Fotografia da Autora.

[Registo 44] – *Camadas de socalcos exuberantes esculpidos à mão em encostas íngremes.* Câmara de Lobos, 1959. Fotografia de B. Anthony Stewart, National Geographic Stock.
Disponível em: Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira.
Consultado a: 20/09/2020.

[Registo 45] – *Agricultores conduzem uma novilha numa estrada de para-*

lelipípedos que passam por socalcos, Câmara de Lobos, de data desconhecida. Fotografia de David Boyer, National Geographic Stock.
Disponível em: Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira.
Consultado a: 20/09/2020.

[Registo 46] – Paisagem agrícola em socalcos, Crista do Galo, Serra de Água, de data desconhecida. Fotografia de autor desconhecido.
Disponível em: Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira.
Consultado a: 08/09/2020.

[Registo 47] – *Jardins Suspensos*, Ilha da Madeira, de data desconhecida.
Disponível em: http://www.ocean-retreat.com/culture/madeiras-terraced-landscape-or-poios/
Consultado a: 16/01/2021.

[Registo 48] – Localização e identificação do terreno do Socalco.
Fotografia do Atelier MSB Arquitetos.

[Registo 49] – Vista sobre a casa-mãe e identificação do socalco da intervenção.
Fotografia do Atelier MSB Arquitetos.

[Registo 50] - Levantamento fotográfico de elementos que caracterizam o terreno do Socalco.
Fotografia da Autora.

[Registo 51] - Levantamento fotográfico de elementos que caracterizam o terreno do Socalco.
Fotografia da Autora.

[Registo 52] - Levantamento fotográfico de elementos que caracterizam o terreno do Socalco.
Fotografia da Autora.

[Registo 53] – A Sul, vista sobre a praia e Vila da Calheta.
Fotografia da Autora.

[Registo 54] – A Poente, vista sobre o Centro das Artes – Casa das Mudas, do Arquiteto Paulo David.
Fotografia da Autora.

[Registo 55] – A Sul, vista sobre a área de intervenção.
Fotografia do Atelier MSB Arquitetos.

[Registo 56] – A Poente, vista sobre a área de intervenção.
Fotografia do Atelier MSB Arquitetos.

[Registo 57] – Muros dos socalcos.
Fotografia da Autora.

[Registo 58] – Muro do socalco com a integração das escadas em consola.
Disponível em: MESTRE, Victor, Arquitetura Popular da Madeira, Argumentum, Lisboa, 2002.

[Registo 59] – Caderno de registos. Desenhos da construção dos muros.
Desenhos elaborados pela Autora.

(III) (por) uma Casa Experimental

[Registo 60] – *Levadas vertiginosas*, Caminhada na Levada dos Piornais, de data desconhecida. Fotografia de Varvara.
Disponível em: Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira.
Consultado a: 15/02/2021.

[Registo 61] – Construção da Levada do Norte, décadas de 40/50 do século XX, Ribeira Brava. Fotografia de Perestrellos Photographia.
Disponível em: Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira.
Consultado a: 15/02/2021.

[Registo 62] – *A via fluvial também serve como caminho para o agricultor que caminha das terras altas até ao mercado*, Levada dos Piornais, de data desconhecida. Fotografia de Jonathan Blair, National Geographic Stock.
Disponível em: Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira.
Consultado a: 15/02/2021.

[Registo 63] – Vista sobre o terreno do Socalco.
Fotografia do Atelier MSB Arquitetos.

[Registo 64] – Maquete do terreno do Socalco. Escala 1/200.
Maquete elaborada pela Autora.
Fotografia da Autora.

[Registo 65] – Caderno de registos. Apontamentos sobre o desenvolvimento do projeto.
Desenhos elaborados pela Autora.

[Registo 66] – Caderno de registos. Apontamentos sobre o desenvolvi-

mento do projeto.
Desenhos elaborados pela Autora.

[Registo 67] – Caderno de registos. Apontamentos sobre o desenvolvimento do projeto.
Desenhos elaborados pela Autora.

[Registo 68] – Caderno de registos. Apontamentos sobre o desenvolvimento do projeto.
Desenhos elaborados pela Autora.

[Registo 69] - Caderno de registos. Apontamentos sobre o desenvolvimento do projeto.
Desenhos elaborados pela Autora.

[Registo 70] – Maquete da proposta de intervenção. Perspetivas sobre a sucessão de espaços do volume da casa. Escala 1/100.
Maquete elaborada pela Autora.
Fotografia da Autora.

[Registo 71] - Maquete da proposta de intervenção. Perspetivas sobre a sucessão de espaços do volume da casa. Escala 1/100.
Maquete elaborada pela Autora.
Fotografia da Autora.

[Registo 72] – Caderno de registos. Apontamentos sobre pormenores do muro do socalco desenvolvidos ao longo do projeto.
Desenhos elaborados pela Autora.

[Registo 73] – O lugar de reunião familiar. Casa do Rabaçal, de Willem van de Poll, 1934.
Disponível em: Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira.
Consultado a: 18/03/2021.

[Registo 74] - Caderno de registos. Apontamentos sobre o desenvolvimento do projeto.
Desenhos elaborados pela Autora.

[Registo 75] – Maquete da proposta de intervenção. Perspetiva sobre o interior da casa. Escala 1/100.
Maquete elaborada pela Autora.
Fotografia da Autora.

[Registo 76] – Maquete da proposta de intervenção. Perspetiva sobre o alçado que estabelece a ligação ao Percurso do projeto. Escala 1/100.

Maquete elaborada pela Autora.

Fotografia da Autora.

[Registo 77] – Maquete do terreno do Socalco. Perspetiva sobre a ligação do Percurso até às Grutas. Escala 1/200.

Maquete elaborada pela Autora.

Fotografia da Autora.

[Registo 78] - Caderno de registos. Apontamentos sobre o desenvolvimento do projeto.

Desenhos elaborados pela Autora.

[Registo 79] - *Men at fire*. Homem em Fogo. Quadro de Teun Hocks, 1990.

Disponível em: https://changingworld.com/fire-warms-painter-1990-teun-hocks-postcard-published-in-amsterdam.html.html.

Consultado a: 6/04/2021.

[Registo 80] – *"Room for my wife"* (Quarto para a minha mulher), Adolf Loos, 1903.

Disponível em: ANDREWS, Brian, *Ornament and Materiality in the work of Adolf Loos*, University of Nebraska-Lincoln, in https://www.acsa-arch.org/proceedings/Annual%20Meeting%20Proceedings/ACSA.AM.98/ACSA.AM.98.53.pdf.

Consultado a: 14/01/2021.

[Registo 81] – *Mountain*, Montanha. Obra de Sigurdur Gudmundsson, de 1982.

Disponível em: https://robinacrawford.com/2017/12/27/mountain1982-by-sigurdur-gudmundsson--culture-house-reykjavik/.

Consultado a: 11/04/2021.

[Registo 82] – Representação da cabana primitiva, Viollet-le-Duc.

Disponível em: https://arch3150.wordpress.com/2012/10/12/1513/.

Consultado a: 17/03/2021.

[Registo 83] - Fotomontagem realizada por Jean-Pierre Junker, sobre a casa Bianchetti, de Luigi Snozzi.

Disponível em: MONTEYS, Xavier, *Casa Collage: un ensayo sobre la arquitectura de la casa,* Pere Fuertes, Barcelona: GG, 2001.

[Registo 84] - Duas vistas interiores da casa Farnsworth, do Arquiteto

Mies van der Rohe.

Disponível em: MONTEYS, Xavier, *Casa Collage: un ensayo sobre la arquitectura de la casa*, Pere Fuertes, Barcelona: GG, 2001.

[Registo 85] - *Le fils de l'homme* (O filho do Homem), de René Magritte, 1964.

Disponível em: http://artenarede.com.br/blog/index.php/rene-magritte-a-imagem-nao-e-o-ser/.
Consultado a: 5/12/2020.

[Registo 86] - *La Boîte à Miracles* (A Caixa Milagrosa), Le Corbusier, Paris, 1948.

Disponível em: http://sleekdesign.canalblog.com/archives/2010/09/08/19015615.html.
Consultado a: 12/12/2020.

[Registo 87] – Vill'Alcina, Caminha, 1971-74, Arquiteto Sérgio Fernandez.

Fotografia da Autora.

[Registo 88] - Vill'Alcina, Caminha, 1971-74, Arquiteto Sérgio Fernandez.

Fotografia da Autora.

[Registo 89] - Vill'Alcina, Caminha, 1971-74, Arquiteto Sérgio Fernandez.

Disponível em: MILANO, Maria; CREMASCOLI, Roberto, "Sérgio Fernandez. Um Espaço de Liberdade", in *A Casa de Quem faz Casas,* Matosinhos, Cardume Editores, Lda, 2016.

[Registo 90] – Casa no Gerês, 1980-82, Arquiteto Eduardo Souto de Moura.

Disponível em: https://ofhouses.com/page/70.
Consultado a: 23/08/2020.

[Registo 91] – Casa em Moledo, 1991-98, Arquiteto Eduardo Souto de Moura.

Disponível em: https://arquitecturaviva.com/works/casa-en-moledo-0?fbclid=IwAR0cZ0Gj1a-D-FyKkIYLTBZ_OT4MzCThamx8T2mPoxA1NysA87CiVAudVUug#lg=1&slide=0.
Consultado a: 23/08/2020.

[Registo 92] - Casa em Moledo, 1991-98, Arquiteto Eduardo Souto de Moura.

Disponível em: https://arquitecturaviva.com/works/casa-en-moledo-0?fbclid=IwAR0cZ0Gj1a-D-FyKkIYLTBZ_OT4MzCThamx8T2mPoxA1NysA87CiVAudVUug#lg=1&slide=0.

Consultado a: 23/08/2020.

[Registo 93] - Casa em Moledo, 1991-98, Arquiteto Eduardo Souto de Moura.

Disponível em: https://arquitecturaviva.com/works/casa-en-moledo-0?fbclid=IwAR0cZ0Gj1a-D-FyKkIYLTBZ_OT4MzCThamx8T2mPoxA1NysA87CiVAudVUug#lg=1&slide=0.

Consultado a: 23/08/2020.

[Registo 94] – Museu *Genius Loci*, Coreia do Sul, 2008, Arquiteto Tadao Ando.

Disponível em: https://designforbyofkorea.com/2015/09/22/genius-loci/?fbclid=IwAR3FSt-r-6sE9tztivDSOEmO19ZmhK8IAkFyUyTPaze4Wkr-luyMvRJyc4ps.

Consultado a: 9/10/2020.

[Registo 95] - Museu *Genius Loci*, Coreia do Sul, 2008, Arquiteto Tadao Ando.

Disponível em: https://designforbyofkorea.com/2015/09/22/genius-loci/?fbclid=IwAR3FSt-r-6sE9tztivDSOEmO19ZmhK8IAkFyUyTPaze4Wkr-luyMvRJyc4ps.

Consultado a: 9/10/2020.

[Registo 96] – Alegoria dos 5 sentidos, óleo sobre tela, de Theodor Rombouts, Bélgica, 1637.

Disponível em: https://societadelliuto.it/ist/wp-content/uploads/BAGNATI%20COMPLETO.pdf.

Consultado a: 19/02/2021.

[Registo 97] - Casa em Nevogilde, Eduardo Souto Moura, 1983-1988.

Disponível em: http://www.cidadevirtual.pt/blau/nevo.html.

Consultado a: 23/08/2020.

[Registo 98] – (Ruína), Café do Teatro Municipal de Braga, Arquiteto Eduardo Souto de Moura. Vista da intervenção e do preexistente, 1982-84.

Disponível em: https://proyectandoleyendo.wordpress.com/2010/11/27/conversaciones-con-eduardo-souto-de-moura-xavier-guell/.

Consultado a: 23/08/2020.

[Registo 99] – Casa das Artes, Porto, Arquiteto Eduardo Souto de Moura, 1981-91.

Disponível em: https://casadasartes.gov.pt/a_casa/.

Consultado a: 23/08/2020.

[Registo 100] – Vista sobre a Fonte dos Amantes, Arquiteto Luís Barragán, 1969.

Disponível em: https://www.barragan-foundation.org/.
Consultado a: 6/02/2021.

[Registo 101] – Villa Le Lac, Le Corbusier, Corseoux, França, 1924. Vista da janela no exterior da casa.
Disponível em: https://arteez.ch/la-villa-le-lac-ouvre-ses-portes-pour-le-printemps-2018/.
Consultado a: 6/02/2021.

[Registo 102] – Quinta da Conceição, Arquiteto Fernando Távora, Porto, 1956-60.
Disponível em: https://portuguesearchitectures.wordpress.com/2014/06/20/1956-60-parque-municipal-quinta-da-conceicao-fernando-tavora/.
Consultado a: 20/08/2020.

[Registo 103] – Estruturas-*Mirante*, Campanário, ilha da Madeira.
Fotografia da Autora.

[Registo 104] - Estruturas-*Mirante*, Campanário, ilha da Madeira.
Fotografia da Autora.

[Registo 105] – Caderno de registos. Apontamentos sobre as casas-*Mirante*, ilha da Madeira.
Desenhos elaborados pela Autora.

[Registo 106] – Caderno de registos. Apontamentos sobre a disseminação das construções em Paisagem Rural, ilha da Madeira.
Desenhos elaborados pela Autora.

[Registo 107] – *Domesticando o ambiente*, ilha da Madeira, de data desconhecida.
Disponível em: https://www.ocean-retreat.com/culture/madeiras-terraced-landscape-or-poios/?fbclid=IwAR2bwsyFM8If809iY6ty3S9BS_53zwPjyE7s-bKXxWnVrosUiaWmX0jXzj8s.
Consultado a: 2/11/2020.

- Arquitetura *torna* Paisagem -

[Registo 108] – Casa *torna* Paisagem, Seixal, ilha da Madeira.
Fotografia da Autora.